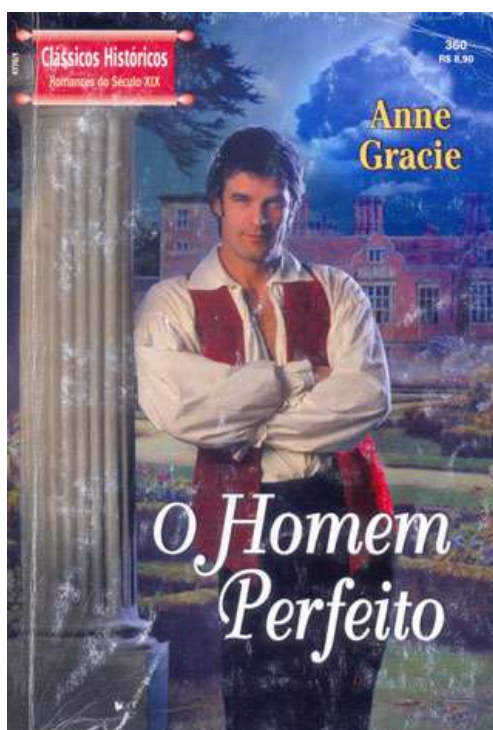


O HOMEM PERFEITO

(The Perfect Waltz)

Anne Gracie



Londres, 1818

Ele queria uma noiva... e encontrou o amor!

Os salões de baile londrinos não são o ambiente adequado para um pária da sociedade como Sebastian Reyne. Mas suas irmãs mais novas precisam urgentemente de alguém que cuide delas, e por isso Sebastian está à procura de uma moça ajuizada e responsável com quem possa se casar. Certamente, não alguém como Hope Merridew, uma jovem linda, mas impetuosa e atrevida!

Hope nota o evidente interesse de Sebastian, e se sente atraída por seu charme sedutor. Para ela, Sebastian Reyne parece um príncipe encantado, o homem que tem tudo para realizar seu sonho de dançar a valsa perfeita! Mas quem poderia imaginar que uma simples dança acenderia a chama de uma paixão tão intensa, que os envolveria numa emocionante intriga de sensualidade e desejo?

Digitalização: Vicky
Revisão: Ana Ribeiro





Querida leitora,

*Depois de **Inadequado, mas Irresistível**, Anne Gracie retorna com o segundo livro da série **Irmãs Merridew**, agora com a história de Hope e um herói mais do que fascinante! A maneira que a autora engendrou para que os personagens centrais ficassem juntos faz deste romance uma leitura deliciosa e também um retrato interessante de duas pessoas de personalidade marcante e de suas famílias. Sob a atmosfera romântica e suave do livro, há profundidade de emoções e valiosas mensagens sobre os elos que unem as pessoas e sobre o poder do amor de curar o sofrimento.*

Leonice Pomponio
Editora

Anne Gracie
O HOMEM PERFEITO!
(The Perfect Waltz)

TRADUÇÃO Silvia M. Caldiron Rezende
Copyright © 2005 by Anne Gracie Originalmente publicado em 2005 pela The
Berkley Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM THE BERKLEY PUBLISHING GROUP.
NY, NY - USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: The Perfect Waltz

EDITORA Leonice Pomponio
ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves
EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Silvia M. Caldiron Rezende

Copidesque: Maria da Penha Faria

Revisão: Luiz Chamadoira

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Prólogo

Manchester, Inglaterra, Março de 1818

A irmãzinha de Sebastian Reyne estava prestes a fazer um mergulho fatal no pavimento de pedras frias e escuras pelo tempo.

— Não pule, Cassie! Fique parada! — Ele tentava falar com calma, descendo do cavalo e passando as rédeas ao serviçal.

Mas, afinal, o que Cassie fazia no telhado?!

— Não se mova. Já estou subindo para salvá-la.

— Não quero ser salva! — Cassie gritou e deu um pequeno passo para a frente, confirmando suas intenções.

— Nesse caso, volte para dentro agora mesmo.

— Não enquanto aquela velha rabugenta estiver lá! — A menina avançou um milímetro, e todos estremeceram quando seu pezinho escorregou.

Uma telha se desfez em pedaços no chão.

Sebastian seguiu o olhar de Cassie para a janela onde a governanta, a srta. Thringstone, se debruçava. Quando a senhora o viu, soltou um som que parecia mais um ganido agudo e furioso:

— Ela me desafiou! Na verdade, me bateu! Essas garotas são incontroláveis...

— Aguarde-me em meu escritório, srta. Thringstone! Falarei com a senhora depois que Cassie estiver em segurança dentro da residência.

A governanta hesitou por um segundo, para, com toda a dignidade, se retirar.

Em seguida, Cassie quis saber:

— Ela se foi?

— Sim. — Sebastian a fitava com severidade. — E se tiver o mínimo de consciência do que é melhor para você, sairá já daí!

— Não vou entrar para levar uma surra de você também!

Também?

— Não vou bater em você, Cassie, mas terá de me dar explicações. E, se for o caso, será punida.

Com o coração aos saltos, Sebastian olhava Cassie se movendo devagar na direção do cume da casa. Outra telha se espatifou. Ela seguiu na direção da janela do sótão, e Sebastian respirou, aliviado.

— Agora a mocinha vai me explicar o que significou aquela cena.

— Não aconteceu nada, Sebastian. Eu nem sequer caí.

— Desafiou a srta. Thringstone? Cassie balançou a cabeça com rebeldia.

— Sim, desafiei! Sei que não deveria, mas não ligo. Odeio aquela mulher! — Cassie pôs o braço sobre o ombro da irmã caçula. — Nós duas a odiamos.

Pelo menos ela admitira ter feito algo errado. Já era alguma coisa. Sebastian deu uma olhada para a pequena de onze anos, Dorie, que, cabisbaixa, encolhia-se de medo.

— A função da srta. Thringstone é ensinar-lhes boas maneiras, Cassie. Sei que não deve ser fácil encarar todas as mudanças. Mas a governanta está aqui para ajudá-las.

— Nós detestamos aquela bruxa velha, e não vamos aprender nada com ela!

Sebastian ignorou o linguajar. Cassie estava fora de si, e nos últimos quatro meses ele percebeu que, se tivesse paciência para ouvi-la, na certa ela lhe daria um motivo — não necessariamente bom — para aquela atitude despropositada.

— Por que bateu nela, Cassie?

— Porque ela bateu em Dorie!

Sebastian fez uma careta. Quando as irmãs chegaram àquela casa, não passavam de duas maltrapilhas magricelas; Dorie, calada e trêmula, e Cassie, hostil e fingindo indiferença. Ele jurou, então, que daquele dia em diante elas nunca mais seriam espancadas de novo. A governanta recebera instruções claras de que, não importasse o que acontecesse, jamais poderia bater nas meninas. Em hipótese alguma. E que deveria informar a Sebastian qualquer desvio de comportamento.

— A srta. Thringstone bateu em você, Dorie? Mas por quê? Cassie se adiantou:

— Ela deu um tapa no rosto de Dorie porque ela se recusou a responder a uma pergunta!

Sebastian se enfureceu. Dorie mostrou-lhe a face, expondo a marca vermelha.

Ele ergueu a mão para tocar nos cabelos dela, mas as duas se retesaram diante do gesto.

— Subam para lavar o rosto. Cassie, você fez bem em proteger sua irmã. Portanto não receberá punição.

— Uma boa surra de vez em quando não fará mal àquelas garotas! — a srta. Thringstone declarou. — Elas não têm disciplina, respeito e bons modos!

— Creio que fui bem claro quanto à proibição de qualquer tipo de castigo físico. — Sebastian puxou uma folha de uma pilha de papéis que estava sobre a escrivaninha, entre elas uma carta de referências que a descrevia como a melhor governanta do país. Retomou a carta de demissão que escrevia.

— Se não apanharem, aquelas duas não aprenderão nunca a se comportar em sociedade. O senhor pode esquecer suas aspirações de transformá-las em damas.

— As meninas, em breve, serão apresentadas para a mais fina sociedade londrina — suas palavras foram a afirmação de um fato.

A srta. Thringstone não se intimidou. Bem-nascida e de boa educação, já havia trabalhado para as famílias mais ricas da Inglaterra. Com um tom que demonstrava seu desprezo pelo novo-rico, respondeu:

— Sr. Reyne, tenho certeza de que sua origem não lhe permite saber quais são as qualidades que uma dama refinada deve ter. Berço e criação são coisas que o dinheiro não pode comprar.

As sobancelhas dele se curvaram com sarcasmo.

— É mesmo?

A governanta bateu o pé.

— Posso ensinar qualquer mocinha a se transformar numa perfeita lady, desde que ela tenha potencial, o que não acontece neste caso. Cassandra é selvagem, desobediente, argumentativa e usa um linguajar de sarjeta. — A mulher tremeu. — Nós já discutimos sobre aquele artefato que ela carrega!

Sebastian inclinou a cabeça.

— Garanto que ela deve ter seus motivos. Com o tempo, Cassie se sentirá segura o suficiente para se desfazer daquilo.

— Permitir que uma garota indisciplinada carregue aquilo... Bem, senhor, isso beira a insanidade!

Sebastian franziu a tesa.

— Cassie disse que a senhora bateu em Dorie porque ela não respondeu a uma

pergunta.

A mulher ficou vermelha.

— Ela me desafiou.

— Teria sido mesmo um desafio?

— À maneira dela, sim. Eudora é quase tão teimosa e desobediente quanto a irmã; e continua com seus pequenos furtos.

— Pegar comida em sua própria casa não é roubo.

— Servir-se escondida da própria mesa talvez não seja. Mas entrar sorrateira na cozinha no meio da noite para apanhar o que quer que seja é roubo!

— Não nos falta o que comer. Dorie abandonará esse hábito quando entender que não passará mais fome.

— O mordomo disse que os ratos estão se tornando um problema.

— Sim, já fui informado.

— Se Eudora não for punida pelos pequenos delitos, com o tempo passará a furtar artigos de mais valor.

— Isso não acontecerá.

— O senhor será o culpado por suas irmãs não se ajustarem à sociedade! Não se importa com o mau comportamento delas, sr. Reyne!

— É claro que me importo, srta. Thringstone. Se não me importasse, eu permitiria que a senhora as surrasse. — Seus olhos azuis a fitaram com frieza. — O desafio é grande, mas estou acostumado a ultrapassar todos os obstáculos que surgem em minha vida. As meninas aprenderão a se comportar como verdadeiras damas.

— Encare os fatos, sr. Reyne. Nem com toda a fortuna do mundo o senhor conseguirá tornar aceitável à alta sociedade uma gata selvagem desbocada que carrega uma faca amarrada na coxa e uma garota que, apesar das doces feições, é mentalmente deficiente e não consegue falar.

Ela recuou sem querer diante da expressão dele, imaginando que iria levar um soco. Mas a entonação de Sebastian não se alterou:

— A senhora está demitida, srta. Thringstone. Deixe esta casa neste instante.

A governanta saiu da biblioteca. Sebastian sentou-se em sua cadeira e respirou fundo. Era a sétima governanta em quatro meses. Ele precisava de uma nova solução. Esticando-se, puxou o cordão da sineta.

— Mande entregar este bilhete para Morton Black — Sebastian ordenou assim que um criado veio atendê-lo.

Quarenta minutos depois, o administrador de Sebastian, Morton Black, chegava com seu passo manco devido à perna de pau que substituíra a que fora perdida na batalha de Waterloo.

— Outra missão confidencial, Black, que envolverá uma viagem a Londres.

Black se mostrou surpreso.

— Muito bem, senhor. De que se trata desta vez?

— Preciso de uma esposa. De um tipo específico que não será fácil encontrar. Coloquei por escrito as especificações necessárias. — Entregou uma lista a Black.

O administrador deu uma rápida passada de olhos no papel.

— O senhor não diz nada quanto à aparência dela.

— Isso não importa. O caráter é que conta. A beleza desaparece, o caráter se fortalece.

— Mas o senhor é jovem...

— As instruções não estão claras, Black?

— Sim, senhor, sem dúvida. Começarei a procura agora mesmo. Antes que Black partisse, Sebastian escreveu uma missiva para seu velho amigo, Giles Bemerton. Teria necessidade da esperteza e do conhecimento de mundo de Giles para ajudá-lo naquela empreitada.

A princípio, não lhe passara pela cabeça tornar a se casar. Mas Sebastian Reyne não era homem de fugir a suas obrigações.

Capítulo I

Londres, Inglaterra, Abril de 1818

Mas ela não tem seios! Como você pode querer se casar com uma mulher que não tem seios?! Sebastian Reyne deu de ombros.

— De acordo com o relatório de Black, a fama preenche todos os requisitos necessários. Além do mais, é claro que lady Elinore tem seios. É uma mulher, não é?

— Quem pode ter certeza? — Giles Bemerton meneou a cabeça, sombrio. — Envolta em mil camadas de roupas como costuma andar, quem poderia garantir?

— O que está dizendo é bobagem, Giles.

Os dois conversavam numa sala minúscula que era parte da residência de solteiro que Giles costumava ocupar quando estava em Londres. Era tarde, e o fogo da lareira quase se extinguiu.

— Além do mais, Elinore é quase dez anos mais velha que você.

— Apenas seis. — Sebastian tomou um gole de seu conhaque.

— Ela foge das pessoas e do casamento e, apesar da aparência, deve até ter recebido alguns pedidos. O pai da dama deve ter deixado uma boa herança. Por que Elinore iria querer mudar de idéia agora?

— Porque não tem opção. A mãe morreu no ano passado, deixando-a sozinha no mundo, e Elinore só receberá a fortuna paterna depois de três anos de casamento.

— Entendo. Mas você não precisa do dinheiro. Sendo assim, por que se unir a uma solteirona como lady Elinore? Sabia que já dancei com ela? Na ocasião, Elinore fez questão de deixar bem claro que me achou repugnante!

Sebastian conteve o riso. Giles era bem apanhado e costumava fazer muito sucesso com as mulheres.

— Outro ponto a favor. A lady demonstra ter bom senso.

— É excêntrica, isso sim! A única paixão dela é o trabalho com órfãos e necessitados.

— Giles se arrepiou. — Eu lhe digo, isso é loucura. Por que alguém iria querer se casar com lady Elinore Whitelaw, enquanto o mercado está repleto de mocinhas alegres e bonitas?

Sebastian se encontrara com lady Elinore na semana anterior. O assunto girou em torno de trabalhos de caridade, e as respostas dela confirmaram sua escolha. Lady Elinore dedicara grande parte de sua vida a um trabalho com crianças órfãs. Sem dúvida era a pessoa certa para seus propósitos.

— Basta, Giles. Minha decisão está tomada. Quero uma mulher séria e corajosa para lidar com minhas irmãs, e não uma garota bonita que só pensa em bailes e diversões.

— Mas vocês não têm nada em comum, Sebastian.

— Não me importo. O importante é ter uma esposa que me ajude a oferecer um lar e

uma família estáveis para minhas irmãs. Tenho de recuperar a confiança delas.

— O que quer dizer com isso? Você é a pessoa mais confiável que conheço.

— Obrigado, meu amigo. Mas as duas passaram por experiências que deixaram marcas profundas.

— Sinto muito, Sebastian. Sei o quanto você se preocupa com aquelas meninas.

Ninguém imaginava o quanto doía em Sebastian o fato de suas irmãs não confiarem nele.

— Conto com a experiência e o bom senso de lady Elinore para me auxiliar nesse propósito.

— Bom senso! — Giles fez um esgar. — E quanto ao amor?

— Amor é uma mentira contada para as crianças.

— Não, Sebastian; trata-se de um jogo muito divertido, isso sim.

Sebastian esboçou um sorriso cheio de sarcasmo.

— Você perdeu o romantismo, e tudo por culpa de sua falecida e do pai dela.

— Faça o favor de se referir com mais respeito a meu sogro e a minha mulher. Se não fosse por eles, nada disto poderia estar acontecendo. Temos de aceitar os altos e baixos da vida.

— Sei disso, mas, mesmo assim, depois de tudo o que eles lhe fizeram...

— Sim, e eu sou uma flor de pessoa. Agora pare com essa história, Giles.

— Meu Deus, como você é teimoso! Sebastian deu risada.

— Afinal, vai ou não me ensinar a cortejar uma dama da sociedade londrina?

— Eu não perderia isso por nada no mundo!

— Sabia que podia contar com você, Giles. — Sebastian pousou a taça vazia e se espreguiçou. — Bem, tenho um compromisso amanhã, bem cedo. Aulas de dança de salão.

Giles soltou uma gargalhada.

— Creio que não posso perder isso.

— Experimente correr o risco, Bemerton!

— O mundo todo veio parar aqui! — Giles dizia, dez dias depois, ao entrar com Sebastian no salão de baile da Frampton House.

Ele ia indicando todas as pessoas interessantes, e Sebastian ouvia sem o menor interesse, pois estava lá por um único motivo.

— Você viu lady Elinore?

— Sim, sim, logo ali — Giles respondeu, impaciente.

— Ótimo. Não percamos mais tempo. Rápido, Sebastian foi ao encontro dela.

— Um pouco mais de sutileza, caro Sebastian, é só o que lhe peço — Giles sussurrou, ao ser arrastado pelo amigo em meio à multidão. — Tenho uma reputação de homem fino a zelar. Portanto, devagar!

Sebastian sorriu, sem diminuir o passo. Queria acabar com aquela etapa o quanto antes e voltar para o que sabia fazer melhor: trabalhar.

— Lady Elinore? — Sebastian se inclinou, fazendo uma reverência.

De soslaio, viu Giles lançando um olhar para lembrá-lo da conversa que haviam tido e, sem pensar, Sebastian a analisou. Giles tinha razão: ela parecia não ter seios.

— A senhorita está encantadora, milady.

Tanto ela quanto Giles estampavam um certo estranhamento no semblante. Lady Elinore era uma mulher pequena, muito pálida e magra, com cabelos acinzentados presos para trás num coque apertado e coberto com um chapeuzinho estranho. Naquela ocasião, usava um vestido liso cinza-escuro. A tonalidade roubava toda a cor de sua pele, e o corte reto e severo do traje não valorizava seus contornos.

— Como o senhor tem passado, sr. Reyne? — lady Elinore murmurou. — Espero que esteja melhor, hoje. — Acrescentou Giles.

— Ah, sim, meu amigo, o sr. Giles Bemerton. Creio que vocês já se conhecem.

Lady Elinore cumprimentou Giles com uma frieza desconcertante.

— Acho que não.

Era evidente que lady Elinore não se lembrava de já ter dançado com Giles. Sebastian assistiu a seu amigo engolindo a humilhação e se inclinando com graça.

Para poupar Giles de maiores embaraços, Sebastian convidou Elinore para a próxima dança.

Sebastian percorria o salão de dança, impaciente. Fazer a corte era uma tarefa cansativa, e aquele mundo de gente elegante e fútil o deixava exausto.

Era um mundo de beleza e frivolidade, onde as pessoas eram superficiais e não faziam a menor idéia da luta que a maioria dos seres humanos tinha de enfrentar em prol da sobrevivência. Seus corpos eram robustos e bem alimentados, sem sinais de fome e mutilações por longas horas de serviço repetitivo numa fábrica.

Sebastian não pertencia àquele meio. Não fazia parte da alta sociedade. Não tivera uma infância encantadora como a maioria dos ali presentes.

Olhou para suas mãos calejadas, para seus dois dedos deformados da mão esquerda. Giles o avisara para que usasse luvas o tempo todo, mas Sebastian não quis. Recusava-se a esconder sua verdadeira imagem.

No intervalo entre uma dança e outra, Sebastian foi surpreendido por algo inesperado.

— Quem é aquela, Giles?

— Até que enfim! Quero dizer: excelente! Existem dúzias de mulheres bonitas aqui. Não que você esteja interessado em nenhuma outra além de lady Elinore, pelo que sei. Mas não dói nada admirar. Qual delas lhe chamou a atenção?

Qual delas?, Sebastian se indagou. Havia apenas uma. Giles podia achar que existiam dúzias de belas mulheres naquele salão, e estava certo. Mas aquela que via não era apenas formosa; era estonteante.

A jovem dançava, deslizando pela pista num deslumbrante vestido azul-celeste, e por um instante seu olhar se encontrou com o de Sebastian, que ficou sem fôlego. De estatura média, suas formas eram delgadas e perfeitas. Os cabelos, dourados, não amarelos, com cachos macios em torno da cabeça. A pele, alva e tenra. A distância, não era possível ver a cor de seus olhos, mas eram grandes, e Sebastian imaginou que seriam azuis. Quanto ao rosto, não tinha palavras para descrevê-lo; era sem dúvida o mais lindo que já vira.

Uma face de anjo, sem a presunção e a calma artificial que os anjos das pinturas costumam ter. Aquele a sua frente possuía o brilho da vida, com um delicioso quê de travessura somado à alegria de viver.

Sebastian a observava, fascinado. Era uma bela lady, mimada e protegida de todo o mal do mundo, que fora criada para o prazer e a alegria. Bastava um simples olhar para se perceber que a jovem só queria dançar, se divertir.

Ao contrário de Sebastian, que passara a maior parte de seus dias no meio da fumaça, do barulho, da sujeira e da privação. Mesmo tendo se tornado rico, ainda pertencia àquele meio. A única razão que o levava a entrar no ambiente esplêndido da sociedade londrina foi a necessidade de encontrar uma esposa.

Tinha de ser uma mulher forte, que conhecesse as agruras da existência, cujo companheirismo permitisse que ela superasse os obstáculos junto dele.

Aquela fada perfeita e jovial nem de longe seria essa companheira.

Ninguém tinha o direito de arrasar com aquele espírito virtuoso. Se ele a arrastasse para seu mundo triste, a alegria e vivacidade dela seriam esmagadas, e a moça morreria de desilusão como a mãe dele. Nenhum homem poderia passar por aquilo duas vezes. Com certeza, Sebastian não. Sua porção de culpa era o suficiente.

Porém, não havia mal nenhum em continuar apenas se deleitando. Se um gato podia ficar olhando para uma rainha, Sebastian Reyne poderia fazer o mesmo com aquele

anjo.

Com um cutucão, Giles o despertou para a realidade. Sebastian tossiu e ajeitou a gravata.

— Podemos ver tudo daqui. — Ele estalou os dedos para um garçom que passava e pediu uma bebida. — Agora me diga, Sebastian, qual das moças lhe chamou a atenção? Ah, já sei! Deve estar encantado com uma das gêmeas virtuosas. Elas são lindas, e tão parecidas como o reflexo de um espelho.

Sebastian meneou a cabeça. A garota que vira era única.

— Só perguntei por curiosidade, Giles. Você sabe que só estou aqui por causa de lady Elinore.

— O curioso é que uma delas é destra, e a outra, canhota. Só não sei quem é quem. A canhota não gosta que saibam desse pormenor. Mas me disseram que a diferença marcante está na personalidade delas. Faith é a mais quieta, e Hope, a mais alegre. Não que eu tenha muita intimidade. Garotas de respeito que estão à procura de um marido não fazem meu tipo, você sabe.

— Sim, eu sei. Mas isso não importa, Giles. Já fiz minha escolha.

— Em qual das duas está de olho? Na que está dançando ou naquela ao lado de lady Augusta? Lady Augusta é uma senhora encantadora. Sir Oswald Merridew, o sujeito que está dançando com uma das gêmeas, é enamorado da lady. Soube que ele a pediu em casamento inúmeras vezes, mas ela sempre recusa.

Sebastian bufava, enquanto Giles tagarelava. Não podia estar menos interessado se a exuberante lady tinha um namorado ou não. Seu único interesse era saber o nome da bela criatura de azul.

— Afinal, Giles, qual o nome da dama de azul?

— Uma das gêmeas, então. Mas ambas estão de azul. Você tem bom gosto, Bas. Ambas são criaturas gloriosas. Muito sensíveis, sérias e respeitosas. Mas a qual das duas se refere?

Sebastian franziu o cenho. Elas eram idênticas. Giles tomou a cutucá-lo, impaciente.

— A de vestido azul-celeste ou a de anil? Houve uma longa pausa.

— A que dança com aquele senhor.

— Certo. O cavalheiro que a conduz é sir Oswald Merridew, tio-avô dela. Creio que é a srta. Hope. Não posso garantir.

— Srta. Hope?

— Ou talvez seja a srta. Faith. Já disse que confundo as duas.

— Entendo.

Hope era o nome dela. Ou Faith. Com esforço, Sebastian desviou-se para a irmã, que não estava dançando. De fato a semelhança impressionava, mas sua fada tinha um brilho especial.

— Qual o sobrenome das moças?

— É Merridew, da família Norfolk Merridew. Elas têm ainda outras irmãs: Prudence, que agora é lady Carradice; e Charity, que se casou com o duque de Dinstable; e acho que ainda tem mais uma chamada Grace, a caçula. As gêmeas vivem com sir Oswald.

Giles esfregou as mãos.

— Bem, siga-me, vamos dar um jeito de apresentá-lo. Sebastian segurou o braço do amigo.

— Não, obrigado. Só estava curioso.

— Não quer ser apresentado às gêmeas virtuosas? Não se trata de uma beleza comum. Elas são encantadoras. A srta. Faith é doce e suave, e a srta. Hope... tenho quase certeza de que é a que está dançando... é muito alegre. Veja por você mesmo.

— Posso perceber. — Sebastian se esforçava por demonstrar indiferença. — Ela chamou minha atenção pela maneira como se movimenta. Com uma certa... exuberância.

— Ah, sim... Isto é verdade. Ela é mesmo muito exuberante. Mas com muita

decência. De um modo muito sensível e extremamente racional. Não frívola.

— Pare com isso, Giles! Giles riu.

— Na realidade, acho que você deveria conhecê-las. Aquelas garotas são diferentes. Não fingem tédio só para impressionar. Quando gostam de algo, elas demonstram!

— Sei. — Sebastian observava a fada de azul rodopiando na pista e deixando todos os homens boquiabertos. — Como você mesmo disse, posso ver que se trata de uma moça de sorriso fácil, que o lança para todos os homens que estiverem a sua frente. Creio que é esse tipo de comportamento que a sociedade tanto admira.

Sebastian virou-se de costas para ela, fingindo desinteresse. Tinha de ignorá-la. Aquela dama era tudo o que ele não queria como esposa. Lady Elinore Whitelaw, sim, era perfeita para suas necessidades.

— Você me entendeu mal, Bas! São garotas de respeito, e não daquelas...

— Isso não faz diferença, Giles. Sabe muito bem que estou aqui para fazer a corte a lady Elinore, e não para conhecer bonequinhas mimadas e acostumadas a terem tudo o que querem. Lady Elinore é um mulher madura, e não se compara a essas irmãs Merridew. Agora, chega dessa história. Vamos circular um pouco. Você veio para apreciar as belezas em exibição, não é?

Giles piscou, sarcástico.

— Posso aceitar sua falta de sutileza, apesar de saber que você sabe ser sutil quando quer. Mas, Bas em exibição? Isto chega ser vulgar!

Sebastian arqueou as sobrancelhas.

— Ei, Giles! Vai começar a quadrilha. Você prometeu dançar com lady Elinore, não foi?

Giles deu uma guinada e se apressou na direção de lady Elinore. Sebastian quase sorriu, observando a dupla se preparando: Giles cheio de graça e charme em seus trajes impecáveis, e lady Elinore rígida e cheia de formalidade em seu vestido sem graça.

— Sra. Jenner, quem é aquele cavalheiro? — Hope Merridew se dirigia a sua acompanhante, uma senhora de meia-idade muito bem vestida.

Hope o notara durante os últimos acordes da melodia. Seu olhar penetrante pareceu tocá-la fisicamente, com uma força tão intensa que a deixou arrepiada.

Alto e musculoso, ele exibia o tipo de solidez e vigor que a assustava. Após uma infância sob o jugo de seu alto, poderoso e insano avô, Hope jurara para si mesma que jamais se colocaria nas mãos de um homem como aquele outra vez.

Um estremecimento a percorreu. Não que estivesse com medo, pois desde que ela e Faith escaparam da truculenta custódia do avô nada mais a assustava com facilidade. Mas havia algo de tão... peculiar na maneira como o desconhecido a encarava!

Desde que chegara a Londres, Hope se acostumara aos olhares curiosos. As pessoas têm um certo fascínio por gêmeos; e as irmãs sempre foram alvo de olhares e comparações em busca de diferenças e semelhanças entre elas.

Mas aquele homem a fez sentir-se diferente de alguma forma. Como se ele não estivesse analisando as gêmeas; olhava apenas para ela.

Sebastian — pois outro não era se não ele — se inclinou e disse algo a Giles. O contraste entre os dois homens era divertido; o sr. Bemerton era magro e elegante, com uma aparência reluzente. Sebastian, grande e enigmático, tinha traços fortes e um semblante meditativo e melancólico.

A bela e a fera, diria Hope. Não que ele fosse uma fera de fato, mas a vida havia deixado marcas em seu rosto. Mesmo à distância dava para ver que seu nariz fora quebrado uma vez. No entanto, não foi seu olhar severo e triste que tanto intrigou Hope,

mas sim a maneira indiferente como ele se movimentava, parecendo um príncipe guerreiro em meio à civilização. Não com uma pomposa arrogância, mas com uma segurança serena.

— Hum... Qual deles, minha querida? — A sra. Jenner olhava ao redor.

— Aquele alto, que parece estar vestido para um funeral e circula pelo salão de cenho franzido. Creio que nunca o vi antes.

Decerto jamais o vira. Afinal, quem poderia esquecer alguém assim?

A sra. Jenner ergueu o monóculo.

— Para um funeral você disse? Metade dos jovens de hoje se vestem desse jeito, minha bela. Em meu tempo eles se trajavam como jovens pavões, em calças de cetim e casacas maravilhosamente bordadas. Ah, céus, aquele rapaz! O garoto sapeca, Giles Bemerton, está introduzindo o sujeito nas melhores rodas, apesar de eu não ter certeza de que deveria.

— E por que não?

— O homem parece um estivador! — A sra. Jenner suspirou. — Não me espanta. Com sua origem...

Como se tivesse percebido que era o tema da conversa, Sebastian girou o pescoço de leve e as encarou. Mais precisamente Hope. Não havia nenhuma sutileza no olhar dele. Era uma expressão clara e direta de desejo.

Sem forças para quebrar o encanto, Hope sentiu uma quentura súbita percorrê-la por inteiro.

A sra. Jenner estalou os dedos.

— Não olhe, minha querida! Aquele sujeito não serve para você.

A breve troca de olhares a abalou muitíssimo, e a atingiu de uma maneira nunca imaginada. Hope queria passar perto dele, olhar dentro de seus olhos, ouvir sua voz, tocar suas mãos.

Seria o homem de seus sonhos? Não podia ser. O destino não poderia ser tão cruel. Não queria um homem forte e com jeito autoritário, que lembrasse seu avô.

Desfilando pelo salão, elas encontram um lugar para sentar. Com os joelhos trêmulos, Hope se acomodou com graça. A sra. Jenner despachou alguns jovens que se aproximaram, e, em seguida, sentou-se ao lado da srta. Faith.

— Deixe-nos descansar um pouco, por favor, cavalheiros. As garotas e eu temos de recuperar o fôlego.

Os rapazes se afastaram, sem jeito.

Mesmo de longe, Hope continuava observando Sebastian. A estatura dele facilitava. O sr. Bemerton cumprimentava vários conhecidos aqui e ali, apresentando seu amigo, que respondia com educação, apesar dos ares de tédio.

Ele se abaixou e fez alguns comentários com o sr. Bemerton, que tombou a cabeça para trás e riu. O olhar feroz desapareceu, dando lugar à ironia e ao humor. Era mais jovem do que Hope supusera. Quase da mesma idade de Giles Bemerton; algo em torno de trinta anos. Estranho como pareceu-lhe mais velho antes, como se carregasse um fardo.

Uma amizade interessante, Hope concluiu. Não conhecia o sr. Bemerton muito bem, mas ele sempre pareceu-lhe uma pessoa alegre, um *bon vivant*, como a sra. Jenner diria, com algo de libertino. Era difícil crer que pudesse ter amizade com alguém tão sério e fechado.

Tomando um refresco, Hope retomou seu tom casual:

— Sra. Jenner, por favor me diga: quem é ele? Confesso que estou curiosa. O cavalheiro me parece deslocado, mas ao mesmo tempo demonstra não se importar.

A sra. Jenner suspirou, hesitou, então falou entre os dentes:

— Ele é um cogumelo. Hope deu risada.

— Um cogumelo bem grande, a senhora não acha? Deve ter mais de um metro e

oitenta.

— Quieta! Sabe bem o que eu quis dizer, Hope. Trata-se de um forasteiro, um novo-rico! Mais: o homem não serve para uma lady. Giles Bemerton precisa ser advertido! Aquele safado deve ter persuadido o pobre rapaz a apresentá-lo à sociedade. Não há outra explicação, pois o sr. Giles pertence a uma família tradicional, e tenho certeza de que em hipótese alguma se envolveria com um desclassificado como aquele.

— É mesmo? — Faith indagou. — A senhora acha que o tal chantageou o sr. Bemerton para alcançar seus propósitos?

— Como eu poderia estar a par desses detalhes sórdidos? Mas deve ter alguma coisa envolvida, como dívida de jogo ou aposta. Guarde minhas palavras.

— Eu não teria tanta certeza. — Hope julgava os dois homens, pensativa. Dava para ver que existia um afeto sincero entre eles.

E, além do mais, para alguém que talvez tivesse comprado seu ingresso naquele meio, ele não parecia se esforçar muito para se integrar. Os novos-ricos faziam de tudo para agradar. A menos que o cavalheiro imaginasse que demonstrar aborrecimento e impaciência fosse uma atitude encantadora.

— Como a senhora disse que se chama?

— Eu não disse. — A sra. Jenner tomou um gole de seu ponche. — A decoração não está uma beleza?

— Sim, muito elegante. O nome dele é...

A determinação de sua acompanhante em mudar de assunto era irritante. Hope sabia que tio Oswald esperava que ela e Faith fizessem um ótimo casamento, de preferência com um duque ou um marquês.

A sra. Jenner abriu o leque e se abanou com vigor.

— É lógico que é encantador da parte dos Frampton terem convidado todas essas pessoas, mas, meu Deus, está muito quente aqui!

— Sim, muito quente — Hope disse, amável —, mas a brisa que entra pela janela é bem refrescante, não é? Posso descobrir como o estranho se chama com outra pessoa, sra. Jenner. Tenho certeza de que uma dúzia de convidados ficaria muito feliz em me dizer. Todos adoram um mexerico, não é mesmo?

— Muito bem! É Sebastian Reyne. Sebastian Reyne. Combinava à perfeição.

— E o que mais a senhora sabe sobre o sr. Reyne? A sra. Jenner fitou o teto.

— Ele surgiu do nada, tem muito dinheiro, apesar de sua riqueza ser procedente da... lama.

— O sr. Reyne não tem família?

— A família Reyne é muito conhecida, mas Sebastian não é considerado parente.

— Quer dizer que ele é ilegítimo? Se for isso, é uma lástima, mas não vejo razão para que seja estigmatizado por isso. Conhecemos várias pessoas que são ilegítimas. Não é segredo algum.

— Hope ficara indignada.

— Menina! Não ouse compará-lo a nossa gente! Tudo o que falei foi que a família Reyne não o conhece. Qualquer um pode usar um sobrenome. Se Sebastian tem o direito é outra história.

— Bem, por que é tão indesejado, então? — Faith perguntou.

— Parece-me meio sinistro, e não deixa de ser intimidante. Sinistro era um pouco forte demais, na opinião de Hope. Intimidante, sim. Sebastian continuava a olhando e dava a impressão de que a qualquer momento iria apanhá-la e levá-la dali.

Hope imaginou como seria ser carregada por um homem como aquele. Ah, sim, seria muito bom! A sra. Jenner meneou a cabeça.

— Não estou dando minha opinião baseada nas aparências, apesar de concordar com você, querida; ele é nojento.

— Nojento! — Hope se voltou para ela. — Não concordo, de modo algum. Muito

sério, sem dúvida, mas há uma certa... masculinidade nele que o torna atraente.

Ela sentiu os olhares surpresos da irmã e de sua acompanhante.

— Eu não quis dizer... Você me conhece muito bem, Faith.

Sebastian não faz meu gênero. Mas não há como negar que é interessante.

Muito mais que isso, na verdade. Era forte, másculo, excitante e a olhava com uma fome e um desejo que Hope nunca vira nos olhos de nenhum homem, até então.

— Sra. Jenner, não se preocupe. Hope nunca se interessaria por alguém como aquele rapaz.

— Por que diz isso, Faith? — a sra. Jenner indagou, espantada. Faith sorriu.

— É óbvio. Mude um pouco os traços dele e o imagine com mais cinqüenta anos, e a senhora estará olhando para vovô.

— Faith! Sebastian não tem nada a ver com vovô!

— Repare bem, Hope. É tão alto, forte e carrancudo quanto nosso avô.

Hope foi obrigada a admitir que a irmã tinha razão. Por fora, o sr. Reyne lembrava mesmo o avô.

Mas, apesar das palavras de Faith, a sra. Jenner continuou de olho em Hope como um falcão. Do outro lado do salão, Sebastian continuava observando; um predador muito maior. A provocação era irresistível.

Hope esperou que ele a fitasse de novo, e então abanou o leque com um tom de flerte, não o suficiente para parecer um convite explícito, mas um sinal discreto de que também o observava.

Sebastian endureceu a expressão e deu-lhe as costas. Hope sorriu consigo mesma. Então o sr. Reyne não aprovou o flerte dela...

A sra. Jenner segurou seu braço e a repreendeu:

— Não brinque com fogo, senhorita, pois aquele homem é perigoso! Dizem que está à procura de uma esposa, e tenho dó da pobrezinha que for apanhada.

— Por quê? — Hope ficou um tanto perturbada com o que acabou de ouvir. — Por que dó?

Contudo, quando a sra. Jenner ia explicar, dois rapazes se aproximaram das gêmeas para convidá-las para dançar.

Rodopiando na pista Hope, podia ver que Sebastian voltara a observá-la, e assim continuou durante toda aquela música.

Todavia, o alerta da sra. Jenner ainda a perturbava.

Hope não se considerava mais uma mocinha ingênua que precisava contar com os pareceres da sra. Jenner, mas depois que suas irmãs Prudence e Charity se casaram, tio Oswald decidiu que seria bom ter alguém para ajudá-lo a tomar conta das gêmeas; enquanto ele se concentrava em seu namoro com lady Augusta Montigua Del Fuego. A escolhida foi a sra. Jenner. Ela era uma prima distante e, apesar de ser um tanto tola, conhecia toda a nata da sociedade londrina. O que seria muito útil!

A próxima dança estava prestes a começar, mas a atenção de Sebastian não era mais para Hope. Ele conversava com uma mulher. Hope se levantou para ver melhor e se espantou ao constatar que Sebastian falava com lady Elinore Whitelaw.

Hope piscou várias vezes. Lady Elinore? Quem imaginaria que um cavalheiro viril como aquele estaria interessado numa solteirona convicta como lady Elinore?

No entanto, suas conjecturas foram interrompidas por um jovem que veio tirá-la para dançar.

Na pista, os olhinhos de Hope acompanhavam o casal inusitado. Os dois juntos faziam um contraste estranho. Ele, muito alto, moreno e ameaçador. Ela era pequena, pálida e sem graça.

Assim que o número terminou, Sebastian conduziu Elinore para a sala de jantar. Os dois compartilhavam a mesa com o sr. Bemerton e sua parceira, uma dama muito bonita,

com um vestido de seda verde.

Após o jantar, Hope voltou para a pista de dança, várias vezes, deslizando com sua altivez e beleza de sempre. E se estava mais quieta do que de costume, seus parceiros não se haviam dado conta, pois se achavam alegres demais por terem a honra de dançar com uma das gêmeas.

Mas à medida que a noite ia chegando ao fim, Hope foi perdendo as esperanças de ser procurada pelo sr. Reyne. Aborrecida, disse a si mesma que havia feito papel de boba, olhando para um sujeito que não se dera sequer ao trabalho de vir lhe falar pessoalmente. Além do mais, a última valsa já ia começar, e Hope teria de escolher quem seria o felizardo a tirá-la para dançar.

A última valsa era a preferida de Hope, e tudo por causa de um sonho que ela e Faith tiveram. Um sonho encantado, de amor e destino, que elas acreditavam ter-lhes sido enviado pela falecida mãe. Quando ambas despertaram, de madrugada, e conversaram foi sensacional: tinham sonhado a mesma coisa, porém com algumas diferenças sutis.

No de Hope, ela se viu envolvida na luz fria do luar, cercada por sombras ameaçadoras. Sentia-se desesperada e com muito medo, quando então um homem surgiu, ergueu-a em seus braços e de repente eles estavam valsando. Apesar de não ter visto o rosto dele, Hope nunca se esqueceu desse sonho e da maravilhosa sensação que teve ao valsar com seu herói desconhecido.

O de Faith era muito semelhante, com a diferença que o herói dela, em vez de dançar valsa, tocava uma música maravilhosa e contagiante.

O poder do que sonharam era tão forte que nenhuma delas pôde se esquecer. E as nutriu de esperança enquanto viveram com o avô. E, desde que chegaram a Londres, Hope adquiriu o hábito de nunca reservar a última valsa para ninguém; deixando sempre para escolher o parceiro no último segundo. Quem sabe aquele seria seu momento mágico?

O costume já era conhecido por todos. Apesar de não saberem o motivo, o resultado era sempre um pequeno aglomerado de cavalheiros que se aproximavam, no final do evento, torcendo por serem escolhidos.

Uma voz suave se fez ouvir:

— Srta. Merridew, gostaria de lhe apresentar um amigo que adoraria ter a honra de dançar a valsa com a senhorita.

— Quem sabe... — Hope respondeu, muito alegre, e levou um susto quando, ao se virar, deparou com o ilustre cavalheiro em questão.

Por um momento, ela mal pôde respirar. O olhar dele a devorava. Hope o encarou, encantada.

— Sr. Giles, que bom vê-lo — a sra. Jenner cumprimentou, com um largo sorriso. — Como vai sua mãe? — A senhora sorriu mais uma vez. — Então você quer dançar com a srta. Hope, meu rapaz?

Ela pôs a mão de Hope sobre o braço de Giles.

— É claro que dou minha permissão.

Mas Giles, muito esperto, transferiu de imediato a mãozinha da dama para o braço de Sebastian.

— É o sr. Reyne quem deseja dançar com a srta. Merridew. Sebastian conduziu Hope para a pista, e a sra. Jenner, sem poder fazer mais nada, seguia com Giles, que a conduziu a um local distante dali.

De perto, o sr. Reyne parecia ainda mais alto e muito mais intimidante. E era bem mais bonito também.

— Então, srta. Merridew... me dará a honra da próxima dança? Hope hesitou, olhando para a poderosa mão que Sebastian lhe estendia, cheia de cicatrizes. A presença física dele era potente e desconcertante. Na verdade havia algo naquele homem que a

intrigava. Os cavalheiros ao redor notaram a incerteza, e já se aproximavam para tentar a sorte, quando ela afirmou:

— Sim, sr. Reyne. Eu aceito.

Sebastian sentiu-se um ogro esmagando os dedinhos de uma fada. Então, pousou a outra mão em torno da cintura dela, experimentando, sobre o delicado tecido do vestido, a saliência quente de sua carne.

Como conseguiria dançar quando o desejo era de abraçá-la? Temendo perder o controle, segurou Hope com firmeza a uma distância segura e deu o primeiro passo, como se estivesse saltando para um desfiladeiro. Sem olhar para baixo.

E Sebastian Reyne não costumava agir por instinto, e sim pela lógica e pelo bom senso.

Porém, o que sentia naquele momento era volúpia, e volúpia nunca vinha acompanhada da lógica e do bom senso.

— É costume conversar enquanto dançamos, sr. Reyne.

Conversar?, Sebastian pensou. Mas como seria possível encontrar algo para dizer com uma mulher como aquela em seus braços?!

Mesmo que soubesse o que dizer, não podia garantir que sua voz iria sair. Sua boca estava seca, a língua, grossa, e toda sua anatomia reagia a Hope.

— Ah, é claro! Pode falar, então — foi a saída dele.

Uma risada macia flutuou no ar, que soou como água na fonte, como gotas de chuva e diamantes.

Sebastian se arrepiou, e sua imaginação o fez ver-se apertando-a e beijando-a até que eles perdessem os sentidos.

Mas achavam-se no meio do salão de baile. *Um, dois, três. Um dois, três*, Sebastian contava mentalmente.

— Nunca o vi num baile antes. O senhor é novo em Londres?

— Sim, eu sou.

— Pretende passar muito tempo aqui?

— Não muito.

Apenas o necessário para se casar com lady Elinore.

— Que pena... Há tantas coisas boas para aproveitar em Londres! — exclamou.

Havia muita coisa boa para aproveitar nos braços dela, naquele momento.

Sebastian continuava tentando se concentrar, mas o delicado perfume de Hope o inebriava. Era um delicado cheiro de mulher com um toque de... rosas? Baunilha?

O salão estava repleto, lotado de gente aquecida e mil perfumes diferentes. Como então podia estar sentindo o aroma dela? Mas o fato era que podia. Que delícia a delicada fragrância daqueles cachos dourados!

Hope se apoiou nele, entregando-se por completo ao condutor, respondendo a cada movimento dele como uma pluma pairando ao vento. Os lábios dela estavam entreabertos, e os olhos, meio fechados. Ela suspirou.

— A valsa é uma dança divina. O senhor não acha, sr. Reyne?

— Não, não acho — Sebastian resmungou, sem conseguir tirar os olhos dos lábios dela.

Tão perto... e tão longe. O castigo de Tânatos.

Os olhos dela se arregalaram, surpresos, e Hope sorriu.

— O senhor me intriga. Se não gosta da valsa, por que me tirou para dançar?

Um casal vinha na direção deles, e o choque seria inevitável. O homem, um camarada obeso vestindo uma calça roxa e um casaco brilhante, dava a impressão de estar bêbado, e mesmo depois de Sebastian o alertar com um olhar frio, o sujeito titubeou. A parceira dele tentou segurá-lo, mas o peso foi muito para ela, que o soltou.

Sebastian puxou Hope contra o peito e virou-se de costas, formando um círculo de proteção, impedindo com um braço que o homem se chocasse contra eles.

Sebastian segurou o estranho pelo colarinho e o jogou longe.

— Desculpe-me, companheiro. Escorreguei. Esse chão encerado é uma desgraça! — dizia o bêbado, muito sem jeito.

— Devia ser proibido por lei um cavalheiro se deixar levar pelo conhaque dessa maneira. — E Sebastian retomou a dança com Hope. — A senhorita está bem?

— Obrigada, estou sim. — Hope ficou corada, mas não fez nenhum movimento para tentar se livrar do abraço de Sebastian. — Mas e o senhor? Tudo certo? O choque foi violento.

— Imagine, senhorita. Seria necessário muito mais do que o encontrão de um senhor ébrio para me derrubar.

Ela franziu a testa como se não estivesse convencida, e sua preocupação chamou a atenção dele. Desejando tranquilizá-la, Sebastian flexionou o braço umas duas vezes.

— Viu? Nenhum dano.

Hope o fitava com um sorriso no rosto, sentindo-se aquecida contra o tórax dele.

Talvez estivesse mais trêmula do que queria admitir. Moças bem-nascidas tinham de ser muitíssimo delicadas. A srta. Hope era bela e esbelta e parecia ser frágil o suficiente para se quebrar. Sem dúvida fora superprotegida durante toda a vida. A trombada com o lorde bêbado devia tê-la deixado zozado. Era por isso que estava recostada contra ele, sem se dar conta do ato impróprio. Só poderia ser essa a razão. Uma dama como aquela jamais encorajaria os avanços de alguém como ele.

O lado primitivo de Sebastian queria se aproveitar da distração dela, mantê-la ali, aninhada contra si por mais tempo; de preferência para sempre. Contudo, a parte sensata sabia que aquilo era uma fantasia tola e o lembrava de que sua obrigação era proteger a reputação dela, assim como o corpo da jovem. Desse modo, Sebastian se afastou, dizendo, gentil:

— A senhorita está tremendo. Devo trazer-lhe um refresco? Ou prefere se sentar?

Hope riu.

— Oh, céus, não! Não sou uma criatura tão fraquinha quanto pareço. E não desperdiçaria nem um segundo da nossa primeira valsa. — Lançou um sorriso estonteante e disse: — Estou adorando. E o senhor?

Sebastian tropeçou e ficou contando mentalmente: *Um, dois, três. Um dois, três...*

Nossa primeira valsa...

Sebastian precisou de alguns minutos para recuperar o ritmo. O jeito dela e suas palavras impediam-no de fixar a atenção ao que fazia. Mas se havia algo de que se orgulhava era de seu autocontrole, e logo eles já voltavam a rodopiar, com toda a segurança.

Intrigado com a colocação dela, afirmando que aquela era a primeira valsa deles, Sebastian buscou-lhe o olhar, na esperança de achar alguma pista sobre o que ela quisera dizer com aquilo. E, para sua surpresa, Hope também o observava. E a beleza dela o deixou zozado. O rosto de seu anjo resplandecia de alegria.

— Tudo bem. Não me importo que o senhor volte a ficar calado. É difícil dançar e falar ao mesmo tempo. Eu entendo, e prometo que não o incomodarei. Quando dancei em meu primeiro baile, estava tão apavorada que pisei nos pés de meu par.

Hope falava de maneira calorosa e compreensiva, mas a concessão incomodou Sebastian.

— Este não é meu primeiro baile, senhorita.

— O segundo, talvez?

A dama tinha razão, mas ele não iria admitir assim tão fácil.

— Aprendi a valsar há pouco. Monsieur Lefarge quase se desesperou com minha falta de jeito. Eu não conseguia pegar o ritmo, sou muito desajeitado.

Hope ficou surpresa. *Como assim? É ridículo imaginar um homem assim magnífico como um desajeitado...*

— Por muito tempo tive de fazer a marcação baixinho: um, dois, três, um dois, três.
— Os olhos muito azuis de Hope brilhavam. — Foi uma tristeza descobrir que era uma dançarina bem ruim. Sempre quis muito aprender a valsar. Vir a Londres e rodopiar junto de um cavalheiro elegante sempre foi meu maior sonho. — Suas faces coraram.

O efeito nele foi instantâneo. Excitante.

Sebastian ficou horrorizado. Aquilo nunca lhe acontecera em público; pelo menos desde que era ainda muito jovem. Cerrou as pálpebras, esforçando-se para afastar de si os pensamentos mais tentadores.

Para disfarçar, perguntou:

— Seu nome é Faith ou Hope?

Capítulo II

Hope sorriu, apreciando a falta de rodeios dele. As pessoas gostavam de demonstrar que sabiam diferenciar as gêmeas, mas na verdade poucos conseguiam.

— Eu sou Hope. Faith está de anil.

— Hope...

O som de seu nome nos lábios dele soou especial. O sotaque de Sebastian era inconsciente: culto, mas com um leve tom do Norte. Era diferente e a agradava.

Hope começava a notar que ele era o oposto do que ela havia imaginado, e já não existia mais motivo para sentir-se intimidada pela aparência autoritária dele. Como poderia, depois de ter sido protegida daquela maneira? Mas, apesar disso, ainda era muito cedo para dizer que espécie de homem Sebastian Reyne era, embora a dança em si revelasse algo. Porém, a conversa dele, não.

— O senhor não disse o motivo que o trouxe à capital.

— Vários assuntos.

— Oh, variedade é bom... Mas onde o senhor mora quando não está em Londres?

— No Norte.

— E até quando ficará aqui?

— Apenas por algumas semanas. Talvez um pouco mais. Depende.

— Posso saber do quê?

Sebastian não respondeu. A sra. Jenner dissera que procurava uma esposa. Ele não iria deixar escapar tal informação bem no meio do salão de baile.

— O que está achando da cidade, sr. Reyne?

— Tenho estado muito ocupado para passeios, senhorita.

— Isso é uma pena! Não pode vir a Londres sem apreciar os principais pontos turísticos. Pois se não o fizer, quando voltar para casa, seus amigos ficarão aborrecidos por não poder proporcionar a eles deliciosas histórias sobre sua visita à capital.

— Os que me conhecem não esperam histórias de mim.

— Que triste... Mas pense no quanto seria agradável surpreendê-los.

— A maioria das pessoas prefere não ser surpreendida. Hope arqueou a sobancelha.

— Mesmo? É estranho, pois eu adoro surpresas.

Hope achou graça da situação. Sabia que estava falando muito; no entanto, decidiu

provocar alguma reação nele.

Era como cutucar o tigre e perceber que era manso. Hope não sentia mais medo, e agora pretendia provocá-lo até as últimas conseqüências.

— Posso saber quem são as pessoas que o aguardam em sua casa?

Sebastian tinha um olhar cauteloso. Hope sorriu-lhe com naturalidade. Adorava aquele rosto sério. O tigre e a ovelha... O desafio a encorajava. Uma parte dela não sabia o que estava fazendo, e a outra a incitava.

— Seria uma lástima se o senhor voltasse para seu lar sem nada para contar. Ou sem ter visitado nenhum monumento. Viu os mármore de lorde Elgin? Ele os trouxe da Grécia, sabia? E devem ter uns mil anos.

— Não me interesse por antiguidades gregas, nem de nenhum outro lugar.

— É claro que não! — Hope se fingiu de chocada. — Quem se importa com coisas antigas! Mas os mármore são uma mania; portanto, o senhor precisa ver. Minha irmã mais nova é fascinada por essas coisas, por isso conheço um pouco sobre o tema. Se quiser uma guia, então talvez...

Ela imprimiu um tom sugestivo à última frase. Nenhum dos homens que a conhecia seria capaz de rejeitar o convite.

— Não me interesse pelos mármore de lorde Elgin. Nem por nada — Sebastian afirmou, ríspido.

Ora! Ele não é de fato um cavalheiro. Tinha me esquecido disso.

A valsa chegou ao fim. Sebastian fez uma reverência em agradecimento e conduziu Hope para fora da pista. A sra. Jenner se aproximou, com o sr. Giles em seu encalço. A senhora cumprimentou Sebastian com frieza e puxou Hope para perto de si.

— Vamos nos retirar por um momento, minha querida. Com sua licença, sr. Reyne, sr. Giles... — E saiu, levando Hope consigo.

Sebastian fez outro cumprimento, lançou um olhar intenso e ardente para Hope e se virou para falar com o amigo.

Hope estava trêmula, mas não de frio, e sim por não estar mais junto dele. Que homem contraditório! Depois de procurá-la, fez questão de manter uma distância intransponível entre os dois. Por quê?

Quanto à reação dela... A princípio, o vigor físico e o semblante sério e fechado dele a assustaram, mas, durante a valsa, Hope sentiu que aquilo tudo era uma fachada; no fundo, o sr. Reyne parecia ser uma pessoa sensível e boa.

Faith se aproximou da irmã e da sra. Jenner, dizendo, sem preâmbulos:

— Fomos convidadas para um concerto especial na casa de lady Thorn, na próxima quinta-feira. Um maravilhoso e talentoso conde húngaro violinista está em Londres, e lady Thorn conseguiu uma apresentação privada com ele. Ouvi dizer que as mulheres costumam desmaiar de tão envolvente que é sua música. Podemos ir, sra. Jenner? Podemos?

— Mas é claro que sim, minha querida. Não temos nenhum compromisso para esse dia.

— Obrigada, sra. Jenner. Será maravilhoso, tenho certeza!

— Também acho. Agora precisamos ir atrás de sir Oswald e de lady Augusta, meninas. O pobre homem pareceu-me exausto depois da valsa, e isso não deve ser bom para alguém da idade dele. Por que vocês duas não pedem que seu tio as acompanhe até o jardim, onde ele poderá se refrescar um pouco? Enquanto isso, eu irei... conversar com algumas conhecidas.

A sra. Jenner olhou para Hope. Na certa iria atrás de algumas informações sobre o sr. Reyne.

Hope e Faith saíram de braços dados, e a sra. Jenner foi em busca de suas amigas.

Lady Augusta Montigua Del Fuego se abanava com delicadeza com seu leque de renda. Era uma senhora exuberante que gostava de usar roupas coloridas em tons

chamativos. Viúva três vezes, namorava sir Oswald fazia vários anos e, apesar dos vários pedidos de casamento dele, ela ainda não se decidira.

— Você valsou com um rapaz maravilhoso, Hope. Gosto dos grandalhões com olhar de mau. Aqueles ombros... Nossa! — Lady Augusta suspirou. — Se eu tivesse metade de minha idade, garanto que o roubaria de você. Ele correspondeu às expectativas?

Oswald resmungou, aborrecido, e lady Augusta piscou para Hope, que retribuiu com outra piscadela.

— É um cavalheiro intrigante, lady Augusta. Faith encarou Hope.

— Intrigante? — Augusta sorriu. — Gosto disso. Ele me lembra meu segundo marido, o argentino. Era bem alto, moreno, calado e tão... — Outro suspiro. — Era excepcional na ca... Bem... quando a paixão tomava conta dele.

Oswald a repreendeu:

— Gussie!

Augusta respondeu com inocência, que não enganou ninguém:

— Ora, ele tinha um gênio terrível! — Lançou um olhar meigo para o tio das meninas. — Você tem o mesmo... temperamento ardente, Oswald.

Hope e Faith riram, e Oswald ficou tão vermelho que elas acharam que ele ia explodir.

— Que calor faz aqui! — Hope abanou a mão. — O que acham de tomarmos um pouco de ar no jardim?

E ela saiu de braços dados com o tio, e Faith com lady Augusta. Antes de deixarem o salão, Hope avistou o sr. Reyne no outro extremo, inclinando-se para lady Elinore. *Lady Elinore outra vez?!*

Sebastian percebeu o olhar dela e tentou disfarçar. Afinal, ele estava ali para cortejar lady Elinore. De todas as damas da lista de Morton Black, Elinore foi a única que se destacou, como se tive sido talhada para os propósitos dele. Era quieta, solene e enérgica, todas as qualidades que Sebastian admirava. Conversar com Elinore era fácil; o silêncio não a incomodava, e a dama não se mostrava à espera de que lhe fizessem elogios ou galanteios.

E para completar, era racional. Todas as conversas com lady Elinore, até então, haviam girado em torno de temas racionais, o que era um grande alívio. Pois as mulheres sempre foram um mistério para Sebastian.

Lady Elinore seria a esposa perfeita; uma opção prática. Afinal, Sebastian não era desses que costumam abandonar seus planos. Ele ia até o fim. E se problemas inusitados aparecessem, tirava-os do caminho.

Sebastian deu uma olhada em torno e viu que seu problema inusitado parecia aborrecido. Uma adorável ruguinha entre as sobrancelhas a denunciava. Oh, aquele queixo gracioso e lábios rosados, que eram um convite ao beijo...

Hope, acompanhada de alguns amigos e familiares no lado oposto do salão, próxima da porta que dava para o jardim, ria com gosto por causa de algum gracejo.

Sebastian fez um discreto sinal a Giles, informando seu desejo de ir embora, e em minutos eles se despediam da anfitriã.

— Qual o problema? — Giles quis saber, enquanto eles aguardavam os casacos e os chapéus. — Pensei que você estivesse se divertindo.

— A valsa foi um engano. Tenho de apressar esse casamento. — Vestiu o casaco, apanhou o chapéu e o colocou na cabeça.

— Por que diz isso, Bas? Foi uma honra a srta. Hope ter dançado com você. Todos os cavalheiros costumam aguardar ansiosos pela última valsa na esperança de ser o escolhido para dançar com ela. A disputa é tamanha que já está virando uma tradição; ninguém sabe quem Hope escolherá, pois ela só anuncia de última hora.

Sebastian grunhiu algumas palavras ininteligíveis. Ele sabia daquilo, e tentou fechar

os olhos e o coração para qualquer significado oculto que tal atitude dela pudesse ter.

— Achei que você e a srta. Hope formaram um belo par. Desceram os degraus que conduzia à rua.

— Dançou bem, Bas, e nem se atrapalhou com os passos. Sebastian fez uma careta, mas decidiu não explicar a Giles que seu maior problema não foi com os passos de valsa, mas sim o desejo que a lady despertara nele.

— Beleza não vem ao caso, Giles.

— Como não? Você não é obrigado a se casar com lady Elinore, sabia? Além do mais, nem mesmo deu uma chance para a srta. Hope mostrar se possui ou não as qualidades que tanto busca numa mulher.

— Eu ficaria agradecido se mudasse de assunto, Giles. A srta. Hope não é, de modo algum, a mulher que preciso.

— Pois não foi o que pareceu. Vocês formaram um belo par, repito.

— Minha esposa deverá estar disposta a cuidar de minhas irmãs. Quero distância de mocinhas bonitas que só se preocupam com bailes e valsas.

— Na verdade, busca uma mãe para suas irmãs, e não uma esposa para você.

— Preciso de uma mulher madura a meu lado, Giles, que saiba que os contos de fada são mentiras contadas para as crianças, que conheça as agruras da vida e não se assuste com meu...

Giles o interrompeu:

— A srta. Hope pode surpreendê-lo. Ela é mais forte do que demonstra, e encarou situações muito ruins.

Sebastian cortou a conversa com um gesto brusco.

— Por que ainda insiste na srta. Hope, Giles? Nós apenas dançamos uma música, só isso.

— Dava para perceber que algo mais se passava entre vocês dois, meu caro amigo.

Sebastian resmungou algo e apressou o passo. Giles deu risada.

— Pode bufar o tanto que quiser, mas eu vi o jeito como olhava para ela, Bas. Se quer se meter num casamento de conveniência, busque pelo menos alguém doce e bela como a srta. Hope. Você tem desejos e necessidades a serem satisfeitos, lembre-se disso.

— Meus desejos e minhas necessidades não vêm ao caso. A srta. Hope pode ser tudo isso que está dizendo, mas não é a mãe adequada para minhas irmãs. Preciso de alguém que saiba lidar com a dura realidade, não de uma garota fútil como a srta. Hope.

— Sim, mas eu já falei, aquelas gêmeas já passaram por...

— Chega! Vamos mudar de assunto.

Sebastian cruzou a rua, e Giles passou a segui-lo sem entender muito bem o que o amigo queria dizer com conhecer as agruras da vida.

Giles era uma pessoa alegre, que não fazia mal a ninguém, mas não tinha a menor idéia de como a maioria das pessoas precisava lutar pelo próprio sustento. De origem nobre, nunca sentira na pele as mesmas necessidades e privações que Sebastian experimentara.

Ao contrário de lady Elinore, que apesar da origem igualmente nobre, era bastante vivida. Acostumara-se a administrar um orfanato, e por isso sabia muito bem quanto a existência poderia ser dura para muitos.

— É isso mesmo, Hope. Deve se manter afastada dele. O sr. Reyne não serve para você, nem para nenhuma outra garota de nossa classe social.

Hope ergueu uma sobrancelha. Faith, percebendo a irritação da irmã, abraçou-a, e Hope relaxou um pouco. Não queria que Faith ou a sra. Jenner descobrissem quanto o sr.

Sebastian Reyne mexera com seus sentimentos.

A sra. Jenner prosseguiu:

— Ele era um pobretão que trabalhava como operário numa das tecelagens que lhe pertencem agora.

— Não há vergonha nenhuma em ser um trabalhador, sra. Jenner. Nosso avô materno era um açougueiro, se não me engano.

A sra. Jenner tocou o ombro de Hope com o leque.

— Não espalhe isso por aí, menina! De qualquer modo, esse não é o ponto. O sr. Reyne não amealhou sua fortuna trabalhando, mas sim por um ato de esperteza!

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Ele seduziu a filha do dono da tecelagem e se casou com ela!

Casado! Hope sentiu o chão se abrindo a seus pés.

— Só Deus sabe os motivos que levaram o pai da moça a permitir tal coisa. Decerto o tal sr. Reyne conseguiu enganar o sogro também. Deve ser bom manipulador.

Hope duvidou, pois a oratória não fazia parte dos domínios do sr. Reyne.

— A pobre criatura! Era a única herdeira do pai. O que imaginou que Reyne poderia querer dela? Para completar, ele ainda era bem mais novo do que a esposa.

Hope tentou falar algo da maneira mais casual possível:

— Se o sr. Reyne é casado, não representa nenhum perigo para mim ou Faith.

— É viúvo, e veio para Londres exatamente para procurar uma esposa! E a lástima disso tudo é que não terá nenhum problema em encontrar. O dinheiro pode comprar tudo, inclusive um casamento, apesar dos riscos.

— A que se refere? Todo matrimônio é um risco, sra. Jenner.

— Não como este. Investiguei sobre o sr. Reyne, e não ouvi nada de bom a seu respeito. Sir George Artherton, que tem vários negócios em Manchester, onde aquele homem mora, disse que o sujeito não tem escrúpulos! Outros confirmaram o fato. Lorde Etheridge disse que Sebastian Reyne é perigosíssimo. E o sr. Beamshaf contou algo curioso: que o sr. Reyne surgiu do nada, e a esposa e o sogro morreram misteriosamente.

O deleite da sra. Jenner ao fazer a narrativa aborreceu Hope.

— O que a senhora está insinuando? Que o sr. Reyne assassinou a mulher e o sogro?!

A sra. Jenner bateu com a ponta do dedo indicador no próprio queixo.

— Ninguém sabe de onde ele vem, e só de olhar para o sujeito já dá para ver que esconde algo terrível.

— Não acredito em nada disso. Se o sr. Reyne é um assassino, por que não foi preso e condenado à forca?

— Alguns trocados aqui e ali e as testemunhas se calaram. Ou pior! Qualquer coisa é possível para alguém que cresceu jogado no mundo e não recebeu uma boa educação. Como é o caso dele.

Hope respirou fundo, melodramática.

— E de onde veio tanta riqueza, então? A sra. Jenner agitou as mãos no ar.

— Reyne é dono de várias tecelagens e fábricas, no Norte. Minas, canais, barcos... É muito rico, não há dúvida, mas de onde veio tanta riqueza, é outra questão. Senti calafrios só de olhar para aquele rosto; para aqueles olhos azuis cruéis e frios.

Para Hope, os olhos dele não eram assim. Tristes talvez. Mas cruéis e frios, não.

A noite de Hope foi agitada. Ela rolou na cama durante toda a madrugada sem conseguir afastar de si a imagem do enigmático sr. Reyne. Enquanto isso, no outro leito, Faith dormia como um anjo.

Desde o sonho que tivera, Hope aguardava ansiosa pela chegada do cavalheiro que

entraria em sua vida e a ensinaria o que era o amor entre um homem e uma mulher.

Sebastian Reyne se parecia de alguma maneira com o homem misterioso de seus sonhos. Ele circulava pelo salão seguro indiferente à aprovação da sociedade, com um olhar devorador, como o cavalheiro com que Hope sonhara.

Suspirou, desapontada. Parecer não era o suficiente. Dançar com Sebastian não fora igual à valsa do sonho, o que indicava que ele não era o homem certo.

Na realidade, ele era um péssimo dançarino.

Mas, por alguma razão, ao valsarem, ela sentiu vontade de afagá-lo. Talvez devido à contagem dos passos que Sebastian e à constante preocupação de não errar. Mas quando lorde Streatfield trombou contra eles, o sr. Reyne não perdeu o ritmo, e ao mesmo tempo a abraçou, formando um círculo de proteção que deixou Hope sem fôlego.

Nunca conhecera alguém como ele. Sebastian era a contradição em pessoa. Presença de espírito em público e timidez na privacidade. Força física misturada com gentileza. Por que ela se sentia tão atraída pelo sr. Reyne? Não havia explicação. Devia ter algo a ver com a maneira terna como a protegia.

Com certeza não era por seu carisma. Sebastian não fora agraciado com o dom da palavra. Elogios de espécie alguma saíram de sua boca. Pelo contrário, o tom dele era simples e direto, sem rodeios.

Para completar, indicava estar envolvido com lady Elinore, e o contraste entre elas era imenso. Mas por que lady Elinore?

Era uma pena que Sebastian não fosse o homem de seus sonhos, pois intrigava Hope. No entanto, a valsa que dançaram estava muito distante de ter sido perfeita.

Hope tornou a suspirar e se aninhou nas cobertas para tentar dormir mais um pouco.

Era uma daquelas manhãs não muito claras, e poucos pássaros cantavam em Londres. Hope despertou sentindo que seu corpo estava prestes a explodir de tanta tensão.

Olhou para a irmã, que ainda dormia. Quando Faith ficava inquieta, encontrava a paz na música, mas isso nunca funcionava para Hope.

Ela se levantou e olhou pela janela. Clima frio e seco. Perfeito. Tirou do armário sua roupa de montaria e, nas pontas dos pés, foi se trocar no quarto ao lado.

Carregando as botas, caminhou pelo corredor sem fazer ruído e subiu a escadaria que levava aos aposentos dos empregados. Bateu com delicadeza em uma das portas. Na segunda batida, uma resposta veio de dentro:

— Já vou, srta. Hope. Só um momento.

Sorrindo, Hope desceu os degraus e sentou-se no último, para calçar as botas. James, o criado, podia reclamar, mas ele até achava graça em seus proibidos passeios matinais, e a moeda que Hope lhe dava cada vez que o fazia acordar antes da hora era muito útil para reforçar seu orçamento. James não escondia de ninguém que economizava para realizar sua viagem tão esperada para a América.

Na cozinha, Hope cortou duas fatias generosas de pão, e pôs nelas manteiga e geléia de pêssego. Em seguida, devorou uma e guardou a outra para James, que acabava de entrar.

Ele mirou o pão, e então lançou um olhar perverso para ela.

— Tentando me amolecer com essa enorme fatia deliciosa e malcortada, srta. Hope?

— É claro, querido James resmungão. Mas eu a cortei assim porque você é sempre tão faminto... Agora se apresse. Quero ir logo.

Resmungando, James a seguiu pelas ruas ainda pouco iluminadas pela luz matinal.

O criado estava na família desde que as garotas Merridew eram ainda muito pequenas, e se acostumara a atender aos caprichos delas.

Quando o sol começava a enviar seus primeiros raios, os dois passaram pelo portão de Grosvernor. O Hyde Park estava deserto. O cavalo de Hope movia-se para o lado numa dança desajeitada, assustado com as sombras das árvores. O animal, cheio de energia, mostrava-se louco para galopar. Hope sabia muito bem como ele se sentia.

— Calma, amigo, nós já vamos correr um pouco. — Hope chamou James e, sem esperar resposta, saiu em disparada.

O cavalo se movia com graça. Mais uma vez Hope daria uma boa gorjeta ao cavaleiro. Ele sempre lhe reservava a melhor montaria, e quando ela demonstrava alguma preferência, o escolhido sempre se achava a sua disposição. Durante as duas últimas semanas, cavalo e amazona se acostumaram um com o outro, e agora ela podia fazer quase tudo que quisesse com ele. E, naquela manhã, ambos estavam ávidos por velocidade.

O ar puro soprava em seu rosto, preenchendo seus pulmões, libertando-a de todas as regras e restrições impostas pela sociedade.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Hope poderia cavalgar pelo parque outra vez, ao lado de tio Oswald, Grace e Faith. Seria um passeio calmo, ou talvez um trote, parando a todo momento para cumprimentar alguém e trocar algumas palavras sem valor.

Hope permitiu que o animal se libertasse de toda a ansiedade e, para não perder James de vista, fez com que trocasse em círculos.

Ao olhar para trás, ela sorriu. Como James brigara com o cavaleiro, e por isso agora montava o cavalo mais lento que eles possuíam.

O parque ainda estava deserto. Hope poderia praticar seus truques com o garanhão sem nenhum problema. Puxando as rédeas, forçava o animal a executar uma série de viradas e voltas. Ele tentou se esquivar a princípio, mas logo respondeu com perfeição.

— Pare com isso, srta. Hope! — James gritava à distância.

— Tente me impedir se for capaz! Isto é muito divertido. Este cavalo é maravilhoso!

Sebastian acordou cedo, como de costume. Desde que se conhecia por gente, sempre despertava antes do alvorecer. As máquinas nunca param, e as pessoas têm de adaptar seu ritmo a elas.

Espreguiçou-se, desejando poder dormir mais um pouco. Mas, uma vez acordado, nunca conseguia dormir de novo. Esse fato o ajudou nos tempos de operário, e agora ainda era útil por ajudá-lo a combinar a vida social com suas necessidades do trabalho.

Havia muito serviço a ser feito naquela manhã. No entanto, os acontecimentos da véspera o deixaram hesitante. Não dormira bem, e isso jamais lhe acontecia. Apesar de, às vezes, perder o sono por causa de seus demônios internos. Mas Sebastian sabia como solucionar esse problema. Uma cavalgada aplacaria suas inquietações.

Vestiu-se e seguiu para a estrebaria. O cavaleiro ainda dormia, mas despertou ao ouvir os passos do patrão. Sebastian dispensou a ajuda do rapaz, preferindo selar ele mesmo o animal.

A cidade continuava adormecida quando Sebastian passou pelo portão principal do Hyde Park. Durante sua infância dura, ele teve poucas oportunidades de cavalgar. Só depois de seu casamento com Thea que Sebastian pôde se dedicar com mais afinco à montaria. No princípio, temeu fazer papel de bobó, caindo em frente de seus novos familiares e amigos. Mas no momento em que subiu na cela, a sensação de liberdade foi tão intensa que todos os receios foram substituídos por uma inigualável sensação de liberdade.

Sebastian deu início a um trote suave, mas em seguida permitiu que o garanhão

corresse mais e mais, deixando-se levar pela força e o ritmo da velocidade.

Seu sangue se aquecia, e ele sentia-se jovem outra vez. Então, avistou um cavalo galopando em disparada, com algo que se parecia uma trouxa de roupas amarrada em cima dele. Parecia uma pessoa de chapéu, e sob ele uma poção de cachos dourados se espalhavam no ar. Para seu horror, Sebastian constatou que não se tratava de uma trouxa de roupas, mas de uma mulher. A mão esquerda dela puxava com força as rédeas do animal, e ela parecia escorregar de lado na sela. Não dava para ver-lhe o rosto. Porém, a mulher não gritava. Devia estar muda de medo.

Rezando para que a jovem conseguisse conter o animal por mais alguns segundos, Sebastian apressou seu garanhão e seguiu na direção da dama em perigo.

Um cavaleiro, à distância, fez-lhe um sinal e gritou algo. Talvez fosse o marido ou um serviçal. Sebastian acenou de volta e continuou, disparado.

Ao se aproximar dela, Sebastian estudou a situação. Seria melhor arrancá-la da sela ou agarrar as rédeas e forçar o cavalo a diminuir o ritmo? As duas possibilidades eram arriscadas.

Optou por tirá-la da sela. Seu cavalo seguia logo atrás do dela. Sebastian segurou as rédeas com a mão direita quando, de repente, a mulher se endireitou, soltando uma gargalhada e jogando um galho para cima.

— Consegui!

Era a srta. Hope Merridew, corada, alegre e triunfante. E não estava em perigo.

— Oh! Sr. Reyne, bom dia! O senhor viu o que fiz? Sebastian se deu conta de que Hope era exímia amazona. Ela acabara de se pendurar na sela, segurando as rédeas com apenas uma das mãos, tão só para apanhar um galho do chão. Sebastian se enfureceu.

— A senhorita está louca, arriscando a vida dessa maneira?! Hope sorriu largo.

— É a primeira vez que consigo apanhar o galho!

— E o que se passou por sua cabeça para tentar uma loucura dessas?

— Já faz um bom tempo que venho praticando o truque, mas esta foi a primeira vez que consegui!

A inocência dela o irritou ainda mais. Sebastian ficou mudo, imaginando Hope se arriscando a quebrar aquele belo pescoço todas as manhãs.

— Para seu bem, não torne a fazer aquilo, senhorita. Como seu acompanhante não a impediu de realizar aquela loucura?

— James? — Ela gargalhou. — Ele não tem opção, e não poderia me impedir mesmo que tentasse.

Mimada... Como filha protegida da aristocracia, sempre tivera todos os desejos realizados. Não dava para imaginar que algo de ruim pudesse, algum dia, ter acontecido a Hope.

— A desculpa não convence.

— James trabalha conosco há anos. Ele não gosta que eu faça essas brincadeiras, mas sabe que as farei de qualquer maneira. Assim, me acompanha para ficar de olho em mim.

— Ficar de olho! Mas o rapaz está a quilômetros longe, senhorita!

— Mas isso é por minha culpa. Sempre mando o cavaleiro dar o animal mais lento para James.

Aquela jovem precisava de alguém que refreasse seus arroubos. Era um absurdo permitirem que Hope continuasse arriscando a vida daquela maneira. De repente, a mente de Sebastian foi invadida por uma visão dela na cama dele.

Tentando afastar o pensamento proibido, falou com rigidez:

— A obrigação dele é cuidar de sua segurança, e não ficar vendo a senhorita em perigo, todas as manhãs.

— Bobagem! James cuida muito bem de mim.

— A senhorita precisa de alguém que a trate com rédeas curtas. A expressão de Hope mudou de imediato.

— Sei muito bem como é ter alguém a cuidar de mim, sr. Reyne. E é por isso mesmo que me permito fazer coisas como aquela! — E, sem aviso, afastou-se, virando-se para uma direção inesperada.

Sebastian tentou seguir o rastro dela, mas Hope tinha alguns corpos de vantagem. E, para espanto dele, ela se abaixou de novo para apanhar outro galho.

Furioso devido à deliberada provocação, Sebastian apertou o galope e chegou perto dela. Dessa vez não titubearia. Eles cavalgavam lado a lado e mais uma vez ele segurou as rédeas com a mão direita, preparando-se para apanhá-la com a esquerda.

Sebastian a enlaçou e a trouxe para sua sela. Esperou por uma reclamação, um tapa ou alguma reação do tipo. Mas Hope o surpreendeu deixando-se levar por ele. Hope não disse nada, movendo-se apenas para facilitar a manobra.

Amparada pelo braço forte de Sebastian, ela se recostou contra o tórax largo.

— O que pensa que está fazendo? — Hope, divertida, imitava as palavras dele. — Enlouqueceu, arriscando-se dessa maneira?

Cachos dourados roçavam o queixo de Sebastian. Um delicado aroma se espalhava no ar, causando uma revolução nos sentidos dele.

Hope brincava com os botões do casaco de Sebastian.

— Rapto é crime, o senhor sabia? Quanto pretende pedir de resgate?

Outro exemplo de como aquela dama sempre fora protegííssima. Se quisesse, ele poderia raptá-la com facilidade. Qualquer um, aliás. Londres estava repleta de criminosos, e decerto Hope valeria muito.

— A senhorita sabe muito bem que não a estou raptando. Apenas resolvi salvá-la de sua própria irresponsabilidade.

— Entendo. Então foi só para me proteger. Perdoe-me se não entendi suas intenções. — Mexeu de novo.

— Poderia ficar quieta, por favor? Como resposta ela fez outro movimento.

— Desculpe-me, mas essa maneira de ser transportada é nova para mim, e um pouco... desconfortável. Antes disso, o mais perto que cheguei de um homem foi durante uma valsa.

Sebastian não sabia o que dizer. Só o que lhe ocorria era a lembrança dos dois valsando.

Seguiram em frente. Sebastian a desejava como jamais desejara outra mulher em toda a vida. Se ao menos os dois pudessem continuar cavalgando daquela maneira, para algum lugar distante, onde nenhum dos problemas dele existisse...

Mas eles não costumam desaparecer sem mais nem menos, e Sebastian sabia disso. Sabia também como lidar com as questões. Tinha até mesmo encontrado uma solução, que, no entanto, não envolvia a srta. Hope. Ela era apenas parte de um belo sonho.

E Sebastian não era um homem de se deixar levar por sonhos. Era prático. Ponto final.

Olhando ao redor, avistou James apanhando as rédeas do cavalo da senhorita.

— Até que enfim seu cavalariaço está fazendo algo para compensar o salário que recebe.

— Ele não é meu cavalariaço, e não permitirei que o senhor o critique.

— E como a pensa que me impedirá? O trabalho dele é protegê-la, e falhou na missão.

Hope não disse nada, mas seu silêncio foi tão provocante que Sebastian se viu forçado a olhar para ela. O que se mostrou um engano. Os olhares se encontraram, e faíscas brilharam para todas as direções.

Sebastian engoliu em seco. Um beijo apenas não iria machucar ninguém, ora...

Apenas para sentir-lhe o sabor...

Ela o encarava. Sua pele macia como a de um bebê ficara deliciosamente rosada. Os olhos dela eram grandes e azuis como o céu azul matinal. Os lábios entreabertos eram o convite de que ele necessitava. Sem se conter, Sebastian se inclinou e beijou-lhe a boca.

O sabor dela penetrou em seu sangue como vinho, indo direto para a cabeça. Sebastian dizia a si mesmo que devia parar, que não era certo fazer aquilo... mas como se deter?

Sebastian sentiu as mãos macias dela tocando seu queixo e acariciando seu rosto. Com os dedos, Hope o puxou para mais perto, como se estivesse tão absorta pelo beijo como ele.

Mas o cavalo se moveu, arrancando-os do devaneio. Sebastian mergulhou era seus olhos muito azuis e fitou com volúpia seus lábios muito rubros.

— Estou tão feliz por termos nos encontrado... A valsa foi boa, é claro, mas isto... — Suspirando, Hope sorriu-lhe. — Foi muito melhor!

Diante da doçura daquele sorriso, o remorso tomou conta de Sebastian. Não deveria brincar com uma inocente. Aquela fabulosa criatura não se encaixava em seus planos. Não. Era impossível mudar tudo agora. Hope até podia ser o que ele queria, mas seus desejos não eram importantes. Aquela dama não era a esposa adequada. Lady Elinore, sim.

Retomando a consciência, Sebastian franziu o cenho. James se aproximava, segurando o chapéu de Hope e trazendo o cavalo dela.

— Se ele fosse um bom criado, teria protegido a senhorita disso também. — Sebastian lançou a ela um último olhar cheio de paixão e, em seguida, ajudou-a a apear. — Adeus, srta. Merridew. Não se arrisque mais. Nem com cavalos e galhos, nem com estranhos.

E Sebastian saiu a galope.

Ele cavalga como um deus mitológico, Hope pensou.

— Está tudo bem, srta. Hope? — James a fitava, aflito. — O que houve? Quem era aquele homem?

— Um deus, James, que veio para me salvar.

— Sim... Desculpe-me, srta. Hope, eu deveria ter impedido tudo o que aconteceu. Vou enforcar aquele Jásper inútil!

— Jásper? — Hope pegou as rédeas das mãos de James e tirou um torrão de açúcar do para dar ao cavalo.

— O cavaliço. Ele não deveria ter dado um animal tão veloz para a senhorita. E a senhorita não deveria ter se arriscado daquela maneira com um estranho!

Hope sorriu, sonhadora.

— Eu sei. Mas o cavalheiro não era um estranho, James. Dancei com ele ontem.

— Aquilo não foi um encontro marcado, foi? Porque se foi não vou tomar parte disso e nunca mais a levarei para passear.

— Acalme-se, James. Nós não tínhamos marcado nada, juro. Não imaginei que ele ou qualquer outra pessoa pudesse aparecer. O cavalheiro achou que estava me salvando da morte certa, e eu não tive coragem de impedi-lo.

James fez uma careta.

— Se seu tio descobrir, quem estará em apuros serei eu, senhorita.

— Mas ninguém viu nada, e você sabe muito bem que eu não permitiria que o culpassem pela minha desobediência. Agora pare de reclamar e venha me auxiliar a montar, James. Estou faminta e quero meu desjejum.

— Lady Elinore disse que talvez vá à audição de hoje, na residência de lady Thorn — Giles dizia a Sebastian, durante seu jantar no clube. — Se você quiser, posso lhe

ceder um convite.

— Uma audição? — Sebastian franziu a testa. — Um bando de esnobes sentados, ouvindo um barítono afetado? Não, obrigado. Não é um programa que eu aprecie.

— E dançar é, por acaso? Mas não tem problema. Só imaginei que você pudesse gostar da oportunidade de continuar cortejando lady Elinore. Creio que ela gosta de coisas assim. E, para sua informação, não será um barítono que irá se apresentar, e sim um violinista húngaro. É a novidade do momento, e todas as mulheres querem ouvi-lo tocar.

Sebastian meneou a cabeça. Além de não ter nenhum interesse por música, não queria correr o risco de se encontrar com a srta. Hope de novo.

— Não, obrigado, Giles. Deverei me encontrar com lady Elinore para um passeio no parque, amanhã de manhã. Agora preciso ir para casa escrever algumas cartas.

Esse passeio iria servir melhor aos propósitos dele. Era preciso apagar aquela imagem persistente de sua mente: um corpo feminino e delicado escorregando de um cavalo. E o fato de estar ao lado de outra mulher iria ajudar sobremaneira.

— Tem certeza de que não quer ir? Lady Thorn convidou poucas pessoas. Acho que nem mesmo as gêmeas Merridew irão. O que é uma pena, pois eu gostaria muito de estreitar meus laços de amizade com elas. São maravilhosas! E penso que nem gostam de música.

Sebastian ponderou. Se a srta. Hope não estaria presente, não havia razão para deixar de ir.

— Bem, talvez a sugestão não seja tão ruim assim. O concerto servirá como tema de conversa entre lady Elinore e mim, em nosso encontro.

— Muito bem, Bas, é assim que se fala!

Capítulo III

Lady Thorn recepcionava Giles e Sebastian: — Dois jovens cavalheiros! Que beleza! Os senhores não imaginam como foi difícil balancear o número de convidados. Não sei por que as pessoas imaginam que só as mulheres gostam de ouvir nosso querido conde! — Indicou o caminho para o salão. — Giles, meu menino, como vai sua mãe? Não a vejo há uma eternidade. Lastimo que ela não tenha vindo para Londres nesta temporada. Sente-se aqui, meu rapaz.

Lady Thorn indicou a Giles um assento próximo a um grupo de damas. Lady Elinore se encontrava entre elas.

— Lady Thorn, eu preferia me sentar...

— Bobagem, Giles! Depois da apresentação, você poderá circular por aí. As damas não o morderão. Além do mais, todos os homens presentes desejam sentar-se no local aonde vou colocá-lo. Garanto que todos o invejarão. Adoro colocar o gato perto dos pássaros! — Lady Thorn fitou Sebastian e apontou um assento na outra extremidade da mesma fileira. — Está gostando de Londres, sr. Reyne? Espero que sim, e que os momentos em minha casa sejam de seu agrado. Com licença, cavalheiros.

Sebastian viu-se, então, acomodado no meio de algo que se parecia com um chá

das cinco: um grupo formado apenas por mulheres. Não tinha visto os rostos delas, e não podia imaginar por que alguém iria invejá-lo por estar sentado ali.

Olhando para Giles junto de lady Elinore, imaginou quanto teria sido melhor se eles houvessem trocado de lugar. Na fileira logo adiante estava um senhor muito elegante. Sebastian o cumprimentou. Era sir Oswald Merridew, o tio da srta. Hope. Por que teria vindo? Um arrepio lhe percorreu a espinha.

— Sr. Reyne, que bom tornar a vê-lo!

Com a pulsação disparada, Sebastian se levantou.

— Srta. Hope... Não achei que a senhorita viria.

— Ora, mas nós nunca perdemos um concerto! Minha irmã é apaixonada por música. O sr. Giles não lhe contou?

Vou matar Giles! Desesperado, sem saber mais o que dizer, Sebastian lançou mão de seu costumeiro comentário usado com as damas:

— A senhorita está encantadora.

Com um sorriso caloroso, Hope se aproximou ainda mais, ficando tão próxima que ao menor movimento os corpos poderiam se tocar.

Sebastian ficou tenso e imóvel. Hope quase escorregou contra ele, que deu um passo para trás, esbarrando em algumas cadeiras.

Quando Sebastian recuperou o fôlego, após pedir desculpas às pessoas ao redor, deparou com ela mais uma vez, tão perto que era possível sentir o agradável cheiro de sua pele.

Um grave silêncio se instalou entre eles. Hope sorria, e tudo o que Sebastian conseguia fazer era mirar sua linda boca e dizer para si mesmo que não se movesse.

— Sr. Reyne, o senhor se lembra da sra. Jenner?

Como esquecer criatura tão simpática? Aquela fora a acompanhante que o encarara com ares nada amigáveis, na véspera. Sebastian cumprimentou a senhora, que respondeu com alguns murmúrios.

— E esta é minha irmã gêmea, Faith.

Vendo-as lado a lado, Sebastian não conseguia entender por que as pessoas tinham tanta dificuldade em diferenciá-las. Eram muito parecidas, claro, mas a srta. Faith não tinha o mesmo brilho de Hope, que possuía um fogo que brotava de dentro e espalhava um brilho intenso a seu redor.

Não que beleza o interessasse. Caráter era tudo.

— Este é o sr. Reyne, tio Oswald.

— Muito prazer, sir. — Sebastian fez uma reverência.

— Como vai, meu jovem? Estou feliz por ver outro homem aqui. Gosta de música? Não posso dizer que sou um apaixonado, mas como minhas meninas queriam muito vir não pude negar isso a essas belezinhas. O senhor já foi apresentado a nossa querida amiga, lady Augusta Montigua Del Fuego?

— Sr. Reyne! — Lady Augusta se adiantou. — Não fomos apresentados ainda. Com certeza eu me lembraria do senhor.

Augusta olhou para Sebastian de cima a baixo de uma maneira que o deixou encabulado.

Nesse momento, lady Thorn tocou um sininho de prata e pediu a atenção de todos para o início da apresentação.

A sra. Jenner tentou trocar de lugar com Hope, mas foi repreendida pelo olhar severo de lady Thorn, que pedia para que todos se acomodassem logo.

Ao final da apresentação, Hope suspirou, enlevada. A apresentação do conde Félix Vladimir Rimavska fora maravilhosa e, apesar de Hope ter vindo mais para acompanhar a irmã, naquele instante sentia que tudo valera a pena. Até mesmo o misterioso sr. Reyne

estava lá para completar a noite, que não prometia nada de bom para ela até então.

No outro extremo, o sr. Giles continuava com lady Elinore. Talvez a sra. Jenner estivesse errada e fosse ele, e não Sebastian, o interessado por Elinore.

Ou será que ambos a cortejavam? Hope examinou a lady em questão com mais cuidado. Pela aparência dela era difícil crer que dois belos cavalheiros fossem seus pretendentes.

Hope despertou de suas divagações com os aplausos animados ao fabuloso violinista. Olhou, então, para Faith, e a viu boquiaberta, encantada com o conde Félix Vladimir Rimavska.

Na opinião de Hope, o músico nem era tão atraente e bonito como o homem que se encontrava sentado ao lado dela. Espiou para o lado a fim de verificar se o sr. Reyne apreciara a apresentação, mas ele ainda fitava os próprios sapatos, como fazia desde que a cumprimentara, perdido em seus pensamentos.

— Hope! Hope, preciso ser apresentada a ele! Vamos! — Faith, ansiosa e ofegante, puxou a irmã consigo.

Não muito distante delas estava o conde, cercado por lindas jovens que tentavam agradá-lo de todas as maneiras, oferecendo tudo de melhor que havia.

— Vinho e bolo? Isso é para mulheres. Eu sou homem! — dizia o conde, com petulância. — Não há vodca aqui? Bem, se não tem nada de interessante, aceitarei conhaque, então. Mas em Paris costumam me servir a melhor vodca.

Ele pegou o copo, engoliu a bebida num único gole e se sacudiu todo.

— E para comer?

Hope assistia à cena, espantada com os modos do homem e pela maneira como as mulheres se esforçavam para satisfazê-lo.

— Que horror! Esta comida pode me envenenar. Levem isto daqui! — O conde continuava com seu teatrinho.

A lady que lhe oferecera a iguaria se desculpava, embaraçada. Será que elas não percebiam que aquilo fazia parte de um jogo dele para chamar a atenção?

— Experimente este salmão, conde Rimavska. Assombrada, Hope reconheceu que era Faith quem falava. O conde parou por um momento e então abriu um sorriso.

— Das mãos de um anjo como este, eu correria qualquer risco.

Faith se desfez em sorrisos. Hope deu-lhe as costas, chocada. O que a irmã estava fazendo? Aquilo era levar sua paixão pela música ao extremo!

A sra. Jenner apareceu como que do nada:

— Veja aquilo, Hope!

— O que a senhora quer que eu faça? Que impeça minha irmã de fazer papel de boba?

— Não, minha querida. Deixe sua irmã se divertir um pouco. O conde é encantador, não acha?

— Mas ele é tão... — Hope não sabia como se expressar. — Faith o serve como se fosse uma criada!

— Bobagem, ela está apenas sendo solícita. Depois, ele é um conde de excelente linhagem. E muito rico. Pelo menos Faith não se deixou levar por um qualquer.

Parecia mesmo que a jovem Faith se apaixonara pelo tal conde. No entanto, ela não era a única. Várias mocinhas continuavam rodeando o petulante nobre húngaro.

Sebastian observava de longe a sucessão de pratos que a srta. Faith ia oferecendo ao conde, que os aceitava, maravilhado. Vários copos de conhaque iam sendo esvaziados entre um prato e outro.

Era desprezível a maneira como as mulheres rodeavam o músico, na ânsia de satisfazê-lo. Sebastian se cansou da cena e cruzou a sala para conversar com lady

Elinore e Giles. Aquela, sim, era uma mulher sensata!

— O que acham daquilo? — Sebastian apontou para a direção do nobre. — Nunca vi nada igual.

— Nem eu. Foi uma apresentação belíssima. — Lady Elinore meneou a cabeça.

— Ele tocou mais ou menos bem — Giles respondeu.

— Ouvi dizer que o conde era muito bom, mas as pessoas têm a mania de exagerar. Porém, nesse caso, os elogios foram justos. Não acha, sr. Reyne?

Mas Sebastian voltara a se distrair, olhando para a Hope, que, para não abandonar a irmã, engrossava o grupo de damas que rodeavam Félix.

— Não vou ficar aqui vendo isso. — Sebastian fez um esgar. — O sujeito é muito abusado!

Giles, que também observava as irmãs Merridew, deu-lhe seu apoio:

— Ele merecia um soco no nariz.

— É isso mesmo!

Lady Elinore, indignada com a falta de atenção que lhe era dispensada e com as observações dos cavalheiros, pediu licença e se juntou às mulheres que mimavam o conde.

Diante disso, Giles e Sebastian não se viram mais na obrigação de permanecer naquele local, e partiram para a casa de Sebastian.

Lá, foram surpreendidos por uma mensagem vinda de Manchester, informando que Cassie e Dorie haviam desaparecido. E, de acordo com a data da mensagem, isso ocorrera três dias antes.

Sebastian sentiu um calafrio percorrendo-lhe todo o corpo só de imaginar o que poderia ter acontecido a suas irmãs. Não, não poderia perdê-las novamente.

— Tenho de partir agora mesmo, Giles.

— Claro, caro amigo. Vá. Eu cuidarei de tudo por aqui. Sebastian, que só conseguia pensar nas irmãs desaparecidas indagou:

— Que coisas?

— Você tem um passeio marcado com lady Elinore para amanhã, por exemplo.

— É verdade! Eu me esqueci. Vou escrever... Giles o interrompeu:

— Não se preocupe. Deixe que eu cuido de tudo.

— Obrigado, Giles. Você é um grande amigo.

Em menos de dez minutos, Sebastian estava pronto para partir.

Hope se remexia, inquieta, tentando escapar. Escuridão. Só um ponto de luz. Tentou a maçaneta. Não se movia. Tornou a tentar.

— A mão do diabo!

A corda amarrada no pulso dela queimava-lhe a pele.

— Eu a proíbo de usar a mão esquerda!

Hope lutava para respirar. Seu coração martelava. Estava morrendo... Ele a trancara ali para morrer.

Faith! Onde está Faith? O que teria sido feito de sua irmã gêmea?

— Vou ensiná-la a usar a mão certa!

Hope tateou na direção do ponto de luz. Não era possível destrancar por dentro. *Tente, tente! Não consigo! Está emperrada!*

— Pecadora! Não consegue usar a mão direita, como todo o mundo. Não consegue sair. Não respira!

Hope se encontrava dentro de um caixão. Procurou socar a tampa, mas a mão não se movia. Mão boa. Mão ruim. A corda apertava até cortar a carne da mão esquerda.

— Diabo! Pecadora! Ela buscou por ar.

— Faith! Faith!

— Hope! Hope querida, estou aqui... Acorde, acorde!

Luz. Abençoada luz! Graças a Deus! Ali estava sua irmã Faith, sua outra metade, para arrancá-la do pesadelo. Mas Hope ainda buscava o ar. — Respire fundo. Está tudo bem, foi só um sonho. *Um sonho? Misericórdia, Senhor!*

— Esta é sua cama. Você está segura, muito longe de vovô. Hope piscou, meio tonta. Faith ergueu o pulso esquerdo da irmã, dizendo:

— Vê? Nada de corda. Sem marcas. Já passou. Hope esfregava a pele como se a corda ainda ferisse.

— Desculpe-me, Faith...

— Não precisa se desculpar. Acha que não sei o motivo de seus pesadelos? — Havia lágrimas em seus olhos. — Quem me dera poder tê-los em seu lugar, meu amor.

— Não pense nisso! Todos nós já temos nossos próprios sonhos ruins. É o legado de vovô.

As palavras de Faith para a sra. Jenner lembraram Hope de seu outro pesadelo: *Imagine-o com mais cinqüenta anos, e estará olhando para vovô.*

Será que Sebastian Reyne tinha mesmo algo a ver com seu avô? Aquele sonho seria um aviso?

Preocupado, Sebastian, enfim, chegou em sua casa, em Manchester. A viagem de quase vinte e duas horas o deixara exausto.

A porta da frente se entreabriu antes mesmo que alcançasse os degraus.

— As garotas já foram encontradas, senhor — informou-lhe o mordomo. — Está tudo bem.

Sebastian tropeçou.

— O sr. Black as encontrou sãs e salvas.

Sebastian olhava para o mordomo e não conseguia dizer nada. Atrás dele, Morton Black e Cassie, de mãos dadas com Dorie, o aguardavam.

Aliviado, Sebastian se aproximou das irmãs para abraçá-las. Elas se encolheram e deram um passo para trás. Em sua alegria por vê-las, ele esquecera...

— Desculpem-me. Estou todo molhado! Devo me assemelhar a um urso.

Elas continuaram caladas.

Depois de tirar o casaco e enxugar as mãos na toalha oferecida pelo criado, Sebastian estendeu a mão para Black.

— Mais uma vez obrigado. Agora vamos todos para a biblioteca, pois quero saber o que se passou. — Virou-se para o mordomo. — Estou faminto, e tenho certeza de que o sr. Black e as meninas também gostarão de tomar algo.

Sebastian fez um sinal para as meninas entrarem e seguiu logo atrás delas.

— Então, Black, teve de ir muito longe para encontrá-las.

— Na verdade, não. Eu as achei no sótão.

— Ora!

Antes de sair à procura delas pelas ruas, Black soube que as irmãs não haviam levado casacos nem botas, o que indicava que não teriam ido muito longe; ou talvez estivessem escondidas em algum canto da mansão. Seu palpite estava correto, pois Black as encontrou no sótão. Dorie dormia, tranqüila, e Cassie se sentara ao telhado.

Sebastian suspirou, contente. Aquilo indicava que as garotas não tiveram intenção de fugir dele.

Entretanto, não esclarecia o motivo que as levou a se esconder. Desse modo, foi direto ao ponto:

— Cassie, por que fizeram isso?

Nada.

— Foi uma brincadeira que imaginaram que seria engraçada? Como resposta, Cassie lançou-lhe um olhar de desprezo. Evidente que ela não faria aquilo por brincadeira.

— Então por que, Cassie?

A menina estremeceu. Seu rosto continuava sério e enigmático.

— Ainda aguardo uma resposta. Vamos, diga logo. Ninguém será castigado se o motivo for justo.

Dorie olhava, apavorada, para Sebastian e para a irmã. Seu rostinho estava pálido, e ela parecia ansiosa. Isso apertou o coração de Sebastian.

— Está tudo bem, Dorie. Ninguém as machucará. Cassie, essa atitude teve alguma coisa a ver com Dorie?

— E se tivesse?

— Conte-me apenas, Cassie. Estou cansado e com fome, e finalmente sossegado. Viajei sem parar dia e noite, imaginando que algo terrível tivesse acontecido a vocês.

Cassie parecia não acreditar em nenhuma palavra.

— Preocupado, sim! É claro que eu estava! Vocês são minhas irmãs! Senão, me digam por que acham que abandonei tudo em Londres para vir aqui saber o que houve!

Cassie franziu a testa.

— Garanto que todos aqui ficaram muito aflitos com vocês duas. Treece, a sra. Elliot, o sr. Black e Cook, e todos os criados desta mansão procuraram por vocês.

Cassie olhou para Black, que confirmou com um aceno de cabeça.

Sebastian constatou que Cassie começava a crer no que ele dizia.

— Todos tememos que pudessem estar mortas. Então, o mínimo que você pode fazer é nos dar uma explicação.

Passados mais alguns minutos de silêncio, Cassie resolveu falar:

— Desculpem-nos por toda essa preocupação. Dorie estava assustada. Ela pensou ter visto... alguém.

— Quem?

Cassie negou com a cabeça, apenas.

— Ela lhe falou? Dorie sabe falar?

— Dorie não fala.

— Se é assim, como você... — Sebastian abrandou o tom: — Tudo bem, acredito que Dorie ficou assustada, e eu não estava aqui para protegê-la. Mas por que não falou com Treece ou com a sra. Elliot?

Cassie o encarou, de cenho franzido, e então Sebastian percebeu que essa hipótese não lhe ocorrera. Ela não tinha o costume de contar com a proteção de ninguém.

— Em minha ausência, Cassie, há mais de vinte pessoas nesta casa, cuja única função é cuidar do bem-estar de vocês. Se tiver mais alguma coisa que possa me dizer sobre o que assustou Dorie...

A ira chispava nos olhos dela, e Sebastian concluiu que não conseguiria avançar muito daquele ponto em diante.

— Muito bem, já é tarde. A sra. Elliot pode pôr vocês na cama, agora. Boa noite, Cassie. Boa noite, Dorie.

Cassie murmurou um boa-noite e se retirou, de mãos dadas com a irmãzinha.

— Por isso tive de trazê-las para Londres comigo — Sebastian contava toda a história para Giles, dez dias depois. — Agora estão dormindo. A viagem foi cansativa para as meninas.

— Conciliar os cuidados com as duas e sua vida social não será fácil.

— Eu sei, mas o que podia fazer? Preciso me casar o quanto antes. Quanto mais

tempo demorar, mais difícil será.

— Como assim? Elas estão piorando?

— O problema não é só com as garotas, mas com a tecelagem também. Problemas, meu caro, problemas. No entanto, não quero cansá-lo com esse assunto. Assim que cheguei, enviei um bilhete para lady Elinore, marcando um novo encontro.

— Então não desistiu dela?

— Não. Por que deveria? — Sebastian tentou expulsar a imagem da srta. Hope de sua mente. — Esse episódio com a meninas só serviu para confirmar que necessito de uma esposa que compreenda a delicada situação.

— Bem, se seus desejos não importam, e se você acha que ninguém além de lady Elinore será capaz de entender a situação de suas irmãs, nem mesmo a srta. Hope, por exemplo... Sebastian interrompeu Giles:

— A srta. Hope é uma jovem adorável, mas é muito mimada. Lady Elinore pode ser rica também, mas tem por hábito cuidar de crianças pobres e desamparadas. — A expressão de Sebastian indicava que não abriria mão de seus planos. — Mas me diga, Giles, lady Elinore ficou muito aborrecida por eu ter faltado a nosso compromisso?

— Não muito.

— Ótimo. Vou me explicar pessoalmente com ela.

— Sim, faça isso.

— Em meu bilhete, eu a convidei para se juntar a mim e a minhas irmãs num passeio no parque, amanhã de manhã.

Giles ergueu uma sobrancelha.

— E ela já aceitou?

— Ainda não obtive resposta, mas tenho certeza de que aceitará. Giles, ensimesmado, tomou um gole de seu vinho.

— Esse é o Hyde Park — Sebastian explicava às irmãs. — Todos os cidadãos glamourosos daqui de Londres costumam passear aqui.

— Eles não me parecem glamourosos, mas estúpidos. — Cassie se encolhia num canto da carruagem, chutando o assento de couro a sua frente.

— No final da tarde, este lugar estará repleto de gente muito elegante. Agora ainda é cedo.

— Detesto multidão. — Cassie se determinara a não agradá-lo de forma alguma. Não queria ter vindo à capital, e muito menos àquele passeio.

Aquele era um comportamento que Sebastian não toleraria de ninguém, mas por enquanto decidiu ignorar a rispidez da irmã, pois suspeitava que embaixo de toda aquela agressividade Cassie estava aliviada por ele estar tomando conta delas e dividindo o peso do silêncio de Dorie e seus inúmeros temores.

Contudo, Cassie ainda precisava preservar sua independência. Como criaturinha orgulhosa que era, não perdia a oportunidade de lembrá-lo de que elas se arranjaram sem o irmão até então.

Mas Dorie era a que mais o preocupava. Sebastian não tinha idéia de como lidar com a pequena.

Ele a via ali, sentada e encolhida. Fazia-o lembrar uma bonequinha frágil. A pele dela era pálida como a porcelana, e seus olhos escuros e grandes ameaçavam saltar das órbitas a qualquer instante.

Pela décima vez, Sebastian desejou que lady Elinore estivesse junto deles. Ela saberia como lidar com as garotas, sobre o que conversar com elas. Mas a lady enviara um bilhete se desculpando por não poder comparecer ao passeio, pois já tinha outro compromisso. Com certeza não era verdade. Decerto Elinore estava ofendida pela

maneira como Sebastian sumiu de Londres, deixando para o amigo a missão de se desculpar por ele.

— Agora vamos ver o lago, meninas. Dorie, você gostaria de alimentar os patinhos?

A menina olhou para o lago, mas não respondeu. Sebastian pediu para o cocheiro parar.

— Por que estamos parando?

— Para alimentar os patos, Cassie.

— Com o quê?

Sebastian alcançou um pacote de pão.

— Vamos, desçam.

— Não quero alimentar esses patos bobos — Cassie resmungou. — Odeio patos!

— Eu não ligo. Quero que as duas os alimentem e tomem um pouco de ar puro.

— Aqui em Londres não existe ar puro.

— Sim, você deve estar sentindo falta da atmosfera pura e doce de Manchester — Sebastian concordou, irônico. — Agora desça daí, Cassie, ou irá virar comida de patos. Apesar de eu achar que com essa sua careta os pobrezinhos acabariam tendo uma indigestão.

Cassie desceu do veículo, mal-humorada. Sebastian se aproximou de Dorie para ajudá-la, mas ela recusou seu apoio. Cassie estendeu a mão para a irmã, que a tomou no mesmo instante.

Foram para o lago. Sebastian cortou o pão em pedacinhos para as meninas jogarem. Os patos vieram em bando, grasnando, barulhentos. Tempos depois, Cassie havia se esquecido de que odiava patos e ria muito ao jogar a comida para eles.

Progresso!

Dorie procurava alimentar os menores e mais tímidos, e o fazia de maneira solene, como se estivesse incumbida de uma importante missão.

As garotas estavam apreciando o passeio. Sebastian decidiu que poderia trazê-las mais vezes ali. Cada pequeno passo para a frente era de suma importância.

— Ah, vejo que os patos já o treinaram direitinho, sr. Reyne... — disse alguém. — Eles são exigentes, o senhor não acha?

Era a srta. Hope, encantadora num vestido de musselina verde. Seus cachos brilhavam ainda mais à luz do sol. Ela esboçou um sorriso natural que o deixou sem fôlego.

— Como vai, sr. Reyne? — outra voz feminina o saldou. Era a srta. Faith, que acompanhava a irmã. Junto delas vinha uma bela criança ruiva, e James, o laçao, carregando uma cesta de piquenique.

Sebastian ficou zozinho e sem rumo. Onze dias haviam transcorrido desde a última vez que se viram, e, apesar de todo o drama, ele sentira saudade de Hope.

Além do mais, suas irmãs não estavam prontas para serem introduzidas na sociedade londrina. Cassie e Dorie precisavam de mais tempo para se sentirem seguras e aprenderem a se comportar de maneira adequada.

Hope pôs o braço no ombro da bela criança e se adiantou.

— Sr. Reyne, esta é nossa irmãzinha, Grace. Grace este é o sr. Reyne.

A menininha fez uma reverência elegante e falou, muito tímida, um *Como vai?* Devia ter uns doze anos, Sebastian imaginou, ao cumprimentá-la.

E agora? Como suas irmãs iriam se comportar?

Mas, antes que ele pudesse dizer algo, um pequeno cotovelo o cutucou na altura das costelas, e Cassie chegou mais perto.

— Parece que o gato comeu a língua de meu irmão. Eu sou Cassandra, e esta é minha irmã, Eudora, mas nós a chamamos de Dorie. Ela não gosta de falar, sabe?

— Como vai Cassandra? E você, Dorie? — Hope tomou a mão que Cassie lhe oferecia e, sorrindo, estendeu os dedos para Dorie também.

A irmã de Cassie apenas a olhou por breves segundos.

— Estamos muito felizes por conhecê-las, não é, Grace? Grace não conhece ninguém aqui em Londres.

A garota fez que sim, e fitou Cassie com um ar solene:

— Já foi visitar a Torre de Londres? Cassie meneou a cabeça, negando.

— É o lugar onde costumavam decapitar pessoas; até mesmo reis — Grace informou com prazer. Então olhou para Hope. — Poderíamos ir de novo, para levar Cassandra e Dorie, não é?

— É claro! Se o sr. Reyne concordar.

Cassie o encarou com hostilidade, impedindo-o de recusar o convite.

— Eu adoraria, obrigada. E podem me tratar por Cassie.

Sebastian mal acreditava que sua irmãzinha era capaz de proferir palavras tão delicadas. Até mesmo seu costureiro sotaque soava mais refinado.

— O pão de vocês acabou? Se quiserem, posso arrumar mais. — Faith dividiu um grande pedaço entre as três meninas e as acompanhou até o lago.

Sebastian respirou fundo.

— Belo dia, não é?

Hope tornou a sorrir e enlaçou o braço dele.

— Muito bonito. Vamos caminhar um pouco? Sebastian congelou ao ser tocado por ela.

— Faith e James cuidarão delas.

— Vamos, então. — E ele saiu, arrastando a senhorita, que teve de se esforçar para acompanhar os passos largos.

Levou um tempo ainda para ele percebesse e diminuísse o ritmo.

— Aquelas árvores ali na frente são olmos, senhorita? Os olmos são muito úteis e dão muita sombra. Sobre tudo em dias ensolarados. — Sebastian fez uma pausa para pensar, e então acrescentou: — Os dias têm estado muito quentes.

Hope achou graça. O sr. Reyne era cheio de contrastes. Se por um lado parecia congelar e agir de maneira estranha, falando sobre temas superficiais, por outro sua mão protetora a segurava com carinho.

Sebastian observou as meninas, que jogavam enormes pedaços de pão para as aves.

— Acho que os patos preferiam a chuva.

Hope percebeu que se ela não tomasse as rédeas da conversa, eles continuariam falando de amenidades o restante do passeio. Assim, disse:

— Que tal irmos dar uma olhada mais de perto naqueles chorões?

Com certa relutância, ele se dirigiu naquela direção. Sebastian era um enigma, mas Hope se determinara a desvendá-lo.

— Suas irmãs chegaram há pouco?

— Sim.

— O senhor é muito corajoso.

— Por que diz isso?

— A maioria dos homens de sua idade detestaria ter de tomar conta das irmãs mais novas.

— Não é meu caso. Estou muito feliz em tê-las comigo. Hope sentiu sinceridade naquelas palavras.

— Mesmo assim, sua atitude é rara. Quase todos mandariam uma governanta passear com as meninas.

— Tentei contratar uma, mas não deu muito certo. Cassie é um tanto difícil.

— Poderia tê-las mandado para um colégio interno.

— Jamais faria isso!

Sebastian olhou para trás, preocupado com as duas.

— Minha irmã Faith é muito responsável, e James é de extrema confiança. Sei que não aprova as qualidades dele como acompanhante, sr. Reyne, mas pode estar certo de que ambos são muito cuidadosos.

Sebastian fez um movimento abrupto, como se tivesse despertado de um pesadelo.

— Desculpe-me, não quis ser grosseiro. É que a certa altura perdi minhas irmãs, e agora que as recuperei temo que isso aconteça de novo.

— Perdeu?

— Sim. Eu as deixei com uma mulher, paguei para que tomasse conta delas. Mas ela as expulsou, e eu as perdi.

— Por quanto tempo suas irmãs ficaram sumidas?

Houve uma longa pausa antes que a palavra amarga fosse proferida:

— Muito.

Hope gostaria de saber o período exato, mas preferiu não insistir.

— Creio que está sendo muito severo consigo mesmo. A responsabilidade de cuidar delas não deveria recair sobre o senhor apenas.

— Meus pais morreram. Foi tudo minha culpa. — Sebastian fitava o infinito.

Ele parecia desolado, e Hope sentiu uma vontade imensa de abraçá-lo.

— Tenho certeza de que não foi o culpado, sr. Reyne. Além do mais, o senhor já as encontrou sãs e salvas. Portanto, já não devia ter se perdoado?

— Não sei por que lhe contei isso. Eu... não deveria.

— Estou honrada por sua confiança. — Deu um tapinha na mão dele. — Como machucou a mão?

No mesmo instante ele escondeu a mão defeituosa no bolso.

— Perdoe-me por não ter colocado minhas luvas, srta. Hope. Sei que essa mão é horrível e...

— Não é horrível! Ela apenas tem dois dedos defeituosos. E, para dizer a verdade, gostei da maneira como o senhor cobriu minha mão com a sua.

Hope tentou retirar a mão que pousava sobre o braço dele, mas Sebastian a segurou.

— Fique, senhorita. — Foi mais um comando que um pedido. Os olhares se encontraram. O braço de Hope estava preso com tanta firmeza contra o corpo dele que era possível sentir os batimentos acelerados de seu coração.

Sebastian parecia devorá-la com os olhos. Bem devagar, seus dedos foram tocar-lhe a face. As pupilas dele brilharam, e Hope ergueu o rosto num convite mudo. Então, a boca dele foi se aproximando cada vez mais daqueles lábios sedutores. Hope inclinou a cabeça de lado, e então... um grito.

— As meninas! — Sebastian a soltou e saiu correndo. Hope permaneceu parada, no mesmo lugar, trêmula. Eles quase se beijaram, ali mesmo, embaixo dos galhos dos chorões. E por mais desastroso que isso pudesse ser para sua reputação, não pôde evitar.

Controlando seus sentimentos assustadores, Hope correu atrás dele. E à medida que se aproximava do lago foi possível visualizar a cena. Cassie caíra na água e se debatia, tentando atingir a margem.

Em segundos, seu irmão a alcançou, resgatando-a de sua luta angustiante.

— Você está bem, Cassie? Como isso aconteceu? Tome, pegue isto. — Sebastian a embrulhou em seu próprio casaco.

A menina enrijeceu, embaraçada.

— Estou bem — Cassie murmurou, sem jeito, enquanto ele limpava seu rostinho com um lenço.

Ela o arrancou da mão dele e passou a se limpar sozinha. Seus cabelos pingavam, e o vestido de musselina azul grudara em seu corpo como uma segunda pele.

— Os patos tiveram um fabuloso banquete, de qualquer forma — Hope comentou,

tentando amenizar a tensão. — Ainda bem que já tinham comido muito e não quiseram devorá-la, Cassie.

Ela sorriu para a menina, e as outras garotas sorriram também.

Hope fitou de soslaio sua gêmea, com a intenção de verificar se a irmã também vira a faca na coxa de Cassie. Sim, Faith tinha visto, e Grace também.

— Aquilo é uma fa... — a menininha começou, mas Faith a interrompeu a tempo, com um pequeno beliscão.

— É melhor irmos embora para casa. — Sebastian não se dera conta de nada. — Srta. Hope, srta. Faith e srta. Grace, até logo. Vamos embora, Cassie e Dorie.

Hope os acompanhou até a carruagem. Faith e Grace jogaram os últimos pedaços de pão para os patinhos.

Cassie e Dorie corriam na frente, e Hope e Sebastian seguiram atrás delas.

— Sr. Reyne, adorei o passeio e a conversa.

— Gostaria de me desculpar, srta. Hope. Eu não tinha o direito. Aquilo foi um erro. Vim para Londres com a intenção de me casar com lady Elinore Whitelaw.

Aquilo a atingiu como um tapa. Ele continuou:

— Desculpe-me se eu a iludi... Mortificada, Hope o encarou.

— Ora, sr. Reyne, desculpar-se por quê? Não aconteceu nada.

Tivemos apenas um passeio, num lugar público, junto de nossas irmãs. Garanto que ninguém poderá tecer nenhum comentário.

Hope queria que um buraco se abrisse sob seus pés e a engolisse. Sentia o rubor ardendo em suas faces.

— Acho que vai chover. É melhor nos apressarmos. Adeus, sr. Reyne. Adeus, Cassie e Dorie. Espero que nos encontremos um dia desses.

— Ah, sim, pode deixar — Cassie respondeu. — A srta. Faith e Grace nos convidaram para irmos ao Green Park amanhã de manhã.

— Se o sr. Reyne permitir, Cassie — Faith a lembrou, gentil, ao se aproximar.

Cassie não disse nada, apenas olhou para o irmão.

Hope torcia para que ele dissesse *não*.

Sebastian hesitou e fitou Dorie, cujos olhinhos o encaravam.

— É claro que sim, srta. Faith. A que horas as meninas devem estar prontas?

Capítulo IV

Está tudo bem, Hope? Você parece preocupada. — Faith, segurando o braço da irmã, caminhava com ela de volta para casa, com Grace e James um pouco adiante, conversando.

— Não é nada. Só estou com um pouco de dor de cabeça — Hope mentiu. — Não é fácil manter uma conversa com aquele homem. E como tirar leite, de pedra.

— Não tive a impressão de que vocês estavam tendo dificuldades para achar assunto. Mas para mim você está é aflita, e não com dor de cabeça.

Era impossível enganar a irmã gêmea. Por isso, Hope mudou de assunto:

— Lady Thorn vai dar um baile à fantasia, sabia? Como o conde será o convidado

de honra, o tema do baile será os ciganos húngaros.

— Ouvi falar. E acho que será divertidíssimo! Ao ver Faith corar, Hope perguntou, curiosa:

— Parece interessada no conde... Estou certa?

— O conde Rimavska é o melhor músico que já conheci. Faith ficou ainda mais vermelha, e Hope suspirou. Esperava que o tal conde não fosse o homem dos sonhos de sua irmã, mas a expressão dela não dava margem a dúvidas.

— Sei que o acha extravagante e exibido...

Hope não disse nada, apesar de no íntimo pensar exatamente isso.

— Aquelas roupas e o jeito extravagante não passam de uma atuação dele, Hope.

— Se você gosta do cavalheiro, então tenho certeza de que ele deve ter seus encantos.

Faith sorriu e se calou. Hope não entendia por que a irmã ficara tão encantada com o lorde, tirando o fato de ele ser um músico fantástico. Mas, por sua vez, Faith também não compreendia por que Hope estava atraída por um homem como o sr. Reyne.

— Faith, você gosta dele?

— Ainda é cedo para afirmar.

— Tenha cuidado, irmã. Você não o conhece bem. Guarde seu coração para o dia em que aparecer o homem certo.

Faith a encarou.

— Você não conhece o sr. Reyne, e no entanto que cena foi aquela perto dos chorões? Vi quando os dois quase se beijaram.

Envergonhada, Hope respondeu:

— Não! Eu não beijei ninguém.

— Oh, Hope, não esconda nada de mim... Conte-me como é ter esses desejos tão fortes por um homem!

Hope ficou triste.

— Não sei. Sebastian não está interessado em mim.

— Não acredito!

— É verdade. Ele me contou que veio para Londres para se casar com lady Elinore Whitelaw.

Faith abraçou a irmã.

— Então não é o homem certo ainda, minha querida. Hope suspirou, e Faith prosseguiu:

— Além do mais, alguém que trata as próprias irmãs daquela maneira não serve para você.

Hope estranhou a veemência da afirmação da irmã.

— O que quer dizer? Não vi nada de errado na maneira como Sebastian as tratou.

— Não enquanto estávamos juntos. Mas você deve ter notado como Cassie ficou transtornada quando ele a tirou da água.

— Ela estava com vergonha.

— Não foi só isso. Cassie odiou ser tocada por ele. Ficou óbvio. E eu vi, você viu também, o que parecia ser uma faca amarrada numa das pernas! O que achou daquilo?

Hope fez um gesto com a cabeça.

— Dorie não abriu a boca, mas dava para ver o medo em seus olhinhos. Algo terrível deve ter se passado com aquelas garotas. E o mais estranho é que, em vez de jogar os pedaços de pão para os patos, ela os guardava no bolso. Alguma coisa muito errada acontece naquela família, e aquelas duas pobres criaturas estão sob a tutela do irmão, um homem cuja reputação, segundo a sra. Jenner, não é das melhores. Lamento por você, Hope, mas ao mesmo tempo estou aliviada por vê-la livre daquele sujeito.

As palavras de Faith voltaram a assombrar Hope durante a noite, quando ela, deitada, tentava dormir. As histórias que contavam a respeito de Sebastian eram muitas. No entanto, Hope conhecia a maldade do mundo e tinha certeza de que pelo menos metade do que diziam não passava de pura invenção.

Mas havia algo de errado com as irmãs dele, isso era fato. Hope era obrigada a admitir. Ela mesma e sua irmã foram vítimas dos maus-tratos infligidos pelo avô, e agora eram perfeitamente capazes de reconhecer os sinais nos outros.

No parque, Sebastian mostrou-se protetor e cuidadoso com as irmãs. Mas, agora, as dúvidas brotavam em seu coração.

As pessoas que não faziam parte da família Merridew também costumavam imaginar que o avô delas era um senhor excelente, mas ninguém sabia que na intimidade do lar tudo girava em torno do poder, da força, da tirania.

A história que Sebastian contara sobre ter perdido irmãs... Será que na realidade elas haviam tentado fugir dele, da mesma forma que um dia Hope e Faith fugiram do avô?

Só lhe restava uma coisa a fazer. Hope tentaria descobrir o que pudesse sobre aquelas garotas, pois se as pobrezinhas estivessem sofrendo algum tipo de abuso, ela poderia salvá-las.

Sebastian acordou cedo, como de costume. A cidade, no entanto, ainda não despertara.

Após se vestir, seguiu a passos leves pelo corredor e abriu a porta do quarto das irmãs. Desde a fuga delas, a primeira coisa que ele fazia assim que despertava era verificar se elas não haviam fugido e se estava tudo bem.

Dorie, como sempre, passara para a cama de Cassie, e as duas dormiam aninhadas como gatinhos. Ao se virar para deixar o aposento, uma tábua do assoalho rangeu, e uma lâmina brilhou no ar.

— Está tudo bem, Cassie, sou eu. Pode voltar a dormir sossegada.

A menina resmungou algo e a faca desapareceu embaixo das cobertas. Dorie nem se mexera, mas Sebastian tinha certeza de que também despertara.

Fechou a porta com cuidado, sentindo-se culpado pelos temores que assombravam suas irmãzinhas.

Em seu escritório, uma pilha de cartas e papéis o aguardava para ser lida e despachada.

As horas voaram e, por volta das nove, houve uma batida na porta principal. O próprio Sebastian foi ver quem era.

Assim que girou a maçaneta, três belos pares de olhos azuis o encararam.

— Bom dia, sr. Reyne — a srta. Hope o cumprimentou. — Viemos buscar Cassie e Dorie para o passeio.

Desajeitado e confuso, Sebastian deu um passo para trás.

— Entrem, por favor. As meninas ainda não estão prontas. As três adentraram o hall, seguidas por James e uma criada, que carregava uma enorme cesta e não tirava os olhos de cima de Sebastian.

— Vou pedir para que alguém as apresse. — Sebastian estalou os dedos, e no mesmo instante um empregado o atendeu.

Faith fitou a irmã, então notou que ele notara a troca de olhares.

— Sei que é muito cedo para uma visita — Faith procurou disfarçar. — Mas, como estamos indo para o Green Park, imaginamos que as garotas gostariam de ver a ordenha das vacas.

— Vacas? — Sebastian se espantou.

— Há um pequeno rebanho lá, que abastece os moradores de Londres com leite fresco.

Assim que suas irmãs descessem, ele as despacharia e poderia retomar seu trabalho. Sebastian era um homem ocupado, e tinha assuntos mais importantes para cuidar do que seus próprios sentimentos. Quanto antes sua situação com lady Elinore fosse resolvida, mais rápido poderia se voltar para os cuidados com suas fábricas. Ele era bom em aceitar os fatos que a vida lhe impunha.

Se ao menos a srta. Hope não estivesse vestida de maneira tão graciosa e sedutora...

— Bom dia a todos! — Cassie saudou ao descer a escada, seguida por Dorie. — Desculpem-nos pelo atraso. Esqueceram-se de nos acordar, por isso dormimos demais. — Seu olhar para Sebastian indicava que ele havia se esquecido de chamá-las.

Cassie colocou o gorro, e Sebastian ficou sensibilizado ao ver Grace ajudar Dorie com o casaco. As duas eram quase da mesma idade, mas, enquanto Grace expressava um brilho de saúde e confiança, Dorie tinha um olhar aflito e descorado. Dorie agradeceu a Grace com um sorriso que fez a alegria de Sebastian. A pequena sorria!

Hope o observava, e ele percebeu. Não havia como proibir a visita das senhoritas; o contato com Grace seria bom para Dorie.

Além disso, Sebastian sempre se orgulhara de seu autocontrole, portanto, continuar se encontrando com a srta. Hope não seria tão difícil assim. Desde cedo aprendera a conter seus desejos pessoais em função do que tinha de ser feito. Não seria agora que iria se perder, só por causa de um belo sorriso e lábios carnudos.

As meninas estavam prontas, e não havia por que não confiá-las aos cuidados das srtas. Merridew.

— O senhor não precisa se preocupar. Vamos cuidar bem delas — Hope disse, com muita doçura. — Garanto que as duas adorarão o passeio.

— Não tenho dúvida. Mas não seria melhor que eu as acompanhasse?

Cassie o encarou no mesmo instante. As irmãs Merridew tornaram a trocar olhares.

Faith abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer algo, Hope se adiantou:

— Seria muito bom. sr. Reyne. Não seria, Faith?

Faith respondeu com um aceno de cabeça, sem muito entusiasmo.

O mordomo de Sebastian entregou-lhe o casaco, as luvas e o chapéu, e todos saíram para uma linda manhã ensolarada. E então, para surpresa de Sebastian, ele constatou que não havia nenhuma carruagem à espera. Assim, ele pensou em chamar a sua, pois o parque era um tanto distante. Mas antes que pudesse fazê-lo, o pequeno grupo já se movia a passos rápidos.

James e a criada iam à frente, atrás Cassie e Grace. De braços dados, conversavam, seguidas por Faith e Dorie, que iam de mãos dadas, sorridentes.

— O senhor vem ou não? — Hope o despertou do torpor.

— Desculpe...

— Parece-me preocupado.

— E impressão sua. — Ele não iria explicar nada. Da última vez que o fizera, eles quase se beijaram num local público. — Pensava em chamar minha carruagem. O Green Park é um tanto distante.

— Não precisamos de um veículo. O dia está maravilhoso, e gostamos de caminhar. Crescemos no campo, sabia? Pois é. Por isso estamos acostumadas a andar. Espero que o senhor não se importe.

— De forma alguma. — Ele a puxou, livrando-a de um esbarrão com um homem que passou por eles carregando na cabeça um tabuleiro enorme de bolinhos. — Mas a esta hora as ruas estão cheias de desajeitados como aquele. Comerciantes, entregadores de açougue, criados e todo tipo de ralé.

— De fato. Mas é muito interessante, não é? Aqueles bolinhos cheiravam muito

bem. Gosto de ver pessoas diferentes. Tivemos uma infância muito reclusa.

Não fora isso o que Sebastian quisera dizer. Para ser franco, imaginara que uma dama tão bem-nascida iria se aborrecer em ter de dividir o espaço com indivíduos do povo.

Pelo visto aquele era o horário em que as babás traziam os bebês para passear, pois o parque estava abarrotado de crianças. As irmãs Merridew demonstravam estar acostumadas à cena e, muito alegres, rebatiam bolinhas de sabão que voavam, enquanto se dirigiam ao estábulo.

No pequeno curral, as vaquinhas se debatiam, aguardando a ordenha. As moças responsáveis pelo serviço trabalhavam muito, sentadas em bancos de três pernas. O leite cremoso espumava nos baldes e, em seguida, era servido para aqueles que aguardavam na fila.

Era dali que vinha o leite fresco para o chocolate matinal das damas londrinas, a srta. Faith explicava para as irmãs de Sebastian. As duas pareciam fascinadas com as vacas. Fato que assombrou Sebastian, pois ele acreditava que a viúva Morgan fora viver com Cassie e Dorie numa fazenda, logo depois do desaparecimento delas.

— Os olhos delas não são lindos? — indagou a srta. Hope. — São cor de âmbar. Eu adoraria ter os meus dessa cor.

Sebastian ficou assombrando.

— Mas seus olhos são lin... — Interrompeu-se ao se recordar de sua resolução de não encorajá-la mais, e disfarçou tossindo.

Afinal, estava ali apenas para cuidar das irmãs, e não para admirar a beleza estonteante da srta. Hope.

Cassie observava maravilhada o leite caindo nos baldes.

— A ordenha não as machuca? — indagou, com um misto de curiosidade e dó.

A criada das irmãs Merridew afirmou:

— Nem um pouquinho, senhorita. Na verdade, dói mais se elas não forem ordenhadas.

Cassie olhou para as gêmeas, pedindo uma confirmação.

— Lily viveu numa fazenda antes de vir trabalhar na mansão de meu avô.

— Pensei que sir Oswald fosse seu tio, não seu avô.

— Ele é na verdade nosso tio-avô, sr. Reyne — respondeu Hope.

Grace acrescentou:

— Nosso avô, o irmão dele, é o homem mais bruto do mundo, e nós o odiamos! Mas não moramos mais com ele, por isso agora está tudo bem.

Sebastian esperou pelo comentário de uma das gêmeas, mas James chegou com uma jarra de leite. Foi um desapontamento, pois Sebastian ficou curioso de ouvir mais sobre o avô delas.

— Agora, meninas, quem quer um copo? — Faith sorria. — Prometo que quem beber todo o leite terá uma surpresa.

Cassie e Grace hesitaram, mas, para espanto de Sebastian, Dorie ergueu o bracinho e se adiantou para ser a primeira. A menina bebeu todo o conteúdo em segundos. Lily sorriu:

— É gostoso, não é?

Dorie sorriu para a criada e tornou a erguer o copo vazio. Sebastian ficou embasbacado ao ver Dorie apanhar o copo cheio e beber tudo outra vez.

Aquilo era um bom começo, e indicava que a vinda delas para Londres estava sendo positiva. E melhor ainda fora o convite da srta. Faith para o passeio, pois do contrário Sebastian nunca teria ficado sabendo sobre os últimos progressos. Dois copos de leite todas as manhãs só iriam fazer bem àquele corpinho mirrado de Dorie.

Hope os observava à distância. A família Reyne era um mistério.

— Vejam aquela multidão. O que estará acontecendo? — Grace puxou Cassie pela

mão, que de imediato pegou na mãozinha de Dorie, e as três correram para ver qual o motivo da agitação.

James e Lily saíram junto com as garotas, mas o sr. Reyne já se adiantara sem esperar por ninguém.

— É como se ele tivesse medo de deixá-las escapar de seus dedos — Faith comentou.

O coração de Hope disparou. Elas sabiam muito bem como era ter um homem a prendê-las firme.

— Hope, acha que ele bate nelas do jeito como vovô costumava bater em nós?

— Faith! Não sabemos nada sobre o sr. Reyne, e não é certo fazer especulações. Além do mais, não acho que ele se parece com vovô em nenhum aspecto! Exceto pelo tipo físico.

Hope nunca imaginaria o avô correndo para salvar alguém da maneira como Sebastian fizera para salvá-la, naquela manhã, no parque, quando a viu pendurada no cavalo, tentando apanhar o galho.

— Não pode negar que tem algo de estranho entre eles — Faith insistiu.

— Sim, mas não sabemos se Sebastian é o motivo.

Eram evidentes as fortes suspeitas de Faith a respeito do sr. Reyne.

— Temos de descobrir mais sobre as meninas. Na volta, você fala com Cassie, eu tentarei arrancar mais alguma coisa do sr. Reyne.

— Não prefere que eu fale com o sr. Reyne, Hope?

— Não, eu faço isso.

Sebastian voltava com as irmãs, parecendo frustrado e aborrecido. Cassie vinha com ares de rebeldia, e Dorie, muito pálida e assustada.

A expressão de medo da menina era terrível, e de alguma forma despertou em Hope lembranças da época em que elas viviam em Norfolk, quando o avô estava muito bravo. Faith costumava ficar com a mesma aparência, tentando fazer-se o mais imperceptível possível para não chamar a atenção do avô.

Hope se aproximou deles e apanhou as meninas pelas mãos.

— Tive uma ótima idéia! Por que não vamos todos ao Gunter's para tomar sorvete?

Ainda era muito cedo para pensar em soverte, mas em seu desespero nada melhor lhe ocorrera.

— Não, obrigado. Acabei de me lembrar de que tenho um compromisso marcado. Negócios importantes. Portanto, eu e minhas irmãs voltaremos para casa. Desculpem-me por algum inconveniente, mas eu não planejava passar toda a manhã à toa, passeando pelo parque — Sebastian disse com certa rispidez.

— Mas passear no parque e beber leite fresquinho são momentos de puro prazer, não uma perda de tempo, sr. Reyne — Hope afirmou com tanta candura que Sebastian se desarmou.

— A senhorita está certa. Agradeço pelos agradáveis momentos. Srta. Faith. Grace... — Fez uma reverência. — Contudo, precisamos partir já. Pretendo chamar uma carruagem. As senhoritas gostariam de nos acompanhar?

— Não, obrigada. Preferimos ir andando — Faith se adiantou.

— Muito bem. Então, adeus, senhoritas. Despeçam-se delas, Cassie. Dorie.

As duas fizeram uma cortesia.

Ao observar os três se afastar, Hope se deu conta de que nunca vira o sr. Reyne locando as irmãs em público. Com exceção da ocasião em quem ele resgatou Cassie do lago.

O avô delas também não costumava tocar nas netas. Exceto quando era para bater.

Vinte minutos depois, quando as irmãs Merridew retornavam para sua mansão, um

coche elegante passou por elas: o sr. Reyne era o condutor, e ao lado dele seguia lady Elinore Whitelaw.

— Então esse era o negócio importante. — Faith fez um esgar. — Duvido que lady Elinore saiba que ele se refere a ela dessa maneira.

— Estou muito feliz por poder desfrutar de sua companhia nesta manhã, lady Elinore. — Sebastian diminuiu a velocidade ao entrarem numa rua estreita, na região leste da cidade; não era exatamente um cortiço, mas tampouco se tratava de uma região onde se poderia encontrar damas como lady Elinore.

A dama se vestia toda de cinza, como quase sempre. Vestido, peliça e o gorro, todos na mesma cor. Tudo muito discreto e sereno.

A imagem de Hope Merridew invadiu os pensamentos de Sebastian, que no mesmo instante tentou afastá-la a todo custo. Se não tivesse responsabilidades e deveres, então estaria livre para se envolver com a srta, Hope. Mas esse não era o caso, pois a esposa de que precisava não poderia ser uma fada delicada; uma criatura frágil que habitava um mundo onde Sebastian nunca poderia morar, repleto de risos e almas enlevadas.

Era necessário manter uma barreira entre os dois. Pois, à beira do lago, na véspera, ele quase não resistira à tentação, e estava prestes a se render à beleza incrível da senhorita. Esforçou-se para retornar à realidade.

— Tenho certeza de que sua presença será muito benéfica a minha causa, lady Elinore. Estou ciente de que minha oferta é controversa e que nem todos os membros do Conselho concordam.

— Devo confessar que a princípio também tive dúvidas, quando o senhor apresentou a proposta. Mas agora que entendo melhor seus motivos, mudei de idéia. Sei que nossa instituição só terá benefícios com seu envolvimento.

— Fico feliz por ser útil.

Ela não fazia idéia dos reais motivos dele. Ninguém fazia. Nem mesmo Sebastian poderia garantir. Tudo o que ele sabia era que tinha de comprar aquele orfanato. Nenhum outro servia, pois só aquele abrigara suas irmãs.

Lady Elinore não ignorava a relação de Sebastian com o lugar. A investigação de Morton Black concluíra que a mãe de lady Elinore estava à beira da morte quando Cassie e Dorie foram levadas para aquela instituição, impedindo portanto que lady Elinore tivesse contato com elas; uma vez que estivera muito ocupada com os cuidados da mãe enferma.

Outro fator que afastava a hipótese do reconhecimento de suas irmãs era que todas as meninas, ao chegarem ao orfanato, recebiam um novo nome, apesar de os verdadeiros serem registrados em um livro. Morton Black, no entanto, vinha tratando da destruição de uma específica página do tal livro, para evitar que restasse alguma pista que pudesse ligar Carrie e Dorie Morgan a Cassandra e Eudora Reyne.

Sebastian parou em frente a uma construção rústica e desceu do veículo para ajudar lady Elinore.

— Desculpe-me por minha ignorância, mas a senhorita ainda está de luto?

— Não. Na verdade, minha mãe já morreu há quase um ano, e, além do mais, não acredito no luto imposto pela sociedade. Mas se o senhor está se referindo à cor de minhas roupas, a escolha é proposital. Sempre usei cinza, assim como minha mãe. Roupas coloridas só servem para despertar os desejos e as fantasias masculinas.

Sebastian arqueou a sobrancelha.

— É mesmo?

— Sim. Minha falecida mãe, lady Ennismore, fez um estudo sério sobre o tema, e concluiu que se todas as mulheres evitassem trajes coloridos, teríamos uma sociedade menos amoral.

— De fato — Sebastian murmurou.

Na opinião dele, se todos usassem cinza, a vida seria muito triste, e isso não seria bom para seus negócios.

— Nunca ouviu falar sobre este estudo, sr. Reyne? Minha mãe publicou um livro intitulado *Os Princípios da Razão para Mulheres Inteligentes*.

Sebastian confessou que nunca ouvira falar a respeito.

— Vou lhe dar um exemplar de presente, pois gostaria que nossa instituição continuasse sendo administrada de acordo com os princípios de mamãe. Ela dizia, por exemplo, que o cinza neutraliza os desejos dos homens.

Não havia como argumentar contra aquela afirmação.

Elinore tocou a sineta, e uma senhora vestida de preto atendeu de imediato.

A mulher os conduziu a uma grande sala, onde seis mulheres os aguardavam. A idade delas variava em torno do cinqüenta anos em diante. Três vestiam cinza, uma estava de preto e outras duas usavam cores brilhantes que se destacavam pelo contraste.

Ao entrarem, seis pares de olhos se voltaram para eles em variados níveis de aprovação e suspeita. Sebastian já se acostumara a situações como aquela, e nem se importava. Contanto que conseguisse seu intento, as senhoras que o olhassem do jeito que quisessem.

— Senhoras... — ele disse, após as apresentações. — Já sabem dos motivos que me trazem aqui. Portanto, sejamos diretos. Quero comprar o Orfanato Tothill. As senhoras têm minha garantia por escrito de que darei continuidade ao bom trabalho que vem sendo realizado, e têm o testemunho de meu bom caráter certificado por lady Elinore. Além do mais, estou disposto a permitir que três de vocês permaneçam no conselho. Portanto, só me resta fazer a oferta. — Sebastian ofereceu uma quantia e, pela intensidade dos murmúrios, era muito boa. — Talvez alguém possa me mostrar as instalações enquanto as senhoras discutem a oferta. Como bem sabem, nunca entrei aqui.

Sebastian estava curioso para ver o lugar que abrigara suas irmãs.

— Eu o acompanho — lady Elinore se prontificou. — Todas já sabem minha opinião sobre a venda, por isso creio que não preciso participar da discussão.

Elinore o levou pelos corredores, explicando os propósitos do estabelecimento e respondendo a todas as questões que lhe eram feitas. Sebastian estava interessado pelo lugar em si, e não pelas teorias envolvidas. Não sabia nada sobre a educação de garotas. Contanto que internas estivessem limpas, aquecidas e bem alimentadas, ele não se importava com a forma como era feita a administração. Para Sebastian, haveria pessoas para se preocupar com estes detalhes.

— A verdade, sr. Reyne, é que nossas garotas foram expostas aos aspectos mais cruéis da natureza humana. Agora temos de ajudá-las na obtenção do equilíbrio emocional para que venham a ter uma vida adulta saudável e decente.

A dama falou sobre como uma vida calma e com uma rotina de estudos e trabalho poderia contribuir para o desenvolvimento do caráter das meninas. Para Sebastian, tudo o que ela dizia fazia sentido, confirmando cada vez mais que a Elinore saberia muito bem como cuidar de suas irmãs. Sua decisão estava tomada, e por mais doloroso que fosse não havia como voltar atrás.

Sebastian não podia imaginar a srta. Hope acomodada a uma rotina de estudo e trabalho. Para ser honesto, não imaginava Cassie se adaptando a isso também.

Entraram numa sala onde várias meninas costuravam, enquanto uma dama lia um livro em voz alta.

— Todas as histórias lidas para elas falam sobre uma garota que saiu do bom caminho. Cada uma delas tem uma lição de moral. Minha mãe as escreveu. Costumamos alternar as leituras com histórias de minha mãe e da Bíblia — Elinore explicava. — As meninas aprendem tudo sobre os deveres de uma casa, desde cozinhar a limpar e lavar. Trabalham o dia todo, e só param para as refeições e para a hora dos exercícios diários. Mamãe sempre acreditou que os exercícios fazem bem para as mulheres.

Aquilo também fazia sentido. Pausas para exercícios não eram um hábito nas fábricas. Alguns dos meninos e meninas que Sebastian conhecera quando criança

havam ficado paraplégicos por trabalharem mais de catorze horas seguidas, sem intervalos para alongar os músculos e se movimentar. A primeira providência de Sebastian como gerente foi instituir pequenos intervalos para lanches e exercícios. E sua iniciativa valera a pena, pois nenhum trabalhador ficava aleijado em suas tecelagens.

— Vocês as levam para passeios fora daqui?

— Não, pois o mundo lá fora oferece muitas tentações, e muitas dessas garotas tentarão fugir na primeira oportunidade. Não permitimos que saiam até que tenhamos certeza absoluta de que estão moralmente fortes para resistir a tudo. O mundo está cheio de pessoas sem escrúpulos.

A paixão de lady Elinore com os cuidados daquelas meninas o tocou fundo. Sebastian estava certo de que com um pequeno estímulo ela poderia redirecionar toda aquela compaixão para suas irmãs.

— Fico feliz que o senhor aprove. Agora, vamos retornar para ver o que o Conselho resolveu?

Sebastian assentiu. O Conselho já havia tomado sua decisão no momento em que ele apresentou a quantia, ele pensou, com cinismo. Porém, o tempo que passou conhecendo a instituição não fora em vão. Pois, além de satisfazer sua curiosidade, ele notou que, aos poucos, ganhava a confiança de lady Elinore.

Não lhe importavam as excentricidades dela, contanto que Elinore fosse uma dama de respeito e aceita pela sociedade.

Ela não resistiria ao pedido de casamento, sobretudo sabendo que ele lhe daria total apoio para continuar com suas obras de caridade.

Para agradá-la, Sebastian até poderia mudar o nome da instituição para Orfanato Lady Elinore Reyne.

Giles não conteve o riso.

— Uma instituição para meninas órfãs com o nome de lady Elinore Reyne? Seu maluco romântico! Que belo presente de casamento! Depois disso, todas as damas da sociedade estarão clamando por seu próprio orfanato!

Sebastian o olhava um tanto zangado.

— Esse é o tipo de presente que agradaria lady Elinore.

— E provável que esteja certo. Ela é uma criatura diferente. — Giles riu ainda mais.

— Preciso apressar as coisas. Acha que eu deveria mandar algumas flores para ela, em agradecimento?

— Será que Elinore apreciará? Você já lhe apresentou suas irmãs?

— Ainda não.

— O que está esperando?

— Não tenho certeza de que as meninas estão preparadas para o convívio social.

— Pelo que me contou, as duas continuam se encontrando com as irmãs Merridew. Portanto, se isso não for convívio social, não sei o que será então.

— Tem razão. Marcarei um encontro. — Sebastian pensou por um momento. — Vou convidá-la para um passeio.

— Onde?

— Você conhece Londres melhor que eu, Giles. Sugira um lugar.

— Por que não pede que lady Elinore sugira?

— Ótima idéia! Enviarei um bilhete para a casa dela.

— Devemos agradecer a sir Hans Sloane por esta magnífica oportunidade — lady Elinore explicava. — Ele era físico, naturalista e coletor de espécimes botânicos, e antes

de sua morte, cinco anos antes, sir Hans deixou em testamento, para a nação, setenta e um mil objetos, uma biblioteca e um herbário.

Elinore fitou Cassie e Dorie na esperança de ouvir algo, mas as garotas permaneciam mudas. Cassie encarou Sebastian com um olhar profundo e angustiado.

— Muito interessante — Sebastian afirmou.

— Sim, é fascinante! — lady Elinore se animou. — A família indicou uma curadoria para cuidar do patrimônio e, após muitas discussões, um ato do Parlamento estabeleceu o Museu Britânico. — Apontou para o edifício que se encontrava diante deles.

— Muito impressionante.

— Para mim, sr. Reyne, a exposição de botânica é a melhor. Assim, podemos começar por ela. Vocês devem ter estudado botânica, não é, meninas?

— Não — Cassie respondeu, triste.

— Suponho que estejam aprendendo a pintar aquarelas, bordados, italiano e música.

— Não — Cassie tornou a dizer.

— Bem, comecemos pela botânica, então. O fundador dos estudos modernos de botânica, por mais estranho que pareça, foi um suíço, um médico e físico que...

— Por que é estranho? — Cassie quis saber.

— Porque ele não era inglês. Cassandra, nunca interrompa um adulto. Não é educado — Elinore explicou com delicadeza. — Conforme eu ia dizendo, esse médico suíço desenvolveu um sistema chamado Naturae, para examinar e classificar o mundo natural. Após a morte dele, suas anotações vieram para a Inglaterra. Alguns papéis, por exemplo, chegaram com capitão Cook. Já ouviram falar dele, espero.

— Não. Ele também morreu?

— Sim, Cassandra.

— Todos estão mortos no Museu Britânico? Lady Elinore ficou perplexa.

— De fato, sim. Exceto pelas pessoas que trabalham aqui e os visitantes, é óbvio. Agora, vamos conhecer a mostra botânica, onde se encontram as amostras dos exemplares mais espetaculares de plantas.

— Plantas mortas?

— Sim, Cassandra, é claro. As plantas não podem ser preservadas se estiverem vivas. E elas vêm de várias partes do mundo.

— Sendo assim, estão secas em vez de verdes.

— Isso mesmo.

— Minha amiga Grace disse que aqui há múmias egípcias e estátuas enormes de mármore que lorde Elgin trouxe da Grécia. Ela falou que estão quebradas, mas que são muito interessantes.

Lady Elinore comprimiu os lábios.

— Aquela exposição não é adequada para mocinhas. Cassie tornou a olhar para Sebastian de um modo muito eloquente.

Sebastian estava satisfeito com o bom comportamento das irmãs, mas se indagava sobre o motivo que levava lady Elinore a escolher aquele local para um passeio.

A resposta veio após uma longa visita às plantas secas.

— Creio que vocês devem estar se perguntando como conheço tão bem o museu.

Em seu íntimo, Cassie respondeu que não.

— Minha falecida mãe costumava me trazer aqui uma vez por mês. Esse era nosso passeio especial. Minha mãe, lady Ennismore, era uma famosa educadora e escritora. Estava sempre muito ocupada, dando palestras ou participando de reuniões e conferências. Mas sempre tinha um tempo para mim. Eu costumava esperar com muita ansiedade por nossas visitas ao museu. Este lugar é quase como uma extensão de minha casa.

— Estas eram as únicas ocasiões em que a senhorita e sua mãe ficavam juntas?

— Quando se tem uma mãe famosa é preciso fazer alguns sacrifícios, Cassandra. Tenho orgulho de ser filha de lady Ennismore. Fui educada para dar continuidade ao trabalho dela.

Um tom de desconforto pairava no ar.

— Agora entendo por que a senhorita gosta tanto daqui — Sebastian decidiu quebrar o gelo. — Obrigado por ter nos trazido.

— Oh, mas o passeio ainda não terminou!

Cassie fitou Sebastian de soslaio, e ele percebeu que a paciência da irmã ia chegando ao fim. Devia levá-las para casa antes que Cassie dissesse algo ultrajante.

— Acho que as meninas já tiveram uma aula maravilhosa de botânica, lady Elinore. Por que não deixamos mais para uma próxima ocasião?

— Está bem. Apesar de ainda ter muito para ser visto. Mas uma xícara de chá seria muito bem-vinda.

Sebastian se apressou para pedir a carruagem. Quando Cassie subia o degrau para tomar seu assento, ele lhe sussurrou:

— Você se comportou muito bem hoje, Cassie. Se as coisas continuarem assim, acabarei fazendo uma surpresa para você e Dorie.

Infelizmente, lady Elinore ouviu.

— Ah, sim? Já sei o que as deixará muito felizes. Darei para vocês duas um exemplar do livro de minha mãe.

Dava para perceber que Cassie já ouvira o suficiente sobre as teorias de lady Ennismore. Sebastian a encarou, enviando uma mensagem silenciosa de que se ela agradecesse à lady ele pensaria em algo melhor para presentear-las. Caso contrário...

— Obrigada, milady. Tenho certeza de que as histórias devem ser tão fascinantes como a exposição de botânica — Cassie afirmou, muito educada.

Para alívio de Sebastian, lady Elinore não detectou a ironia. Contudo, a gratidão de Cassie não durou muito.

— Lady Elinore, a senhorita sabia que carrego uma faca amarrada na perna? — E começou a erguer a saia para mostrar a arma.

— Basta, Cassie!

Aquela mesma atitude levava várias governantas a pedir demissão.

Cassie, cautelosa, baixou a saia em silêncio.

— Desculpe-me, milady. — No entanto, Sebastian logo notou que lady Elinore não parecia chocada, e mantinha uma expressão serena estampada no rosto.

Mais uma confirmação de que aquela era a escolha certa.

— E não é inconveniente ter de alcançar isso embaixo de todas essas saias e saiotes? — Não havia nenhum traço de cinismo na voz de Elinore.

Cassie franziu a testa. Aquela não era a reação que esperava. Desconfiada, perguntava-se se aquilo não faria parte de um plano de seu irmão.

— Não, posso alcançá-la com muita facilidade. — Cassie puxou a arma.

Mas, para espanto de Cassie, lady Elinore tirou a faca de sua mão e passou a examiná-la.

— Isto não teria serventia alguma se não estivesse bem afiada, mas esta aqui é muito boa. — Sorrindo, Elinore olhou para Dorie — E você, também tem uma?

— Não! — Cassie franziu as sobrancelhas.

— E por que ela deveria? — Sebastian falou quase que ao mesmo tempo.

— Desculpem-me. Pensei que a família de vocês fosse culta.

— O que milady quer dizer com isso?

— Minha mãe sempre defendeu o direito de as damas andarem armadas, sr. Reyne. Estamos num mundo muito violento, e as mulheres têm de se defender, pois os homens são guiados por instintos que à vezes podem ser muito perigosos.

Indignado, Sebastian respondeu com sarcasmo:

— Nesse caso, devo supor que a senhorita também carrega uma faca.

— Oh, não... Como falei, uma faca tão grande não é de fácil manuseio. Eu tenho isto. — E tirou da costura do corpete um alfinete de chapéu e sorriu para Cassie. — É bem pontudo e muito mais fácil de manipular. Meus vestidos todos têm um lugar especial para meu alfinete. Porém, quando viajo ou visito locais mais suspeitos, carrego uma pistola.

A pequena rebelde não sabia o que pensar, e encarava lady Elinore boquiaberta. Após ter conseguido espantar várias governantas com aquela tática, não esperava ser superada por uma lady cheia de mimos e títulos.

Morton Black estava certo: lady Elinore era a pessoa certa para lidar com as rebeldias de Cassie. Mas Sebastian estava curioso:

— Já teve de recorrer a suas armas para sua proteção, lady Elinore?

— Não. Mas minha mãe costumava dizer que é necessário estar sempre prevenida.

— Entendo.

Um chamado os interrompeu:

— Ei, Sebastian, espere! — Era Giles, acenando para eles. Sebastian pediu para que o cocheiro esperasse.

Giles, montado em um belo cavalo preto, os alcançou em segundos.

— Boa tarde, meninas... lady Elinore... Belo vestido, milady, bonita cor e caimento.

Lady Elinore, que trajava um de seus vários vestidos cinza sem forma e sem graça, suspirou, fitando o horizonte.

— Cassie, Dorie, vocês estão encantadoras, também. — Giles piscou para elas. — Agora, para onde esta indo esta caleche cheia de belas mulheres, Sebastian?

— Estivemos no Museu Britânico e agora estamos indo tomar um suco.

— Também estou morrendo de sede! Posso me juntar a vocês?

— Claro, Giles. Iremos ao Gunter's.

Cassie se surpreendeu com a atitude do irmão. Afinal, depois de seu mau comportamento, não esperava por uma surpresa tão boa como aquela.

— Lady Elinore, a senhorita concorda com a sugestão? — Sebastian indagou. — Sei que o Gunter's não fica muito longe daqui.

Elinore resmungou algo, seguido de um suspiro que se parecia com um sim,

— Fica logo ali. — Giles apontou. — É aquele que tem uma placa com um abacaxi. Encontre um lugar para as damas, Bas. Eu vou chamar um garçom.

— O quê? Não vamos entrar no estabelecimento? — lady Elinore indagou, indignada.

— A senhorita pode ir, se quiser, mas num belo dia como este todos costumam tomar sorvete do lado de fora, embaixo de alguma sombra. Não se preocupe, o garçom trará tudo o que pedir, milady.

Encontraram um lugar para parar a caleche, sob a copa de uma árvore frondosa, e logo confirmaram o que Giles dissera: muitas pessoas tomavam sorvete e comiam doces ao ar livre. Damas sentadas em suas carruagens, deliciando-se com misturas cremosas italianas. Cavalheiros elegantes conversando, despreocupados.

Giles prendera seu cavalo num poste não muito distante. Um garçom vinha em seu encalço.

— Agora, o que vocês vão querer?

— Nunca tomei sorvete, portanto, não sei quais sabores eles têm.

— Nunca tomou sorvete, Cassie?! — Giles arregalou os olhos, brincalhão. — Bas, elas já estão em Londres há quantos dias? E ainda não tomaram sorvete!

— Também nunca experimentei — Sebastian admitiu. Giles se virou para lady Elinore:

— Milady, é nossa obrigação de cidadãos londrinos reparar essa falha. Qual sabor a senhorita sugere?

— Não tenho idéia, sr. Bemerton — lady Elinore se dirigia a ele com frieza. — Também nunca tomei sorvete, nem pretendo. Minha mãe não aprovava extravagâncias do tipo comida muito quente ou muito gelada. Portanto, não considero sorvete um alimento racional.

— Como certeza não é — Giles concordou. — É uma iguaria dos deuses! Então, esta será a primeira vez para todos vocês. Excelente! Garçom, diga-nos os sabores.

O rapaz entregou-lhe o cardápio, e Giles decidiu tomar a iniciativa:

— Muito bem, para as damas eu recomendo morango...

— Eu prefiro o pistache, por favor — Cassie o interrompeu. — Muito bem. Portanto, serão dois de morango, um de pistache e... abacaxi para nós, Sebastian?

— Parece-me ótimo.

— Não é preciso trazer nada para mim. Como eu disse, sorvete não é um alimento racional.

— A senhorita prefere pão preto, milady? Posso pedir para o garçom trazer-lhe uma fatia.

— Prefiro, sr. Bemerton — ela admitiu, com certa relutância.

— O pedido está feito, então. — Giles subiu na caleche e sentou-se, espremido, entre Cassie e Dorie, de frente para lady Elinore.

— Sr. Bemerton, sabia que lady Elinore anda armada como eu? Giles piscou e olhou para a lady.

Ela não respondeu nada e, devido ao nariz empinado, foi possível perceber um certo rubor em suas faces.

— Não me diga, Cassie! E onde ela guarda a arma? — Giles gostava de provocar lady Elinore.

— Cassandra, não é educado discutir tais assuntos — Elinore repreendeu a menina.

— Ela tem um alfinete escondido no corpete — a menina cochichou.

Giles mirou o corpete.

— Não dá nem para perceber... — ele cochichou de volta, piscando para Sebastian.

Sebastian deu um chute no tornozelo do amigo e mudou de assunto, passando a discorrer sobre cavalos, até que o garçom chegou com uma bandeja imensa, cheia de taças. Giles distribuiu guardanapos e, em seguida, os sorvetes. Por fim, estendeu uma taça cheia com um sorvete de cor escura para lady Elinore.

— Para quem é isso? — ela quis saber, alarmada. Giles sorriu-lhe.

— A senhorita disse que comia pão preto. Esse é o sabor do sorvete. — Giles mergulhou a colher de cabo longo na taça e a estendeu para a lady. — Não parece delicioso?

— Não! Eu disse que iria comer pão, não isso!

Sebastian deveria ter repreendido o amigo, mas a expressão de lady Elinore era de arrancar gargalhadas.

Com dignidade, lady Elinore provou a iguaria e, ao saboreá-la, sua atitude mudou por completo.

— Eu falei que milady iria gostar.

— Ainda acho que isto não é um alimento racional, sr. Bemerton.

— Agora coma tudo, pois seria um pecado desperdiçar. — Olhando para as meninas, Giles perguntou: — E então? Gostaram?

Cassie acabara de engolir uma colherada.

— Nem diga! Pensei que teria o mesmo gosto de neve, mas isto é muito bom. Nunca provei nada igual.

Sebastian observava Dorie. Ela colocava pequenas porções de sorvete na boca, esperava que derretesse e descesse pela garganta, aproveitando cada segundo.

— Vamos, Bas, o seu vai derreter.

Depois que Sebastian experimentou a delícia gelada, não parou mais até o final.

Era irônico pensar que Hope Merridew era a responsável pelo sucesso daquele fim de passeio, uma vez que havia sugerido a visita ao Gunter's, na véspera.

O museu fora um fracasso, apesar de Sebastian achar que poderiam ter encontrado lá outras exposições que as meninas teriam gostado mais. E agora ele tinha dúvidas quanto à maneira severa como lady Elinore tratara suas irmãs. Cassie estava prestes a declarar uma guerra aberta.

O único sucesso de lady Elinore fora com a questão da defesa pessoal. E aquilo não era um pensamento muito acolhedor.

Se a srta. Hope estivesse com eles, tudo teria sido diferente, com toda a certeza. Suas duas irmãs teriam se divertido. E ele também.

Capítulo V

A sra. Jenner adentrou a sala, apressada para contar as novidades para as gêmeas:

— Sabem qual foi a última daquele homem? Comprou um orfanato para meninas!

Hope piscou.

— Por que alguém compraria um orfanato?

— Oh, isso é comum... Homens de posses costumam ter instituições de caridade. E colocam os internos para trabalhar em suas fábricas.

— Isso não me parece caridade. Soa como trabalho escravo.

— Bobagem! As crianças recebem moradia, alimento e roupas. Isso as tira das ruas e diminui a criminalidade.

— Mas os pequenos não passam de trabalhadores escravos!

— Não seja boba, Hope querida. Como conseguiriam ganhar o próprio sustento, se não fosse assim?

Hope notou que a sra. Jenner nunca entenderia seu ponto de vista.

— Então por que a senhora está contra a iniciativa do sr. Reyne?

— Não foi a aquisição dos orfanato que virou um escândalo, mas sim o fato de ser um orfanato exclusivo de meninas! O que um homem jovem como o sr. Reyne pode pretender com um bando de garotinhas indefesas? E descobri de fonte segura que ele não quer que ninguém saiba da transação, o que prova que é imoral!

— Muitos filantropos preferem manter em segredo suas boas ações.

— Você é muito inocente para entender. Mas acredite, só pode ter sido por razões sinistras! Esqueceu o que soubemos sobre o passado dele?

— Não soubemos de nada, sra. Jenner.

— Nada de bom, você quer dizer! Hope, meu anjo, não pode ter amizade com um homem como aquele. Se ele vier convidá-la para outra valsa, vou mandá-lo passear!

— Por favor, não! Espero que o sr. Reyne me tire para dançar de novo. Assim poderei perguntar sobre as órfãs! E tenho certeza de que descobrirei que não existe nenhum motivo escuso por detrás disso.

Não havia por quê, mas Sebastian estremeceu ao cruzar com a srta. Hope enquanto dançava uma quadrilha com lady Elinore. Ele poderia tê-la ignorado, mas após a dança a

senhorita veio conversar com lady Elinore. Quando então outra música começou e Giles tirou Elinore para dançar, Sebastian se viu a sós com Hope. E, claro, seria indelicado não convidá-la.

Mas sua atitude provou ser um verdadeiro engano. Deveria ter esquecido as boas maneiras. O simples gesto de segurar a mão dela para uma quadrilha já era uma tortura.

Após dançarem por um longo tempo, sem trocarem nenhuma palavra, Sebastian se manifestou:

— Desculpe-me por meu silêncio. Não quis ser mal-educado, mas meus pensamentos estavam distantes.

— Imagino que sim, sr. Reyne. Soube que comprou um orfanato.

Sebastian piscou. Aquela era a última coisa que esperava ouvir dela.

— Sim.

— Por quê?

— Por razões de ordem pessoal.

Já era de se esperar que isto viesse despertar a curiosidade das pessoas. No entanto, Sebastian não queria dar explicações a ninguém, nem mesmo à srta. Hope.

— O senhor é dono de uma tecelagem, não é?

— Sim. Isso não é um segredo.

— Mas o senhor nunca mencionou antes.

— Não. Não imaginei que a senhorita pudesse se interessar. Não tenho por que me envergonhar de minhas tecelagens.

— Pelo jeito, não!

A resposta o aborreceu. Muitas pessoas da sociedade eram donas de fábricas, minas e outros tipos de negócios.

— Na verdade, sou dono de várias tecelagens.

— É mesmo? — Ela girou ao redor dele.

— De lã e de algodão.

— Fascinante.

Após alguns passos da dança, ele pôde responder:

— E não tenho vergonha nenhuma disso.

— E por que deveria? Suponho que o senhor tem crianças trabalhando nelas por horas a fio, e não se envergonha disso também.

Sebastian ficou tão bravo que não conseguiu falar nada. O silêncio se estendeu.

— O senhor explora crianças para obter mais lucros?

— Temos crianças trabalhando, sim. Nenhuma fábrica na Inglaterra sobreviveria sem o trabalho infantil. Mas as condições delas não são desumanas.

— Sou absolutamente contra o trabalho infantil.

— A senhorita não sabe nada sobre o tema.

Se as fábricas não empregassem crianças, Sebastian, seu irmão, sua mãe e as irmãs teriam morrido de fome. Sabendo das péssimas condições dos pequenos, porém, Sebastian havia feito várias modificações desde que se tornou proprietário.

— Tenho ouvido relatos de abusos contra crianças muito pequenas que se esfalfam como escravas em fábricas por doze horas seguidas em troca de um pedaço de pão.

— Meus trabalhadores não são criancinhas.

— Como um homem que se diz um cavalheiro pode justificar uma coisa dessas?! E engordar à custa do trabalho infantil!

Ofendido pela acusação, ele se defendeu:

— Não estou explorando ninguém!

Mas a srta. Hope não estava mais lá para ouvir a última martelada no prego. Ela saíra da pista, deixando-o lá no meio, parado e sozinho.

Sebastian observou-a se afastando, zangado consigo mesmo e com ela. Ele sabia o que Hope estava perguntando, sobre os comentários das pessoas a respeito da compra

do orfanato para meninas. No entanto, o que ninguém sabia era que instituições como aquela salvavam aquelas meninas de acabarem em bordéis. Mesmo assim, Sebastian se zangara pelo fato de Hope ter suspeitado de que ele seria capaz de abusar das pobres meninas. Ou de qualquer criança!

Ali, no meio do salão, resolveu ignorar os olhares curiosos dos demais a redor, e seguiu, indiferente, na direção oposta.

E encontrou Giles, esparramado num banco ao lado de lady Elinore, que não parecia nada feliz. A dança deles, pelo visto, também terminara antes do previsto.

Sebastian se juntou aos dois, sem pressa. Houve um grande momento de quietude antes de ele os cumprimentar. Lady Elinore aproveitou a oportunidade e pediu licença para se retirar.

Giles sorriu.

— Conseguiu espantá-la com essa cara feia, Bas. O que houve?

— Você não viu?

— Não.

— Não perdeu muito. A srta. Hope e eu temos opiniões distintas, isso é tudo.

— Sobre o quê?

Sebastian não tinha vontade de entrar em detalhes. Mas havia algo que poderia perguntar ao bom e velho amigo.

— Hope disse que estou engordando. — Sebastian meneou a cabeça, indignado. — Acha que estou gordo, Giles?

A resposta dele foi uma sonora gargalhada.

Hope passou a hora seguinte sentindo-se culpada e ao mesmo tempo com raiva. Tio Oswald e a sra. Jenner a repreenderam por ter abandonado um cavalheiro no meio da pista. Aquele tipo de comportamento era inadmissível para uma dama.

Não que a sra. Jenner quisesse encorajar um relacionamento com o sr. Reyne, pelo contrário; a preocupação dela era com a reputação de Hope, nada mais.

— Marque minhas palavras, minha menina. Nenhum cavalheiro irá querer dançar com uma lady que costuma abandonar os parceiros de dança no meio do salão.

Hope olhou seu cartão a fim de verificar quem seria seu próximo par. Era o sr. Bemerton. O último homem que desejava ter consigo, naquele momento. A esperança era que as boas maneiras o impedissem de tocar no tema.

O sr. Bemerton caminhava em sua direção com um semblante muito sério. Com certeza sabia o que ela havia feito com seu amigo. Hope se armou, estampou um sorriso no rosto e permitiu ser conduzida para a pista.

— A senhorita acusou Sebastian de abuso de criancinhas pobres e indefesas? — Após a pergunta, Giles riu e muito. Tanto a ponto de deixá-la confusa.

— Não vejo nada de tão engraçado nisso.

— Sebastian me contou que a senhorita afirmou que ele está gordo.

Hope precisou de um tempo para se lembrar da conversa anterior.

— Eu não disse isso, mas sim que ele está engordando à custa do trabalho infantil.

— Acha que ele é gordo?

— Não seja ridículo! O senhor sabe muito bem que o sr. Reyne é um lobo feroz, magro e solitário!

Giles fitou o teto, e Hope entendeu que sua escolha de vocabulário poderia causar dupla interpretação, mais uma vez.

— O senhor sabe o que eu quis dizer. Ele não é gordo.

— Sim, eu sei. Decerto a senhorita não sabe, mas Sebastian foi uma das crianças miseráveis que trabalharam na tecelagem que hoje lhe pertence.

Hope ficou boquiaberta.

— O fato é que ninguém se preocupa mais com as condições de vida daquelas crianças do que ele. A senhorita notou aqueles dedos defeituosos?

Ela fez que sim.

— Um dia Bas lhe contará os pormenores. Pois bem, ele machucou os dedos num acidente de trabalho quando menino.

Hope mordeu o lábio, cheia de remorso.

— Como o senhor sabe de tudo isso?

— Conheci Sebastian na escola quando tínhamos sete anos.

— Ora! Mas o senhor disse que ele trabalhava...

— Isso é um segredo, srta. Hope, e Bas me matará se souber que lhe contei, mas a família dele é tão nobre quanto a minha e a sua; o fato de Sebastian não querer que isso se espalhe está além de meus conhecimentos. Nós nos conhecemos na escola, e ele sempre foi meu melhor amigo. Naquela época eu era um sujeito mirrado. — Giles sorriu. — Não este homem elegante que está a sua frente, neste momento.

Hope achou graça.

— Pode imaginar os sofrimentos e as humilhações que um garoto miúdo sofre entre seus colegas, senhorita. Para resumir, minha vida era um verdadeiro inferno.

A dança cortou a conversa, e a Hope ocorreu que toda criança tinha sua própria cruz para carregar. Ao olhar para o sr. Bemerton, ninguém diria que também teve seus dias de infelicidade.

— Como eu estava dizendo, minha existência não era fácil. Cheguei a fugir da escola, mas sempre me traziam de volta. Para me tornarem um homem de verdade! As escolas são uma versão moderna do que os filhos dos cavaleiros medievais tinham de suportar; portanto, sou grato por ninguém ter tirado nenhum pedaço de mim com uma espada.

Giles balançou a cabeça, como se quisesse se esquecer de seu passado.

— Mas tudo melhorou depois da chegada de Bas. Todos os olhavam com estranheza, também. Contudo, ele era grande e sabia como se defender.

— E como ele acabou trabalhando numa fábrica?

— Para encurtar uma longa narrativa, seu pai cometeu uma série de atos que fez a sociedade e a própria família rejeitá-lo, e Sebastian fugiu da escola. Eu o procurei quando tínhamos dezesseis anos e passeava em Manchester, onde o encontrei. Bas estava muito magro e trabalhava numa fábrica. Quase não o reconheci. Aliás, ele procurou se esquivar, e eu permiti que se fosse. Mas mesmo assim nossa amizade nunca morreu. Falei para a senhorita o que ninguém aqui nesta casa imagina.

— Por que me escolheu como confidente, sr. Bemerton?

— Para que servem os amigos? Constatei que a senhorita julgara mal meu amigo, e sei que Sebastian não lhe contaria nada a respeito do que acabei de falar. Portanto, chamá-lo de explorador é uma injustiça! Se a senhorita quiser ver um dono de tecelagem cuspir de fúria, mencione o nome de Sebastian Reyne.

— Mesmo? E por quê?

— O salário que ele paga é igual ao dos outros, mas Bas nunca contrata crianças muito pequenas. As que trabalham para ele recebem três refeições diárias. Nada muito luxuoso, mas nenhum de seus pequenos trabalhadores tem a barriga roncando como ele tinha quando menino. E uma vez por semana elas vão à escola. Sebastian costuma dizer que nunca teria subido na vida se não fosse pelos anos de estudo. Ele é brilhante com os números. Bem, todos esses benefícios o tornaram odiado pelos outros proprietários de fábricas, que o vêem como um radical perigoso que precisa ser detido.

— Céus! Eu o julguei mal, e nem mesmo lhe dei uma chance para que pudesse se explicar!

— Sebastian não o teria feito, de qualquer jeito. E muito orgulhoso.

— Estou tão envergonhada! Ele deve estar me odiando...

— Deve descobrir os verdadeiros sentimentos dele por si mesma, srta. Hope. Tudo o que lhe peço é que guarde segredo sobre o que acabei de lhe revelar. Bas é um homem reservado e odiaria que essa história se espalhasse.

— Pode ficar tranquilo quanto a isso, sr. Bemerton.

Assim que a dança terminou, Hope não perdeu tempo e saiu à procura de Sebastian. Encontrou-o sozinho, perto de uma janela, olhando para fora.

Ela respirou fundo, caminhou na direção dele e tocou seu braço.

— Sr. Reyne, gostaria de me desculpar pelo que lhe disse há pouco e por tê-lo abandonado na pista. Não mudei minha opinião sobre a exploração do trabalho infantil, mas me arrependo sinceramente por tudo o que lhe falei.

Ele se manteve calado, apenas encarando-a com um olhar sereno e triste.

— Espero que o senhor me perdoe.

Sebastian assentiu com um aceno de cabeça e murmurou algo. Hope respirou fundo, sentindo que ia chorar.

— Prometo a última valsa para o senhor. — Assim que as palavras saíram de sua boca, ela se arrependeu.

Evidente que ele não iria se arriscar a dançar com ela outra vez.

Sebastian continuava tão sério e calado... Tudo o que Hope queria era sair dali, antes de ouvir um peremptório *não*.

— Desculpe-me... — E saiu quase correndo, antes que as lágrimas comessem a rolar.

Hope se desculpara por tê-lo julgado mal. E Sebastian não fora capaz de dizer uma só palavra. Ficou tonto com a honestidade e generosidade dela.

Seu primeiro impulso foi se ajoelhar aos pés de Hope e beijá-los, como um cavaleiro medieval diante de sua lady.

Meu Deus, isso está ficando cada vez pior!

Mas tinha de lutar. Um homem prevenido vale por dois. Uma valsa com a srta. Hope seria seu fim, bem como de seus planos, a traição final contra suas irmãzinhas.

Sem outra saída, minutos depois lá estava ele valsando com a srta. Hope.

Que loucura! Não, não era uma loucura. Tratava-se de uma questão de honra. A srta. Hope havia se desculpado por tê-lo abandonado na pista de dança; seria grosseiro recusá-la. Além do mais, dançar com ela de novo, sobretudo a tão invejada valsa, serviria para mostrar a todos que já estava tudo bem entre eles.

Não, no fundo Sebastian sabia que não era nada daquilo. Aquela poderia ser a última valsa dos dois. Ele iria se casar com outra mulher por uma causa nobre, que não tinha nada a ver com desejos efêmeros.

— Ainda está bravo comigo, sr. Reyne?

— Não, de jeito algum.

— Fiquei feliz quando o senhor veio me tirar para dançar. Pensei que iria desistir.

— Bem, na verdade... — Ele se deteve. Não dava para explicar, era impossível.

— Em todo caso, obrigada. Do contrário, eu continuaria com peso na consciência pelo resto da vida.

A garganta dele secou ao imaginá-la na cama, virando aquele belo e delicado corpo em lençóis brancos. Cerrou as pálpebras por um momento, e a conduziu numa volta tripla. Ele estava pegando o jeito da dança.

— Então o senhor me perdoa, mas não vai conversar comigo?

— Lamento, srta. Hope. Estou um pouco... distraído.

— Algo de que gostaria de falar?

— Não, obrigado. É um assunto pessoal.

— Suas irmãs?

— Elas estão bem. Segui sua sugestão.

— Qual?

— Eu as levei ao Gunter's para um sorvete. As garotas adoraram, por isso sou grato à senhorita.

— A senhor se preocupa muito com elas, não é mesmo?

— Sim, de fato. Lady Elinore e eu fomos ao Museu Britânico com elas. — A menção a lady Elinore era para lembrá-la de que ele era um homem quase comprometido.

O brilho dos olhos dela desapareceu.

— E claro, lady Elinore... Tenho certeza de que as meninas gostaram do museu. Grace adora. E fascinada pelo mundo antigo.

Sem querer, as pernas dela roçaram as dele durante o último giro. Incapaz de pensar em algo, Sebastian produziu um som estranho.

— Creio que o senhor prefere se concentrar na dança em vez de conversar, não é mesmo, sr. Reyne?

Ele fez que sim e tentou não se aproximar mais dela.

— Então, deixemo-nos levar pela música e pelo movimento. — E Hope fechou os olhos.

Aquela poderia ser a última valsa deles. Sebastian se referira mais uma vez a lady Elinore. Mas, naquele momento, ela iria fingir que ele lhe pertencia.

Sebastian dançava com precisão e confiança, e Hope adorava estar em seus braços, que a prendiam com uma firmeza delicada.

Ela olhou ao redor e observou outros casais rodopiando, mas ninguém valsava como eles.

Tornou a fechar os olhos, desejando que aquela valsa durasse para sempre.

A chuva batia nas costas de Sebastian enquanto ele tocava a sineta da casa de sir Oswald Merridew. A amizade que brotara entre Grace e suas irmãs vinha sendo um grande inconveniente para um homem determinado a evitar a srta. Hope.

A lógica seria colocar um ponto final naquilo e encontrar novas amigas para suas irmãs. Mas Cassie e Dorie sempre voltavam da casa de Grace com um brilho especial nos olhos, e aquilo o alegrava tanto...

Em geral, não vinha buscar as irmãs pessoalmente, mas naquela manhã Cassie dissera que a srta. Hope e a irmã não estariam em casa, pois iriam a um piquenique em Richmond.

Assim, lá estava ele, naquele instante sendo conduzido à sala de brinquedos pelo mordomo. Do lado de fora dava para ouvir a música, e quando a porta foi aberta ele se viu em frente a uma sala grande e aconchegante, com cadeiras confortáveis e uma mesa enorme no centro. Na lareira o fogo aquecia, e num canto um piano, que a srta. Faith tocava para que as outras cantassem.

Sebastian ficou parado à soleira sem que ninguém notasse sua presença, lembrando-se de outra sala; pequena, amontoadas e muito fria. Sua mãe, de luto pela recente viuvez, pousava a mão na barriga, que trazia mais uma criança. Ele e seu irmão, Johnny, haviam acabado de chegar de uma longa jornada de trabalho.

— Sr. Reyne?

De repente, ele se deu conta de que a música havia parado, e Hope cruzava a sala vindo a seu encontro.

— O senhor está bem?

Com esforço, Sebastian baniu as recordações.

— Sim, obrigado. — Fez uma reverência. — Como vai, srta. Hope? Srta. Faith, meninas... Pensei que a senhorita estivesse num piquenique.

— O clima não está bom, por isso foi cancelado.

— Vim buscar minhas irmãs. Espero que a visita tenha sido agradável.

Hope tocou o braço dele, com aquele mesmo sorriso que sempre o deixava zozinho.

— Foi ótima. Mas o senhor podia ficar um pouco mais. Estamos no meio de uma apresentação.

— Tenho um compromisso. Não posso demorar.

— Por favor, sr. Reyne. Ensaíamos muito... — Grace fez biquinho.

A vontade dele era de sair dali antes que suas lembranças da dura infância retornassem.

— Está bem... — Sebastian acabou concordando, e foi recompensado com mais um dos maravilhosos sorrisos de Hope.

Ela o conduziu para um lugar ao lado da lareira, onde ele poderia ter mais conforto para assistir à apresentação.

Faith tocou as notas introdutórias. Hope e Grace faziam o coro, e Faith, com sua voz doce, empreendia um dueto com Cassie, enquanto Dorie, calada e concentrada, tocava um triângulo.

A visão da orgulhosa menininha batendo no triângulo combinada com as emoções que surgiam nele motivadas pela antiga melodia foi algo muito além do que Sebastian podia suportar. Ele apertou os lábios, tentando não demonstrar seus sentimentos, mas quando elas chegaram no terceiro verso, teve de se virar de costas. Aquela música evocava tanta dor, tanto sofrimento...

A conhecida melodia martelava em sua mente, e ele mal conseguia respirar. Ao fundo, o cantar de sua mãe ecoava em cada nota. Ela costumava cantarolar aquela música. Era uma triste canção que falava sobre alguém que partira para nunca mais voltar.

Sebastian sabia que ela se referia ao falecido marido. Mas como ainda o amava depois de tudo o que ele fizera? A fraqueza dele levava toda a família àquela miséria, pondo Sebastian no comando. E ele tentou, trabalhou duro, mas falhou e...

Não foi muito melhor que seu pai.

Sebastian chacoalhou a cabeça, num esforço para se livrar das memórias. Não havia nada de bom em seu passado, apenas tristeza, angústia. Não iria cometer os mesmos erros outra vez.

A música chegou ao fim.

— Você gostou? — Cassie indagou, num tom hostil. — Eu adorei!

Sebastian se voltou.

— Gostei muito. E o triângulo deu o toque perfeito. E que... Sebastian viu-se prestes a dizer que estava com dor de cabeça, mas algo lhe disse que as meninas mereciam ouvir a verdade. Mesmo que isso significasse revelar suas fraquezas.

— ...a música me trouxe recordações. Nossa mãe costumava cantá-la para Cassie dormir.

Todos ficaram em silêncio. Cassie e Dorie se entreolhavam, aturdidas. Cassie se virou furiosa para ele:

— O que você quer dizer com nossa mãe?! Você nem nos conhecia!

Sebastian se espantou.

— E claro que conhecia! Eu estava lá quando vocês duas nasceram!

Houve outro longo momento de quietude. Cassie o encarava com profunda frieza.

— Não está querendo dizer que é nosso irmão verdadeiro, não é?

Havia tanta intensidade na indagação dela que Sebastian ficou confuso.

— Evidente que sou. Mas você já sabia disso.

— Isso foi o que você nos disse! Porém, agora você está insinuando que somos filhos da mesma mãe?!

Sebastian ficou chocado, mas, de repente, inúmeros fatos começaram a fazer sentido. A relutância das meninas em falar sobre o passado delas, a hostilidade de

Cassie, a falta de confiança de Dorie. Não era para menos que não confiavam nele.

Sebastian olhou para Hope. Aquilo era um assunto íntimo de família.

Entretanto, quando ia dizer para Cassie que a conversa continuaria mais tarde, em casa, Hope interferiu:

— Elas precisam ter certeza disso, agora. Não se preocupe conosco. Conte às meninas o que elas têm de saber, sr. Reyne.

Sebastian respirou fundo.

— Sim, nós três somos filhos da mesma mãe e do mesmo pai. Você e Dorie são minhas irmãs legítimas. Dorie e eu nos parecemos mais com papai, e você, Cassie, tem a voz e os mesmos olhos de mamãe.

Cassie fitou Dorie e Sebastian em busca de semelhanças.

— Quem era a mulher que chamávamos de mãe, então? E como nós nos separamos?

Sebastian hesitou, mas Hope, parecendo ler seus pensamentos, disse:

— Por que vocês três não se sentam aqui perto da lareira? Se o senhor preferir, nós podemos nos retirar para lhes dar privacidade.

O olhar de Sebastian era da mais pura gratidão. Nunca contara toda a história para as irmãs, talvez porque desde o princípio elas tivessem deixado claro que não queriam nada com ele. Além do mais, não pretendia confessar seu grande fracasso diante de todos, e muito menos da srta. Hope. Mas Cassie se adiantou:

— Vocês podem ficar. Nós somos amigas. Sebastian se dirigiu a Hope:

— Devo alertar que não é uma história bonita a que vou contar.

— Fique tranqüilo, sr. Reyne. Sabemos guardar segredos. Não é mesmo, meninas?

As irmãs assentiram.

— Muito bem. Vamos nos sentar. Cassie, você me perguntou quem era a mulher que vocês chamavam de mãe. Pois bem, era a viúva Morgan. Paguei a ela para tomar conta de vocês depois que nossa mãe morreu.

— Como nossa mãe morreu? E quanto a nosso pai?

— Nosso pai não prestava — Sebastian afirmou, com rancor.

— Era o filho caçula de uma família rica, mas tudo lhe era dado de mão beijada, sem esforço, por isso nunca aprendeu o que era ter responsabilidade, e costumava desperdiçar tudo em jogos, divertimento e... Bem, em nossa casa havia dias de festas e de fome. Minha primeira infância foi cheia de privilégios, assim como a de Johnny, meu irmão mais novo.

— Você nunca disse que tinha um irmão.

— Chegarei a essa parte depois. Johnny era dois anos mais novo que eu. Frequentei uma boa escola por quase quatro anos, e isso fez toda a diferença em minha vida.

Hope lembrou-se da história de Giles.

— Mas Johnny ficou doente, e acabou nunca indo à escola, pois, quando ficou curado e pronto para estudar, não havia mais dinheiro. Papai caíra em desgraça. — A expressão dele enrijeceu.

— A família dele o deserdou e não podíamos mais levar a vida a que estávamos acostumados. Ele vendeu tudo de valor que tínhamos, mas logo não havia mais nada. Nosso pai tentou, então, viver do jogo, mas ninguém lhe dava crédito. Bem, vocês não precisam saber de todos os pormenores. Fomos decaindo cada vez mais na escala social a tal ponto que, quando Cassie nasceu, nós morávamos em um quarto de aluguel no bairro mais pobre de Manchester.

Sebastian olhou para o fogo e prosseguiu, falando um pouco mais baixo:

— Eu estava lá no dia de seu nascimento, Cassie, pois não havia alternativa. Não tínhamos como pagar a uma parteira, e papai costumava se ausentar por dias, tentando levantar algum dinheiro. Mamãe me explicou o que teria de ser feito, e eu fiz. —

Sebastian engoliu em seco, emocionado. — Nunca me esquecerei da primeira vez em que a vi, toda vermelha, brava, chorando para o mundo. Então, mamãe a alimentou, e você parou de chorar. Era uma menininha tão linda!

— Quantos anos o senhor tinha? — A intenção de Hope era fazer as garotas compreenderem o quanto ele era novo, na ocasião.

— Doze.

— Quase a mesma idade de Dorie — Hope acrescentou. Sebastian a encarou sem compreender que diferença poderia fazer a idade dele na época.

— Sim. Mas quando Dorie nasceu eu já era mais velho. Papai havia... morrido. — Sebastian fez uma pausa.

Hope intuiu que havia algo mais que ele não queria revelar sobre a morte do pai.

— O senhor não tinha nenhum parente a quem recorrer?

— Sim, mamãe escreveu, mas... — Meneou a cabeça. — Dorie veio ao mundo alguns meses após o falecimento de papai. Mamãe costumava cantar para Cassie aquela música que vocês cantaram. E estava grávida de Dorie.

— Como fizeram para sobreviver depois da morte de seu pai? — Hope tinha um pressentimento de que se não o incentivasse Sebastian poderia pular alguma parte importante, e ela queria que as irmãzinhas dele soubessem sobre a vida dura que o irmão teve de enfrentar desde muito cedo.

— Eu buscava um serviço aqui e ali, ajudava na feira... E acabei conseguindo um emprego na tecelagem. Se estivesse vivo meu pai não teria deixado. Aquele seria um emprego inadequado para nossa classe social. — Sebastian fez um esgar de desdém.

Foi quando Hope compreendeu o real motivo do desprezo com que ele costumava se referir à alta sociedade.

— Arrumei um emprego para Johnny também. Sorte que Dorie nasceu no meio da noite. Do contrário nós estaríamos no trabalho, e mamãe, sozinha.

Hope fitou as irmãs Reyne, e disse para o benefício delas:

— Então o senhor e seu irmão mais novo sustentavam sua mãe e dois bebês.

Ele sorriu.

— Sustentar não era a palavra exata. Mamãe morreu logo após o nascimento de Dorie. Então levei os dois bebês para a viúva Morgan e paguei para que tomasse conta delas.

— O senhor tinha apenas catorze anos, então? E Johnny, doze. — O peito de Hope se apertou ao imaginar um garoto sozinho e desesperado, lutando para manter a família. — Como conseguiu pagar à viúva e ainda se alimentar e ter um teto sobre a cabeça?

Julgando pelo desconforto dele aquela era outra parte que Sebastian teria pulado.

— Johnny e eu dormíamos na tecelagem; assim economizávamos o aluguel. — Encarou as irmãs. — Mas nós íamos vê-las todos os dias, para verificar se estava tudo bem.

Cassie murmurou:

— Eu vejo quando você passa em nosso quarto todas as noites para dar uma olhada.

— Não consegui me livrar do hábito.

— Como nos perdeu, Sebastian? — Cassie perguntou.

O rosto dele se contorceu. Com esforço, ele se recompôs.

— Johnny morreu num acidente de trabalho.

— Morreu? Mas o que aconteceu?!

— Foi no final de um turno, Cassie. A maioria dos acidentes ocorre nessa hora, pois as crianças estão exaustas.

— Após trabalharem doze horas seguidas.

— Naquela época os turnos eram de catorze horas. Johnny estava cansado, e por isso ficou lento. Tentei não tirar os olhos dele, mas já haviam me colocado para trabalhar no escritório; sou bom com os números. Quando fui dar uma olhada em Johnny, vi

acontecendo... — Sebastian esfregava a mão cheia de cicatrizes enquanto contava a história.

Hope percebeu que Dorie o observava, atenta.

— Tentei ajudar, mas Johnny estava... havia... ido. — Sebastian estremeceu.

Uma vez, Hope lera o relato de um acidente com uma criança, numa fábrica: em segundos uma máquina esfaqueou um garoto de doze anos, espalhando sangue e pedaços para todos os lados. O que houve com Johnny decerto não devia ter sido muito diferente. Ela sentira enjôo só de ler a notícia. E Sebastian vira tudo de perto...

Hope queria confortá-lo, mas ele continuava sentado, firme e disposto a não expor seu íntimo.

— Foi assim que o senhor machucou a mão?

— Sim, srta. Hope. Com a morte de Johnny passei a ter menos dinheiro para pagar à viúva Morgan. Isso não pareceu ser um problema a princípio, pois ela sabia que um dia eu pagaria tudo, e demonstrava gostar das meninas... Mas, certa noite, quando fui fazer minha visita diária, descobri que a viúva Morgan havia ido embora e levado vocês duas junto. Ela sabia que eu nunca permitiria isso. Nós trabalhávamos duro para mantê-las.

Os olhos de Hope estavam encharcados de lágrimas.

— Procurei por toda parte. Um vizinho me disse que a viúva fora visitar um irmão que morava numa fazenda; outro que ela viajara para Londres. Ninguém tinha certeza de nada. O fato é que perdi vocês no dia 16 de julho daquele ano. Perdoem-me, meninas. Fiz o que pude, mas não foi o suficiente.

Cassie parecia desconfortável.

— Mas você nos encontrou.

— Morton Black as achou, há mais ou menos seis meses. — Sebastian olhou para as irmãs com carinho e ergueu a mão, como se fosse tocá-las.

A cena cortou o coração de Hope. Mesmo depois de toda aquela história, ele ainda se sentia culpado. Agora ela sabia por que Sebastian era tão rígido consigo mesmo.

— Meninas, para onde a viúva Morgan as levou? — Sebastian quis saber.

Hope se espantou.

— Sr. Reyne, se o Sr. Black as encontrou, como o senhor não sabe onde elas estiveram?

— As meninas não ficaram no mesmo lugar o tempo todo. Cassie, só quero que me digam onde passaram a infância. Não sobre a última fase.

O silêncio permaneceu. Cassie não gostava de se ver como o centro das atenções.

De repente, Grace indagou:

— Conte para nós sobre a faca, Cassie.

Faith a repreendeu:

— Grace, você não devia...

— Mas todos sabemos que ela tem uma faca, e acho isso muito esperto da parte dela. Se eu tivesse uma arma amarrada na perna quando morávamos com vovô, eu teria me sentido muito mais corajosa!

Hope e Faith trocaram olhares.

— Ela está certa, Hope.

— É provável que nós nunca a tivéssemos usado, mas pelo menos poderíamos ter sonhado em cortar o fígado dele e jogado para os cachorros comerem! — Grace disse aquilo com tanto entusiasmo que Hope e Faith não conseguiram conter o riso.

Os três membros da família Reyne encaravam as irmãs Merridew, assombrados. Será que todas as damas de Londres andavam armadas?

Vendo os olhos arregalados de Sebastian, Hope decidiu explicar:

— O senhor deve ter achado estranho, mas lhe asseguro que não somos as criaturas sanguinárias que talvez imagine. Nossa família vem de outro país, e viajamos por lugares perigosos até chegarmos aqui. Até mesmo nossa mãe carregava uma pistola.

E nosso avô era...

— Aqui estão todos, então! — uma voz ruidosa e alegre interrompeu o que Hope ia dizendo.

Era Lily, a criada, trazendo uma bandeja com chá, chocolate quente, doces e bolos.

Todos se levantaram. Cassie se aproximou de Sebastian e, cabisbaixa, falou:

— Então você é mesmo nosso irmão?

— Sim.

— E agora que nos encontrou quer que sejamos uma família de novo.

— Nós somos uma família. Você não tem escolha, Cassie. Somos irmãos, e eu nunca mais as perderei outra vez.

Ela torceu o nariz, como se aquilo fosse algo que ainda precisasse de alguma reflexão.

— Você me contou de quando eu era um bebê. Como Dorie era?

Aquilo era um tipo de teste, e Sebastian sabia disso.

— Era pequena, e meiga e nunca foi barulhenta como você. Eram raras as ocasiões em que se ouvia o choro de Dorie. Mas quando chorava era bem alto!

Hope, que estava ao lado ouvindo, entendeu as entrelinhas. Dorie emitia sons, naquele tempo.

Cassie assentiu, parecendo satisfeita. Ela se virou, mas Sebastian a segurou pelo braço e murmurou:

— Nós somos uma família, Cassie. E, apesar de eu não ter cuidado muito bem de você e Dorie nos últimos doze anos, de agora em diante tudo será diferente.

Ela respondeu com um olhar pensativo, e em seguida lhe deu as costas e foi para a mesa se servir das delícias.

De repente, a sala foi tomada por um clima de festa, com as meninas rindo muito e comendo bolos e doces como se nada tivesse acontecido.

Sebastian sentia-se dilacerado, exausto. A conversa abrira feridas antigas que agora doíam demais.

Hope o tocou com delicadeza, interrompendo suas conjecturas:

— Não se preocupe. Elas necessitam de tempo para aceitar as novidades. Na verdade, devem estar com medo. Muito medo.

— Medo? Mas eu nunca...

— Elas temem que o senhor seja bom demais para ser verdade. E muito poderosa a sensação de ter alguém bondoso e forte como o senhor querendo amá-las e protegê-las.

— As lágrimas faziam os olhos dela brilhar. — A história que contou é muito comovente, sr. Reyne. As meninas querem acreditar que fazem parte de uma família, mas no fundo estão assustadas demais para admitir isso, apesar de saberem o que o senhor fez por elas. Aquelas meninas sabem, assim como eu, que o irmão delas é um verdadeiro herói, do tipo que poucos têm o privilégio de conhecer.

Sebastian fez um gesto, pedindo que ela parasse, mas Hope não o atendeu.

— Se quer entender como é difícil para elas demonstrar afeição, sr. Reyne, lembre-se de como é difícil para o senhor se perdoar. Pois ainda se culpa, não é mesmo?

Aturdido por alguém ter lido sua mente, ele não soube o que dizer.

— O senhor se culpa pela morte de Johnny, pelo desaparecimento das meninas e por tudo que elas passaram. — Hope pousou a mão sobre o peito dele, na altura do coração. — Aqui dentro há a crença de que um garoto de apenas catorze anos deveria ter se saído melhor.

Ela se calou por um momento, para que ele refletisse a respeito.

— Mas engana-se, sr. Reyne. Aquele menino era um herói, que cresceu e se tornou um homem bom e forte. E aquelas meninas vão amá-lo muito. É bem possível que elas já o amem em segredo. O senhor precisa se perdoar, assim como tenho certeza de que elas já o perdoaram.

Sebastian cobriu a mão dela com a sua. Sua expressão era da mais pura emoção. Hope o compreendia. De todas as pessoas no mundo, apenas aquele pequeno anjo inocente poderia mergulhar na alma das pessoas e ouvir seus lamentos.

— O que o senhor disse para Cassie, há pouco, sobre serem uma família foi perfeito. Era tudo o que ela precisava ouvir.

— Acha, mesmo, srta. Hope?

— Sem dúvida. Todos têm de se sentir amados e protegidos, e esse foi o sentimento que o senhor transmitiu a elas.

— Não tenho essa certeza...

— Acredite. Elas devem ter passado anos construindo um muro em torno de si para esconder todo o sentimento de vulnerabilidade; por isso agora têm dificuldade de expor os sentimentos. Mas não desista. Continue dizendo-lhes o quanto o senhor as ama. — Hope suspirou. — Nenhuma mulher resistiria a seu amor, sr. Reyne.

Parecia que todo o ar fora roubado dos pulmões de Sebastian. Seu desejo era abraçá-la, mergulhar no calor de seu corpo e sentir a pureza de seu perfume. Chocado demais para falar, apertou-lhe os dedinhos.

Hope olhou-o profundamente e estremeceu com o que viu. Desejo. Paixão. Domínio.

A história que Sebastian contara lhe cortou o coração. Se ela já não estivesse apaixonada, teria ficado naquele momento. Curvou-se para abraçar aquele menino solitário, mas quem abraçou foi o homem a quem amava.

— Não, você deixou cair isso! — a exclamação de Cassie os assustou.

Seguindo o olhar dela, eles viram Dorie agachada em frente à lareira. Seu bolinho acabara de escapar do garfo, e a menina estendia o braço para tentar apanhá-lo no meio do fogo. Hope e Sebastian foram em socorro dela, ao mesmo tempo.

E foi Sebastian quem primeiro a alcançou. Quando ele ia segurá-la, mais uma vez ela se encolheu.

— Deixe-o queimar, Dorie. Não tem problema. Há muito mais ali.

Dorie o encarava fixo.

— Seus dedos são mais importantes que o bolinho.

Hope se aproximou deles.

— Sim, é claro que temos mais, Dorie. Fique tranqüila, querida.

Cassie ia interferir, mas Hope a acalmou apenas com um olhar.

— Grace e Cassie, terminem de comer, antes que os doces esfriem. — Hope esperou até que as duas se sentassem, para apanhar uma cesta. — Sabe, Dorie, seu irmão vai lhe mostrar como se prende o bolinho no garfo para que ele não caia. Você tem muita sorte por ter um irmão mais velho para ensinar-lhe tudo. Eu sempre quis ter um, e acho que você e Cassie têm um irmão excelente.

Dorie considerou as palavras de Hope. Então, com um gesto solene, entregou o garfo a Sebastian. Ele o apanhou e sentou-se no chão, ao lado dela, mostrando o jeito certo de prender o bolinho e aquecê-lo no fogo. A menininha assistia, atenta, e juntos eles prepararam os doces. Quando ficaram prontos, foram levados para a mesa, como se fosse a coisa mais importante do mundo.

A cena emocionou Hope, e seus olhos tornaram a marejar.

Dorie passou manteiga e mel num bolinho, cortou-o ao meio e deu a metade para Sebastian.

Sebastian o apanhou como se estivesse segurando o Cálice Sagrado. Dorie, sem sequer se dar conta do significado do que acabara de fazer, saboreou sua parte.

Capítulo VI

Gotas de água pingavam dos galhos e das folhas, agitando a pálida luz da manhã e espalhando um brilho de cristal. O ar era puro e fresco, e Sebastian respirou fundo. Sentia-se no campo, e não no coração de Londres. Seu cavalo captou a alegria do dono, e, como não havia nada com que se preocupar, Sebastian saiu a meio-galope.

Que saudade de seus passeios matinais... Desde o encontro inesperado com a srta. Hope, naquela outra manhã, Sebastian não fora mais ao parque, *temendo* encontrar-se com ela novamente. Além de lhe fazer bem à saúde, aquele era o único momento em que podia ficar a sós com seus pensamentos, e era então que as melhores idéias surgiam.

O incidente da véspera, na residência das irmãs Merridew, o deixara confuso. Até então sua convicção era de que o melhor para suas irmãs seria a rígida disciplina de lady Elinore. Mas os alegres e descontraídos encontros com as senhoritas Merridew produziram progressos extraordinários.

Uma brisa fresca balançou os galhos, espalhando gotículas. Sebastian, deliciado, fechou os olhos e permitiu-se envolver pelo momento divino.

— Vamos apostar uma corrida até o grande carvalho?

Sebastian captou um sorriso e um reflexo azul antes que a srta. Hope o ultrapassasse em alta velocidade.

Sebastian foi tomado pelo instinto. Ela estava em vantagem por ter saído à frente, mas o cavalo dele era maior e mais rápido. Com facilidade, a alcançaria. De vez em quando Hope olhava para trás, sorria e apressava o animal. Logo as montarias emparelharam.

— Bom dia, srta. Hope. Desculpe-me por ter de ultrapassá-la.

— Tente se puder!

— Ah, mas eu consigo! Não é um ato de cavalheirismo, mas... — Ele se inclinou sobre o garanhão como um verdadeiro corredor. — Não sou um cavalheiro!

E ele passou por ela, chegando em segundos ao ponto final. Hope ria muito ao alcançá-lo.

— Obrigada! Detesto quando um cavalheiro me deixa vencer.

— Mas a senhorita não gosta de ganhar?

— É claro que sim! Numa corrida justa, no entanto, e não quando facilitam minha vitória. — Ela ofegava; seu chapéu estava torto, e seus cabelos, esvoaçantes.

Sebastian jamais vira algo mais belo. Hope tirou o chapéu e se recompôs.

— Excelente corrida!

— Sim, apesar de suspeitar que não devíamos ter feito isso.

— Ora, ninguém viu, sr. Reyne...

Sebastian se virou para trás e avistou James, que vinha muito distante.

— Não deveríamos ir ao encontro de seu criado? — Sebastian tinha a vaga esperança de que a presença de James poderia salvá-lo de algum ato do qual pudesse vir a se arrepender.

— Não, ele virá até nós. Sigamos na direção do lago. Quero ver se há mais patinhos. Ontem vimos alguns filhotes, e é bem provável que hoje haja outros. Combinamos com suas irmãs de irmos passear aqui.

Sebastian não estava acostumado a tanta gentileza. Suas irmãs não significavam

nada para Hope. Ele até já tinha dito a Hope que cortejava lady Elinore, o que indicava que a atitude dela era totalmente desinteressada.

Seguiram até o lago. O sol matinal, muito agradável, a tudo aquecia e espalhava o perfume da primavera.

— Estou feliz por vê-la cavalgando do jeito certo, desta vez.

— Isso foi uma provocação?

— Não, de forma alguma. Estou apenas aliviado, pois não é fácil manter uma conversa com alguém que está pendurado de cabeça para baixo em cima de um cavalo.

— Bem, se é esse o problema... — Ela riu. — Mas eu não estava de cabeça para baixo quando dançamos.

— Quando a senhorita resolveu se tornar uma mulher tão intrépida?

— Foi quando visitei o anfiteatro Astley, há dois anos. Meu cunhado nos levou, e estávamos todas muito empolgadas para ver as amazonas. Assim que as vi, tive vontade de me juntar a elas.

— O que a impediu?

— Houve um imprevisto, e todos tivemos de deixar Londres de repente. Uma emergência de família. Mas nunca perdi o ímpeto de tentar alguns truques. Sempre gostei muito de montar.

— É o que parece. A senhorita monta muito bem. Mas os truques são muito perigosos. Por que arriscar seu pescoço?

— Cresci sentindo-me presa, trancada... Por isso gosto de fazer coisas que não deveria. Isso me oferece uma sensação maravilhosa de liberdade. Além do mais, não é tão arriscado quanto parece e, quando consigo apanhar algo no chão, sinto-me menos desajeitada.

— Desajeitada?!

— Sim, sou muito desajeitada para atividades de rotina.

— Não concordo, de modo algum.

Ela respondeu com um sorriso estonteante.

— Obrigada, sr. Reyne, mas posso lhe assegurar de que sou. Em tudo, exceto em cavalgar ou valsar. Apesar de ter aprendido a dançar há pouco, pois meu avô proibiu qualquer tipo de diversão. No entanto, ele era um ótimo caçador, e por isso nos ensinou a montar.

— Costumava caçar a cavalo? Hope balançou a cabeça com vigor.

— Céus, não! Mulheres não caçam. Isso seria o fim do mundo! Mas por alguma razão nosso avô nos ensinou a montar. E quando percebeu que eu levava jeito, ficou muito aborrecido. O que me serviu de incentivo para melhorar ainda mais.

— Seja lá qual for o motivo, a senhorita é a melhor amazona que já vi.

— É claro que o senhor nunca esteve no teatro Astley. Mas como cavalgar é meu maior talento, devo aceitar seus elogios com um agradecimento, sir. — E fez uma leve reverência.

— Maior talento? Está sendo modesta.

— Garanto que é verdade. Não recebemos uma educação primorosa, pois meu avô acreditava que mulheres não precisam de muito estudo. Minhas aquarelas são horríveis, não toco nenhum instrumento, minha caligrafia é péssima, e meus bordados, um desastre. — Antes que ele pudesse fazer um comentário, ela resolveu mudar de assunto:

— Suas irmãs sabem montar?

— Até agora recusaram a idéia, apesar de eu suspeitar que Cassie tem vontade. — Completou, com o nariz torcido: — Ela gosta de esconder os sentimentos.

Hope lançou-lhe um olhar provocador.

— Hum... acho que é de família. E Dorie, não demonstra interesse?

Sebastian ainda pensava na primeira observação dela.

— Não, ela parece ter medo de cavalos, e não pretendo forçá-la.

— É claro que não. Ninguém deve ser forçado a nada. Mas se o senhor quiser, posso incentivá-las a tomar aulas. Essa seria uma outra forma de o senhor ficar mais próximo delas. Imagine o prazer da família saindo para cavalgar junta. Mas não precisa decidir agora; pondere a respeito e me avise quando decidir. — E Hope saiu trotando.

Se havia filhotes de patos, eles ainda não tinham saído do ninho. Então, minutos depois Hope se despediu, dizendo estar atrasada e agradecendo pela emocionante corrida.

Sebastian se aproximou.

— O prazer foi todo meu, srta. Hope — Ele ergueu-lhe mão enluvada e a beijou.

E, apesar de não ter tido contato direto com sua pele macia, sentiu um arrepio subindo por todo o corpo.

Sebastian, em seu escritório, viu através da janela uma carruagem parando. Dela desceram a srta. Hope e suas irmãs. Estavam adiantadas. A srta. Hope abraçava Dorie, cujo rosto ele não podia ver. Cassie parecia preocupada. Sebastian saiu correndo para ir recebê-las.

— O que houve? Dorie, você está bem?

A menina olhou para cima sem se soltar da srta. Hope. Seus olhinhos estavam cheios de lágrimas, e ela parecia aflita. Sebastian não sabia o que fazer.

— Alguém a machucou, querida?

Sem aviso, Dorie correu para os braços de Sebastian. Sem palavras, ele ergueu seu pequeno e frágil corpinho e a abraçou com carinho.

Trêmula, Dorie se agarrava a ele como um macaquinho. Sebastian seguiu para a sala e sentou-se com a garota num confortável sofá.

— Calma, pequena. Não deixarei ninguém machucá-la. Você está em casa, comigo, com Cassie e a srta. Hope.

Sebastian sentiu o olhar de Cassie e espiou por cima de Dorie, que continuava com a cabeça enterrada em seu peito. Cassie parecia não saber de nada, assim como Hope, que chorava.

— O que a assustou? Hope se adiantou:

— Não sabemos. Não havia cavalos por perto, só algumas pessoas...

— Cassie, sabe o que aconteceu? Cassie fez que não.

— Venha, me ajude com Dorie. Ela precisa de toda a família, Cassie, da irmã e do irmão.

Sem jeito, Cassie se aproximou, batendo nas costas da irmãzinha. Ele pousou o braço sobre ela também, enlaçando as duas. A princípio, Cassie enrijeceu, mas em seguida relaxou com o afago. Sebastian cerrou as pálpebras. Enfim, tinha as irmãs em seus braços, após longos anos de solidão.

Quando Dorie se acalmou, as duas se soltaram de Sebastian. Ele chamou um criado e pediu que trouxesse chocolate quente e bolo. As meninas subiram para seus quartos para lavar o rosto.

— Não sei o que houve — Hope disse assim que elas deixaram a sala. — Estávamos no parque como de costume, quando de repente Dorie ficou nervosa e trêmula.

Sebastian caminhou até a lareira e virou-se.

— Tem certeza? Pense. Deve ter acontecido algo de diferente.

— Não, nada de diferente. Nada foi dito ou feito, também. Estive junto delas o tempo todo. Dorie. Cassie e Grace, perto do lago, riam muito, quando então Dorie ficou estática

e pálida, e antes que eu pudesse me mover ela saiu correndo de todas nós. Graças a Deus consegui alcançá-la e chamei a primeira carruagem de aluguel que passava.

— Sou-lhe muito grato por isso, srta. Hope.

Hope não disse nada. Não havia palavras. Testemunhara a expressão de Sebastian quando Dorie correria para a proteção dele.

— Gostaria muito de saber o que fez com que Dorie se tornasse muda. — Sebastian suspirou.

— Será que Cassie não sabe?

— Ela nunca comentou a respeito. Assim como nunca me deixou tocá-la. Quem sabe agora, que confia mais em mim, resolva me contar.

Hope tocou as mãos dele, numa tentativa de tranquilizá-lo.

— Obrigado por trazer minhas irmãs para casa, srta. Hope. — E, sem aviso, Sebastian a abraçou e beijou.

O beijo foi desajeitado, sincero e tinha sabor de gratidão. E de desejo. E de ânsia. Hope não conteve um gemido, e entregou-se à carícia de corpo e alma.

Hope estava perdida no sabor dele. Sebastian sentiu-se inebriado pelo calor dela. Ele a pressionou contra a parede e a estreitou mais, perdido no beijo, na vontade, na paixão.

Hope o abraçou. Como pudera temer aquele corpo maravilhoso? Deslizou os dedos pelas costas de Sebastian até o pescoço, e então enterrou-os nos cabelos dele.

Sebastian tocou o seio dela, e Hope quase desmaiou. Ofegante, ele interrompeu o idílio.

— Desculpe-me...

Hope tocou os lábios dele com o indicador.

— Por quê? Nunca me arrependerei disso.

Sebastian ficou a admirá-la por minutos, mas, quando abriu a boca para falar, houve uma batida na porta. Em seguida, a criada entrou.

O momento se foi. Em seguida, as meninas entraram, rindo, prontas para o lanche.

— Quando era bebê, Dorie emitia sons — Sebastian dizia, observando a expressão de Cassie.

Eles estavam sentados ao redor da mesa.

— Cassie? — Sebastian insistiu. — Dorie chegou a falar, algum dia?

Cassie fitou Dorie, que respondeu com um olhar e sacudindo os ombros.

— Sim. — Cassie respirou fundo.

— Normalmente? A menina assentiu.

— E quando ela parou?

Cassie consultou a irmã outra vez e pareceu ler um consentimento em seu semblante.

— Dois anos antes. Após a morte de mamãe.

Sebastian se recostou, sentindo um certo alívio.

— Então ela amava a viúva Morgan e parou de falar porque ficou triste com a morte dela. É isso?

Cassie bebeu um gole de chocolate.

— Você gostava dela, Cassie?

— Mamãe era boa. Tratava-nos bem, mas nós sabíamos que não éramos filhas dela. Costumava nos fazer trabalhar muito, pois dizia que pertencíamos a ela.

— Trabalhar com o quê?

— Na estalagem.

— Que estalagem?

— Na Bull e Boar. Mamãe dirigia o lugar. Dorie e eu fazíamos o que tinha de ser feito: arrumar as camas, limpar, esfregar e ajudar na cozinha. Nos dois últimos anos eu ficava no bar. Dorie, não. Ela auxiliava na cozinha.

Sebastian sentia que Cassie não estava lhe contando tudo.

— Se não amavam a viúva Morgan, então por que Dorie parou de falar após a morte dela?

— Não sei. Ela apenas parou.

— No dia do falecimento ou logo depois?

— Na noite em que ela morreu. Mamãe se foi e Dorie nunca mais tornou a falar.

— Mas por quê?

— Acha que eu não tentei?! Pensa que simplesmente deixei minha irmãzinha emudecer e não tentei descobrir o motivo?! Dorie não fala comigo sobre isso. Não vai dizer uma única palavra. Nem mesmo escrever! Sei que deveria ter tentado ajudar, mas não consegui!

— Desculpe-me, querida. — Sebastian segurou suas mãozinhas. — Sei que tentou. Você cuidou muito bem dela.

Dorie, estática, via o misto de emoções da irmã. Após um momento, pôs seu prato sobre a mesa, com todo o cuidado, levantou-se e abraçou Cassie.

— Posso saber por que o senhor veio, sr. Bemerton? — lady Elinore perguntou, com total frieza. — O sr. Reyne e eu combinamos de chamar as srtas. Merridew, mas não o senhor.

Giles fez uma reverência.

— Lady Elinore, quando meu amigo mencionou que viria eu não pude resistir. Estou pensando em comprar um orfanato também.

— O senhor?

Giles esboçou um sorriso e disse, brincalhão:

— Como presente para uma dama.

Hope e Faith contiveram o riso. Sebastian pigarreou com discrição. Lady Elinore encarou Giles.

— Sigam-me.

Eles a acompanharam pelos corredores da instituição, e lady Elinore ia apresentando o lugar.

— ...e aqui é a sala de jantar, onde todas as meninas fazem suas refeições. Três vezes ao dia.

Hope ouviu o suspiro de Faith, e sabia o que significava. O orfanato tinha regras rígidas, e sua atmosfera taciturna e triste lembrava a casa onde elas haviam crescido. A hora do jantar estava próxima; um cheiro forte de verdura cozida vinha da cozinha.

— Repolho — Giles comentou, triste. — Não suporto repolho. Não jantaremos aqui, não é?

— Claro que não. — Lady Elinore franziu o cenho.

Duas meninas, usando vestido cinza e avental branco, dispunham os pratos e talheres. Tigelas com pedaços de pão seco se achavam no centro de cada mesa. Dava para prever que o cardápio seria pão com sopa. Terminado o trabalho, elas entraram na cozinha, caladas.

Hope ainda não ouvira nenhuma criança falando ou rindo. Aquilo não parecia normal.

Lady Elinore explicava:

— Todas as meninas se revezam entre os serviços na cozinha, na lavanderia e na

arrumação e limpeza geral.

A menina menor surgiu da cozinha, carregando dois pratinhos. Em cada um deles, um pequeno tablete de manteiga. Ela os carregava com muito cuidado, como se fossem preciosidades, mas os pratinhos, assim como toda a louça restante, eram feios, e a manteiga tinha uma aparência horrível. Na opinião de Hope, não deveria ser servida. A garota colocou cada pratinho entre dois pratos ao final da mesa, o que indicava que a manteiga seria para duas meninas apenas.

Hope ficou intrigada. Por que só duas meninas teriam direito a manteiga? Um sistema de recompensa?

Antes que a menininha saísse, Hope a chamou:

— Desculpe-me, meu bem. Posso lhe fazer uma pergunta?

A pequena estacou, e seus olhinhos demonstraram apreensão.

Ela olhou, nervosa, para lady Elinore, que lhe fez um sinal dando permissão.

Hope se aproximou e se abaixou ao lado da garota.

— Como vai? Meu nome é Hope. E o seu?

— É May.

— Que bonito! Faz com que me lembre de maio, que é meu mês favorito.

— O meu também, madame, pois é quando faço aniversário. Bem... não o de verdade, pois nunca soube quando era. Mas eles nos dão um mês e um nome novo quando chegamos aqui, e todas as meninas que têm esse mês comemoram o aniversário bem no meio dele. E hoje estamos no meio do mês de maio.

— Oh! Vocês terão uma comemoração hoje? Que lindo! — Hope ficou comovida. Aquela era a primeira vez que ouvia a voz de uma criança desde que entrara naquele orfanato. — E como vocês comemoram o aniversário, May?

— Nós ganhamos manteiga para comer com o pão. E... — Com os olhinhos cheios de excitação. — ...um presente!

Hope sorriu. Sua própria infância fora sem presentes, exceto por lembrancinhas que suas irmãs lhe davam em segredo.

— O que espera ganhar nesse ano, May?

— Uma boneca.

— Acha que vai ganhar?

— Não sei, senhorita. Espero que sim. Eu adoraria ter uma boneca.

— Você estava aqui no ano passado?

— Sim, madame.

— E que foi que ganhou?

— Agulhas de tricô e um novelo de lã para tricotar minhas meias — a menina respondeu, triste.

— É mesmo? E no ano retrasado?

— A mesma coisa, madame. Eles sempre nos dão isso. Hope mordeu o lábio.

— E mesmo assim espera ganhar uma boneca este ano? May fez que sim, sorridente.

— Eles dizem na igreja que se você desejar algo com muito fervor, tem de rezar para que aconteça. Por isso tenho rezado por uma boneca.

Hope esboçou um sorriso caloroso.

— Espero que ganhe sua boneca, May.

— Eu também, senhorita. Nunca tive uma, nem nada que fosse só meu.

E na certa nem um nome só dela, pois os dois pratinhos eram destinados a duas meninas chamadas May. Não era para menos que a garotinha desejasse ter algo só dela. Uma boneca era algo a que se poderia dar amor.

— Há quanto tempo vive aqui, querida?

— Cinco anos, senhorita. Quando cheguei, tinha quase quatro anos, acho.

— E ainda tem esperança de ganhar uma boneca?

— Não custa nada sonhar.

Hope acariciou os cabelos da menina.

— Não, May, não custa nada.

A criança foi cuidar de seus deveres. e Hope voltou para o passeio com um nó na garganta.

— A menina disse que hoje é o aniversário dela e que haverá uma pequena comemoração — Hope confirmou com lady Elinore.

— Sim, fazemos isso no décimo quinto dia de cada mês. Apesar de achar que festejar aniversário seja uma bobagem, sobretudo porque essas meninas foram rejeitadas ao nascer. Por isso acho que não têm nada para comemorar. Mas alguns membros do Conselho são a favor da comemoração, por isso a fazemos como uma recompensa por bom comportamento.

— E as meninas ganham presentes?

— Sim.

— O que May receberá?

— Um novelo de lã e um par de agulhas.

— Mas ela tem rezado para ganhar uma boneca.

— Céus, mas porquê? Elas sempre ganham lã e agulhas. May sabe disso. É um presente útil.

— Entendo. Mas então ela não vai ganhar a boneca?

— Evidente que não. Agora podemos continuar a visita? Hope seguiu a dama. Faltava alegria para aquelas pobres meninas. Pensou na pequena May, esperando ansiosa por um brinquedo que não viria.

Entraram em dois dormitórios. Em cada um deles haviam quinze camas estreitas forradas com cobertores de lã cinza. Ao lado de cada leito, um pequeno móvel onde as roupas eram guardadas. Acima, na parede, viam-se ganchos, onde ficavam pendurados os vestidos de domingo de cada uma delas.

Nada de bonecas, livros ou algum tipo de objetos pessoais. As paredes eram decoradas com quadros que continham textos escritos pela falecida mãe de lady Elinore.

E tudo era cinza, preto, branco ou marrom. Nem um detalhe em azul, verde, rosa ou amarelo.

Hope observava aquilo tudo, calada. Ainda pensava na pequena May. As irmãs Merridew eram órfãs e, se não tivessem nenhum parente que pudesse cuidar delas, teriam acabado numa instituição como aquela.

O próximo aposento foi a sala de trabalho, onde dezesseis garotas, cujas idades variavam entre onze e quinze anos. estavam sentadas enfileiradas, tricotando.

— Meninas! — uma mulher vestida de preto chamou a atenção delas. — Temos visitas.

Todas ao mesmo tempo se levantaram, deixaram de lado os trabalhos e fizeram uma cortesia, cumprimentando os visitantes. As meninas usavam vestidos cinza com meias de lã preta e botas pretas. Seus cabelos estavam todos presos para trás, em idênticos rabos-de-cavalo. Seus rostos jovens eram pálidos e solenes.

— Boa tarde! — elas saudaram, antes de tornarem a se sentar e retomar seus afazeres.

As agulhas se movimentavam, apesar de Hope notar que muitas delas olhavam, curiosas, para ela e Faith, capturando cada detalhe das roupas e da aparência das gêmeas.

O silêncio das meninas era depressivo. Faith segurou a mão de Hope com força e murmurou:

— É quase tão ruim como na casa de vovô!

Hope balançou a cabeça. Era pior. O avô podia ser violento, mas as irmãs eram unidas e se amavam. Aquelas meninas não tinham nada. Ninguém que as amasse. Não

possuíam nenhum objeto pessoal, nem mesmo uma boneca.

— É uma alegria ver tanta disciplina — lady Elinore falou, orgulhosa.

Hope a encarou, incrédula. Será que ela não percebia a tristeza naqueles olhares?

— As roupas que usam foram confeccionadas por elas mesmas. Hope teve vontade de gritar, de agitar toda aquela disciplina e aquela quietude, de sair correndo entre os corredores. Queria arrastar todas as garotas para fora, levá-las para o parque, onde poderiam cantar e se divertir.

— Cada menina é treinada para ser independente. Elas sairão daqui com um meio de ganhar a vida — o sr. Reyne adicionou.

— Assim que atingem certa idade, são apresentadas a empregadores. Trabalharão em oficinas de costura ou como cozinheiras, arrumadeiras, criadas e coisas do tipo. É quase impossível que alguma delas arrume casamento. — Elinore suspirou. — Também, com o passado delas!

Hope nem podia olhar para Elinore, pois se o fizesse talvez a esbofeteasse.

— Onde elas brincam?

— Brincar? Ah, a senhorita quer dizer se exercitar... Lá fora.

— Elinore os conduziu para um pequeno pátio de calçamento escuro.

O local era cercado de muros, sem nenhum toque de verde para quebrar a sobriedade.

— Fazem caminhadas duas vezes ao dia. Exercícios regulares fazem bem à saúde,

— Eu quis dizer brincar, e não praticar exercícios — Hope afirmou. — As garotas não têm um tempo para brincar e ser crianças? Não vi brinquedos ou objetos pessoais nos dormitórios. Lady Elinore a encarava como se não a tivesse entendido.

— O que elas iriam querer com brinquedos, senhorita? São órfãs. A vida delas não será nada fácil. Por isso, têm de se preparar.

Hope dizia a si mesma que lady Elinore era uma boa pessoa e que não fazia aquilo por mal. Talvez acreditasse mesmo que aquilo seria bom para as meninas.

Sebastian percebeu a tensão e resolveu intervir:

— A maioria das crianças não pode se dar ao luxo de brincar como fazem as crianças ricas, pois têm de trabalhar para ganhar o pão de cada dia. É isso ou morrer de fome.

Hope não podia crer que ele defendia aquela política. Mas, quando ela ia colocar seu ponto de vista, lembrou-se de como a infância dele foi dura e sofrida.

Sebastian prosseguiu:

— Muitos órfãos poderiam considerar o dia-a-dia dessas garotas um luxo. Sei de algumas instituições em que todos os internos, crianças de cinco anos em diante, têm de trabalhar em fábricas por doze horas ou mais. As pobrezinhas são surradas para manterem-se acordadas. Crianças com sono causam acidentes de trabalho. Acidente significa perda de dinheiro, com o tempo que se leva para limpar das máquinas os restos dos pequenos corpinhos destrocados.

Hope estremeceu ao imaginar a cena. Sebastian estava certo, ela sabia. E recordou a história de Johnny. Aquilo era uma repreensão, e Hope sabia que a merecera. Sebastian falava com propriedade, pois passara por tudo aquilo.

Hope se voltou para Giles. Os olhos dele estavam tristes.

Ela se apiedou de Sebastian pela felicidade que lhe fora roubada na infância, pela vida triste que ele teve. Sentiu pena de lady Elinore e sua existência rígida e racional, e também de cada menina daquela instituição.

Porque, apesar de Sebastian estar certo, também estava errado, muito errado. Todos estavam errados num ponto. Exceto a pequena May, que dissera que não custava nada sonhar.

— Quer dizer que vocês ensinam as crianças a não esperar nada além de dias difíceis? Discordo dessa postura. As crianças têm o direito de esperar alguma alegria em

seu futuro. Todos temos, não importa quem somos: criança, adulto, rico ou pobre, órfão ou não. E para esse propósito convido todas as meninas para um chá comigo e minhas irmãs, na próxima semana, em minha casa.

— Não pode ser. Isso quebrará a rotina delas.

— Serão apenas algumas horas, lady Elinore. Tenho certeza de que será bom para elas sair um pouco.

— Ótima idéia, srta. Hope! — Giles sorriu-lhe. — Monotonia e rotina foram feitos para serem quebrados.

Ao ouvir aquilo, toda a incerteza de lady Elinore se desvaneceu.

— Sinto muito, srta. Hope, mas não será possível. São muitas garotas. Além do mais, elas não saberiam como se comportar ao lado de damas.

— Imagine! Milady fez um ótimo trabalho com elas ao treiná-las, mas isso não é uma aula de etiqueta. Tudo o que peço é que possam se divertir um pouco. Não são tantas meninas assim. A mansão de meu tio é grande e poderá acomodar todas muito bem. Cuidarei do transporte para levá-las e trazê-las de volta.

— Sebastian e eu podemos cuidar do transporte — Giles se ofereceu. — Não é, Bas?

Sebastian não parecia nada satisfeito. Hope adorou a inesperada oferta de Giles.

— Obrigada, sr. Bemerton. É muita gentileza sua. Elinore fitou Sebastian, num pedido mudo de socorro.

— Essas garotas não são do tipo com que a senhorita e suas irmãs convivem, srta. Hope. Não combinam com vocês.

— Por quê? São limpas e comportadas. Aliás, mais comportadas do que eu. Além do mais, eu e minhas irmãs também somos órfãs. Não me importo com o passado delas; estamos falando de um pequeno pedaço do futuro dessas crianças. Por favor, sr. Reyne, deixe. Se elas fossem suas irmãs, o senhor não iria gostar que tivessem alguns momentos de diversão?

— Elas não são minhas irmãs!

— Mas se fossem...

— Não são! Imaginar minhas irmãs num lugar como este é ridículo! — Sebastian se dirigiu a lady Elinore: — A decisão é sua, milady.

— Não tenho certeza... O que o senhor acha? Ele fez um gesto impaciente.

— Para dizer a verdade, isso não faz diferença para mim. Portanto, apoiarei qualquer decisão sua.

Hope foi ao ataque:

— Sendo assim, se lady Elinore concordar, o senhor ajudará com o transporte?

— Por que não?

— E levará suas irmãs?

— Não. Não permitirei que elas compareçam a tal evento.

— Por que não? Dorie e Cassie iriam gostar, tenho certeza. Grace estará lá.

— A senhorita faça o que achar correto, assim como eu o farei. Minhas irmãs não vão se misturar com nenhuma órfã desta instituição.

— Não posso acreditar em sua atitude!

— Não posso fazer nada!

Pela rigidez dele dava para perceber que aquela era sua resposta final. Hope o encarava, perguntando-se o que o levaria a reagir daquela maneira.

A doce voz de Faith interrompeu as conjecturas de Hope:

— Por favor, lady Elinore. Um pequeno passeio não fará mal a ninguém.

— Não sei se isso será bom. Este orfanato é administrado de acordo com os Princípios Racionais criados por minha falecida mãe. Não há nada de racional em brincadeiras frívolas. O trabalho e a ocupação é que dão rumo à vida das pessoas.

Sem dúvida, a dama crescera sob as mesmas regras, Hope imaginou.

— O que dá sentido à vida delas, milady?

— A rotina, srta. Hope.

— Quais são os sonhos delas?

— Espero que nenhum. Sonhar é uma perda de tempo.

— Isso é terrível! Quais são as alegrias que elas têm?

— Alegria? Há satisfação quando se executa um trabalho bem-feito.

— Não estou falando de satisfação! Crianças precisam de alegrias, todos nós precisamos!

— Paixões extremas são postas de lado. As meninas vivem melhor sem elas.

— Se as crianças são levadas a acreditar que não existe alegria no mundo, a esperar apenas por tempos difíceis e de sofrimento, então de que adianta viver?

Lady Elinore parecia confusa com a pergunta.

— A senhorita diz que sonhar é perda de tempo, mas isso não está certo! Sonhar é tão necessário quanto comer! Sonhos e esperanças nos dão força e coragem para enfrentar as dificuldades. Será que as garotas não trabalharão melhor se souberem que uma surpresa as aguarda para o final da semana?

— Sim, recompensa por bom comportamento é racional. Mas a senhorita está enganada sobre os sonhos. Minha mãe costumava dizer que sonhos são bobagens, restos dos acontecimentos do dia.

Hope não achava correto criticar os valores de lady Elinore. baseados nas austeras normas estabelecidas pela falecida mãe dela. Mas aquilo tinha de ser dito, e lady Elinore não era a única que precisava escutar as verdades que ela ia dizer.

— Os sonhos podem nos tirar da escuridão, milady.

— Eles não passam de fragmentos sem valor.

— Não! Os sonhos dão sentido a nossa existência.

— Minha mãe dizia que as pessoas que se deixam guiar por eles não chegam a lugar nenhum, ou ficam loucas.

— Então sua mãe estava errada! — Hope declarou, emocionada. — Se negarmos nossos sonhos, negamos a nós mesmos, ao mais profundo de nossas almas!

Houve um momento de silêncio. Então, lady Elinore rompeu em lágrimas.

Por um instante, todos ficaram muito chocados para falar ou se mover.

Giles tomou a iniciativa:

— A senhorita está exausta, lady Elinore. Sem dúvida com dor de cabeça. Minha mãe era perseguida pela enxaqueca. Vá para casa, deite-se e tome um chá. Eu a acompanho. O sr. Reyne cuidará de suas convidadas.

Giles tirou a dama, em soluços, do local. Hope olhava com remorso para a irmã.

— Eu não tinha a intenção de fazê-la chorar. — Fitou Sebastian. — Não achei que ela fosse levar para o lado pessoal. Vou atrás dela para explicar...

— Não se preocupe. Giles cuidará dela. O que a senhorita gostaria de ver agora?

— Já vi tudo o que queria, obrigada. Mas estou preocupada com lady Elinore. Não quis aborrecê-la...

— Então a senhorita retira o que disse? Hope meneou a cabeça.

— Não, sr. Reyne. Acredito em tudo o que falei. Faith deu um passo à frente e tomou a mão da irmã.

— Assim com eu. Se não tivéssemos sonhos, nunca teríamos criado coragem de fugir de nosso avô. Hope, não se aborreça, querida. Acho que sem saber você tocou num ponto sensível de lady Elinore.

— Sinto se aborreci milady, mas mantenho meu ponto de vista. E estou determinada a proporcionar alguma alegria para essas meninas, sr. Reyne.

Sebastian permanecera calado durante a discussão das duas, e ponderara com cautela ambas as partes.

— Está bem, srta. Hope. Dou minha permissão. Hope segurou as mãos dele.

- Obrigada, sr. Reyne! Garanto que elas vão adorar o passeio!
- Certo. — Sebastian se soltou dela. — Mandarei um bilhete para lady Elinore, avisando sobre minha decisão.
- Eu também enviarei um, com um pedido de desculpas.

Capítulo VII

Eu me senti tão culpada, tia Augusta! Não imaginei que minhas palavras pudessem magoar lady Elinore. A gêmeas tinham ido tomar um chá com lady Augusta e a sra. Jenner.

— Não fique assim, meu bem. Em minha opinião, Faith estava certa quando afirmou que você deve ter tocado num ponto sensível da pobre Elinore. — As pupilas de Augusta brilharam. — Quer dizer que o sr. Bemerton a levou para casa? Isso me surpreende...

— O sr. Bemerton foi quem teve a iniciativa, pois todos nós estávamos muito aturdidos para tomar alguma atitude. — Faith ajeitou os cabelos.

A sra. Jenner completou, irritada:

— O sr. Bemerton é um cavalheiro de boa família e bem-educado. Ao contrário de outros que andam por aí.

— O que está insinuando, sra. Jenner? O sr. Reyne é um perfeito cavalheiro! O sr. Bemerton só tomou a iniciativa antes.

Faith pousou a mão no joelho da irmã, para acalmá-la.

— Não entendo como um homem que diz estar cortejando lady Elinore permite que outro a acompanhe. Ainda mais quando ela estava tão emocionalmente abalada — observou a inconformada sra. Jenner.

Lady Augusta sorriu.

— Se lady Elinore fosse um pouquinho mais esperta, teria fingido um desmaio, e então o forte e bonito sr. Reyne a carregaria em seus braços.

Hope agradeceu aos céus pela falta de esperteza de lady Elinore. Se o forte e bonito sr. Reyne tivesse de segurar alguém nos braços, haveria de ser Hope Merridew!

— O sr. Reyne é o dono do orfanato e tinha que receber as visitantes. Talvez por isso tenha permitido que o sr. Bemerton cuidasse de lady Elinore — Faith explicou.

Lady Augusta considerou a hipótese.

— Pode ser que esteja certa, meu anjo. O sr. Reyne ficou para cumprir seu dever de anfitrião. O rapagão com ombros largos... — Deu uma olhada para Hope. — Com coxas fortes, também. Adoro homens musculosos.

— Tia Augusta, por favor! — Hope corou, embaraçada com a descrição de Sebastian; precisa, mas embaraçosa.

Faith prosseguiu:

— O sr. Reyne foi muito gentil em nos trazer em casa. Augusta piscou para Hope e se serviu de um pedaço de torta de pêssego.

— Tenho pena de lady Elinore. Agatha Pilton não era muito normal.

— Quem é Agatha Pilton? — Hope quis saber.

— A mãe de lady Elinore. O sobrenome dela era Pilton antes de se casar com Billy Whitelaw. o conde de Ennismore, um título irlandês. Agatha ficou histérica quando

descobriu que Billy tinha uma amante e fez um escândalo. Todos sabiam que o pobre Billy procurava uma herdeira para se casar, pois estava quase falido. Porém, era tão bonito! Agatha Pilton não era feia, mas lhe faltava carisma. Com certeza sabia que seu casamento fora por interesse. Era assim que as coisas funcionavam, naquela época.

— Mas o que ela fez exatamente, tia Augusta?

— Agatha ficou na porta da casa da amante e fez uma cena vulgar. Em seguida, foi atrás de Billy no clube e protagonizou outra cena. No fim, proibiu o marido de entrar na residência e passou a se vestir como um espantalho cinzento. Billy foi para a Irlanda ou Índia, e morreu num acidente estranho. Da última vez que ouvi falar de Agatha ela estava andando com um bando de intelectuais.

Hope se serviu de mais chá.

— Lady Ennismore publicou um livro chamado *Os Princípios da Razão para Mulheres Inteligentes*.

— Parece assustador! Soa como o tipo de coisa que mulheres inteligentes devem evitar!

— Lady Elinore vive de acordo com esses princípios.

— Bem, isso indica o tipo de lixo que o livro deve ser. A pobre moça usa aqueles vestidos horrendos e parece nunca ter tido nem um único momento de felicidade na vida. Que desperdício! Se eu tivesse de vestir uma jovem, garanto que a vestiria de uma maneira no mínimo elegante. Todo aquele cinza! Ninguém deveria passar a existência usando cinza!

— Concordo. — Faith meneou a cabeça. — Nosso avô costumava nos mandar usar vestidos cinza, feitos de tecidos grosseiros. Aquilo era pavoroso!

— Ouvi dizer que o homem era louco, mas vestir jovens belas de cinza? Isso é um crime!

Hope encarou lady Augusta, pensativa.

— Tem toda a razão, tia Augusta. — Arregalou os olhos. — Acabo de ter uma idéia!

— Diz respeito a lady Elinore?

— Não, Faith, às órfãs. Não vamos apenas convidá-las para um chá. Nossa tarde será um pouco mais excitante do que chá com bolo. Estou determinada a proporcionar um pouco de alegria àquelas meninas. Espero que lady Elinore não se importe, não quero aborrecê-la mais do que já fiz. Fiquei péssima quando ela rompeu em lágrimas, pois gosto dela, mesmo com todas aquelas idéias medonhas que tem.

— Eu também.

— Agatha Pilton deveria ter sido estrangulada. — Lady Augusta suspirou. — Ensinar uma filha a se vestir como um espantalho é um crime contra a natureza.

Faith assentiu:

— De fato, as teorias dela são pavorosas. Imagine dizer que os sonhos não passam de bobagens e fragmentos do dia...

— Lady Elinore tem sorte por a mãe ter morrido. O lamentável é que isso não tenha ocorrido quando ela era criança.

Hope olhou com carinho para a tia.

— Tia Augusta, a pobre lady Elinore teria sido muito mais feliz se tivesse sido sua filha.

— Quem sabe? Mas nunca é tarde para ser feliz. Elinore tem de buscar sua própria felicidade.

— Estou morrendo de curiosidade para saber quais são seus planos, minha irmã. — Faith demonstrava todo seu entusiasmo.

Hope revelou o que pretendia à irmã e finalizou dizendo que necessitaria de toda a ajuda dela.

— É claro que a ajudarei! Pode contar comigo. Ambas fitaram a tia, esperando pela aprovação.

— Evidente que colaborarei, meu anjo. Adoro uma trama. E gostaria de saber mais sobre esse orfanato. Pobres alminhas órfãs...

— Não há necessidade de entrar, Bas, é assunto de mulheres. — Giles estava sentado no assento da frente de sua confortável carruagem ao lado de Sebastian, que servira de cocheiro.

Eles haviam acabado de parar em frente da casa de sir Oswald Merridew, na rua Providence. Em um veículo maior, logo atrás, acomodavam-se dez meninas agitadas; era o último grupo de órfãs.

— Só de mulheres?

Giles fez que sim, e desceu da carruagem para auxiliar as garotas.

— Nós, homens, só fomos úteis para executar o transporte. — Giles deu risada e fez uma reverência extravagante. — Boa tarde, senhoritas! Chegamos ao nosso destino.

As meninas, muito nervosas e excitadas, desciam da carruagem e entravam na mansão como ratinhos obedientes.

— Lady Elinore não virá, mesmo, Bas?

— Não. Ela aceitou minha decisão, apesar de não aprová-la. Irá se encontrar com as garotas após o passeio, no orfanato.

Sebastian virou-se para segui-las, mas Giles o deteve.

— Já lhe falei: é uma reunião só de mulheres. Fomos convidados para tomar algo com sir Oswald, mas, para ser franco, Bas, você não me arrastaria para dentro dessa mansão hoje, mesmo se tentasse.

— Por quê?

— As irmãs Merridew convidaram uma lista de viúvas e senhoras faladeiras. Essas senhoras me assustam, pois me tratam como se eu fosse um menininho ainda!

Giles fitou a fachada da casa e puxou a aba do chapéu, escondendo o rosto.

— Uma armadilha espera por mim, lá dentro. Por isso prefiro a segurança do clube. Pediram que voltássemos em duas horas para levar as meninas de volta. Você vem, Bas?

Sebastian pensou bem e concluiu que o clube seria, sem dúvida alguma, bem mais seguro.

Duas horas depois, os dois amigos chegavam de volta, e foram conduzidos pelo mordomo até a biblioteca.

— A srta. Hope mandou avisar que estão um pouco atrasadas. Portanto, se os senhores puderem esperar aqui... — O mordomo apontou para confortáveis poltronas. — A senhorita mandou servir-lhes algo, cavalheiros.

Nesse momento, um criado entrou carregando uma bandeja com sanduíches, tortas e pãezinhos. Logo atrás, um outro carregava uma bandeja com vinho branco e cerveja.

Sebastian olhou para tudo aquilo.

— Pelo jeito a demora será grande! Giles apanhou um sanduíche.

— Contanto que a porta da biblioteca permaneça fechada para que ninguém nos veja... Está muito barulhento lá era cima para um simples chá. Você acha que elas abriram algumas garrafas de vinho?

— Para meninas de quinze anos?! Tenho certeza de que não. Mas de fato o barulho é intenso.

Os dois já haviam se fartado de bebida e sanduíches quando o mordomo foi atender ao toque da sineta. Minutos depois, uma voz feminina falava ao fundo. Giles meneou a

cabeça.

— E lady Elinore. — Ele foi até o vestíbulo, e Sebastian o seguiu.

Lady Elinore falava com energia com o mordomo:

— O combinado foi que as garotas seriam entregues quinze minutos antes! Elas devem partir, agora mesmo.

Giles a saudou:

— Boa tarde, lady Elinore. Estou encantado em vê-la. Que belo modelo a senhorita veste! Que cor seria essa? Hum... cinza, eu acho. Assombroso. E esse gorro, ele é... muito... racional.

Giles tomou a mão tensa da lady e a beijou.

— Luvas cinza! Que combinação perfeita! Aborrecida, Elinore se soltou e dirigiu-se a Sebastian:

— As garotas deveriam estar fazendo lição numa hora dessas. Ouça que algazarra! Parece que estamos num hospício! — Virou-se para o mordomo. — Avise a srta. Merridew que lady Elinore Whitelaw está aqui para levar as órfãs, neste minuto!

O mordomo se retirou.

— Aceita um sanduíche, lady Elinore? Um vinho ou um pedaço de torta?

— Chega, Giles — Sebastian interveio. — Não há com que se preocupar, lady Elinore. As meninas estão bem.

— A srta. Merridew prometeu que elas estariam de volta no horário estipulado. A disciplina é fundamental para a formação delas.

— Acalme-se, milady. Tenho certeza de que um chá, um passeio e alguns pedaços de bolo não farão mal algum a elas. — Sebastian esboçou um sorriso discreto.

Em seguida, um sininho tocou no andar de cima. Hope, no alto da escada, olhava para baixo.

— Senhoras e senhores — anunciou, solene. — Apresento-lhes as meninas do Orfanato Tothill. Venham meninas, desçam!

As garotas começaram a descer os degraus, de duas em duas, formando uma longa fila precedida pelas mais velhas.

Lady Elinore engasgou com a visão.

Sebastian piscava, espantado. Aquelas não eram as mesmas crianças. Rostinhos antes nervosos e pálidos agora brilhavam de alegria e orgulho. Os cabelos, até então presos para trás, tinham sido arrumados em cachos e com fitas.

Elas ainda usavam os mesmos vestidos cinza, mas eles não pareciam os mesmos. Agora tinham um caimento melhor, e cada um fora ornado com diferentes tipos de fitas e babados coloridos. Em alguns, pedaços de outros tecidos fora adicionados; em outros, golas e punhos receberam novo acabamento de outro tom. Cada traje passara a ser exclusivo.

As pequenas caminhavam com um orgulho tímido, como uma rosa desabrochando. Desciam os degraus como se estivessem andando nas nuvens, segurando as saias com uma mão e o gorro com a outra. Os movimentos eram acompanhados de um farfalhar que Sebastian não conseguia identificar.

— Anáguas de seda — Giles murmurou. — Se eu não estiver enganado. Nada como roupas de baixo de seda para tornar as mulheres ainda mais femininas! Tenho de tirar o chapéu para a srta. Hope, isso é um milagre! Nunca vi tamanha transformação. De ratinhos cinza em...

— Aves-do-paraíso! — lady Elinore completou. — Depois de tudo o que fizemos para salvá-las disso!

— Ora, milady! — Giles retorquiu. — Salvá-las de quê? De fitas e rendas?

— É muito mais do que fitas e rendas, isto é...

— Calem-se, os dois! — Sebastian ordenou. — Se houver algum tipo de divergência de opinião, deverá ser discutida longe das garotas.

Conforme as meninas iam descendo, colocavam-se em círculo, e cada uma tentava arrumar o gorro na cabeça com todo o cuidado para não desmanchar o novo penteado. Hope tocou o sino outra vez, e em seguida desceu uma dúzia de menininhas, entre cinco e seis anos de idade, um pouco mais agitadas e balançando os novos cachos. Seus vestidinhos também tinham sido remodelados e decorados com novos enfeites. Mas, pelo visto, a roupa não era o auge do dia para aquele grupo.

Cada garotinha mostrava algo que parecia ser muito precioso preso ao peito. Sebastian não conseguia ver com clareza o que era. A última a descer foi a pequena May.

Seu rostinho vibrava de alegria. Seus bracinhos apertavam algo com muito carinho. Então ela viu lady Elinore.

— Olhe, milady! Veja o que eu ganhei!

Nesse momento, Sebastian pôde distinguir o que ela e as outras carregavam com tanto carinho: uma boneca.

Do alto da escadaria, Hope as observava, sorrindo. Mesmo à distância dava para ver como os olhos dela brilhavam com lágrimas.

As pequenas correram para mostrar às meninas maiores suas bonecas. Enquanto isso, para desespero de Giles, um grupo de senhoras de meia-idade veio ter com eles.

— Giles, meu menino, como vai sua mãe? — uma senhora falou. — Você viu nosso trabalho? Essas meninas não estão lindas?

— Meu Deus, não é o pequeno Giles Bemerton! Como você cresceu! Da última vez que o vi, estava coberto de pintinhas, pobre criança! — Uma elegante senhora se aproximou e beliscou a face de Giles.

— Ora, seu safadinho! Não sabia que tinha crescido tanto. Está muito bem, Giles. Diga-me, como vai sua mãe?

Giles tentava responder a cada uma delas com toda a educação. Mas ficava difícil manter a classe, com todas elas beliscando-lhe as faces.

Sebastian tentava se manter sério, apesar da dificuldade.

Lady Augusta interrompeu a festa de Giles:

— Maudie, lembra-se de Agatha Pilton? Esta é a filha dela, lady Elinore.

No mesmo instante o grupo de senhoras se virou para Elinore e começou a enchê-la de questões. Pelo que elas diziam, haviam acabado de descobrir uma nova paixão: as órfãs.

Giles se afastou de mansinho e foi até Sebastian.

— Vamos, Bas. Temos de tirar essas meninas daqui antes que a tempestade volte.

Sebastian olhou para o céu azul, lá fora.

— Não é a isso que me refiro, seu tolo! Lady Elinore pode estar cercada agora, mas vai escapar, e eu não quero estar aqui quando resolver esclarecer algumas coisas com a srta. Hope.

Sebastian concordou e, em minutos, as meninas já se acomodavam nas carruagens. A de Giles chegou em seguida.

— Tenho de ir, Bas. Marquei hora com meu chapeleiro.

— Você é um covarde, Giles.

— Sem dúvida alguma!

Mas o olhar de Sebastian o impediu de partir.

— Está bem, meu cocheiro, pode levá-las.

Momentos depois, os veículos das senhoras foram chegando, e uma a uma saía agradecendo à srta. Hope pela tarde maravilhosa. Antes de partirem, porém, aconselhavam Giles a ser um bom rapaz e não dar trabalho para a mãe, e diziam para a filha de Agatha Pilton que aparecesse para uma visita um dia desses.

— A calma depois da tempestade — Giles murmurou.

O rosto de lady Elinore só não estava mais pálido porque tinha duas marcas de batom. Seus lábios estavam comprimidos, e olhos emanavam raiva.

Lady Augusta notou a tensão e declarou:

— Oswald, estou exausta. Vamos subir e tomar algo?

— Mandarei que lhe sirvam um chá de ervas, Gussie. Isso lhe fará bem.

— Deixe as ervas no lugar delas, Oswald. Tudo de que preciso é um bom gole de conhaque!

O casal subiu, discutindo sobre o que iriam ou não beber. Grace e Faith foram para seus quartos, e Sebastian, lady Elinore, Giles e Hope ficaram para trás.

Lady Elinore encarou Hope.

— Acho que a senhorita deve estar muito orgulhosa do que fez!

— Sim, muito. Você viu como as meninas estavam felizes?

— Isso não importa.

— Importa, sim! Que mal podem fazer algumas horas de alegria e alguns cachos nos cabelos?

— Um grande mal, senhorita.

— Não vejo por quê.

— Eu não queria esse passeio, e agora vejo que estava certa. Aquelas crianças nunca mais vão se adaptar à rotina outra vez.

— Ótimo!

— Como ousa se intrometer com suas frivolidades? Você pensa que sabe o que é bom para elas?

— Fui uma garota igual àquelas crianças.

Lady Elinore escarneceu:

— Até parece! A única semelhança que pode ter existido entre vocês é a idade, mas decerto sua infância foi cheia de mimos. O que pode saber sobre maus-tratos e abusos?

Hope queria muito dar uma boa resposta para lady Elinore, mas lembrou que Sebastian estava ali, parecendo muito preocupado. Assim, afirmou com toda a calma:

— Minha vida não foi tão fácil quanto você imagina.

Uma voz a interrompeu:

— Maus-tratos e abuso? Minha irmã sabe muito bem o que significa isso! Nosso avô costumava surrá-la sem dó. Ele fez de tudo para anular a natureza dela. — Faith se aproximou e envolveu os dedos nos da irmã. — A senhorita pode não ter percebido...

— Não, Faith. — Hope tentou esconder a mão. — Isso não é sobre mim.

— Sim, é. Pois foi por isso que você fez o que fez hoje. — Faith se virou para os demais e seguiu em frente: — Minha irmã e eu somos gêmeas idênticas, com sutis diferenças. Tenho uma marquinha em meu ombro esquerdo; a dela é no direito. Eu sou destra, ela é canhota.

Lady Elinore bufou.

— E daí?

— Meu avô acreditava que Hope era do mal, por ser canhota. Ele dizia que a mão esquerda de minha irmã era um instrumento do diabo. Por isso ela passou a maior parte da infância com a mão esquerda amarrada.

Hope ainda tentava esconder a mão. Aquele fora um período de sua vida que queria esquecer, mas Faith a segurou com firmeza e a ergueu para que todos vissem.

— Amarrada com cordas por meu avô. Tão apertadas que elas cortavam até a carne. Desde que ficamos órfãs, aos sete anos, até o dia em que conseguimos fugir, dois anos antes. Portanto, não ouse dizer que Hope não sabe nada sobre maus-tratos!

A sensação de embaraço era geral. Hope, sem jeito, conseguiu, enfim, esconder a mão.

— Sinto muito, lady Elinore, se a aborreci.

Elinore meneou a cabeça.

— Lamento pelo que você passou na infância, srta. Hope. Entretanto, seus atos interferiram nas rígidas regras de disciplina seguidas por nossa instituição e no bom

trabalho que desenvolvemos com as meninas.

Hope ergueu as sobrancelhas.

— Mas como? Algumas fitas e bonecas para as pequenas!

— Não há nada de racional nos enfeites e nos brinquedos.

— Não se trata do que é ou não racional, mas sim de sentimento. Trata-se de uma criança que não tem ninguém no mundo encontrando conforto na escuridão da noite ao abraçar uma boneca.

— A boneca não passa de um pedaço de pano! Elas podem abraçar o cobertor, se quiserem.

— A senhorita nunca teve uma boneca, lady Elinore?

— Claro que não! Bobagens sentimentalistas! Brincar com bonecas não passa de uma perda de tempo.

Hope suspirou.

— Uma boneca é muito mais do que um pedaço de pano. É como uma amiga, uma irmã, uma confidente. Uma boneca é algo só seu, alguém para amar, abraçar e a quem contar todos seus sonhos e temores.

— Qual o objetivo disso?

— Conforto. Amor. Segurança. Milady nunca ficou acordada no meio da noite, sentada na cama, ouvindo a chuva e o vento soprando? Sentindo-se sozinha e sem amor...

Lady Elinore parecia desconfortável.

— Não estou me referindo especificamente a milady. Mas todos nós tivemos e ainda temos momentos como esse, assim como aquelas meninas. A noite pode ser um momento de muita solidão. Lembro-me de uma vez, quando ainda era criança, em que achei que a vida não poderia ser pior do que já estava, que ninguém no mundo se importava conosco ou nos amava...

Todos permaneceram calados e perdidos em conjecturas. Giles Bemerton fora mandado para o colégio interno com sete anos, pequeno, solitário e vulnerável, torturado pelos outros garotos. Lady Elinore se sentia mais próxima da mãe apenas no Museu Britânico. Sebastian Reyne, um garoto carregando a responsabilidade de um homem, tentando desesperadamente manter a família unida, e perdendo tudo pelo caminho.

Por instantes, ninguém falou nada. Lady Elinore pegou um lenço de linho branco de sua bolsa e enxugou as lágrimas.

— Bem... Aceito seus argumentos com relação às bonecas. Mas quanto às roupas! A senhorita não tem idéia do quanto isso pode prejudicá-las.

— De fato não sei como alguns laços e babados poderiam ser prejudiciais.

— Isso pode despertar tendências perigosas. A senhorita não viu nos rostos delas?

— Tudo o que vi foi um grupo de crianças muito felizes e muito mais bonitas do que ontem. O que milady viu?

Lady Elinore ficou vermelha.

— Meninas vestidas para chamar a atenção dos homens! À beira da perdição!

— Bobagem!

— A senhorita pode zombar, mas até mesmo o sr. Giles notou. Giles se pronunciou:

— Deixe-me fora disso.

— Mas o senhor percebeu! — lady Elinore insistiu. — O sr. Bemerton disse que elas pareciam ratinhos em fila quando chegaram, e aves-do-paraíso quando saíram.

— Não! A senhorita disse a segunda parte, lady Elinore. Não eu. Ela ficou furiosa por ter sido contrariada.

— Mas isso é verdade!

— Não é! Como pode dizer tal coisa? — Hope se indignou. — Elas são apenas...

— O que a senhorita não sabe é que muitas dessas garotas foram salvas de uma vida de depravação! De casas de má fama!

Nesse ponto, Sebastian se pronunciou:

— Lady Elinore, não acho que seja apropriado macular os ouvidos da srta. Hope com histórias de depravação.

— Macular meus ouvidos?! Que absurdo! Se aquelas pobres meninas encontraram uma maneira de sobreviver às depravações a que foram expostas, então posso muito bem ouvir o que quer que seja!

Sebastian as olhava, chocado. Hope continuou:

— Se as garotas sofreram com o mal que há no mundo, são vítimas, não são?

— Sim.

— Então, milady, por que a senhorita as trata como se elas fossem naturalmente fracas?

— O que quer dizer? Eu não faço isso. Elas precisam ser corrigidas, é claro, e suas tendências imorais, erradicadas.

— Corrigidas?! — Hope explodiu. — Tendências imorais erradicadas?! Durante toda minha vida ouvi esse tipo de bobagens de meu avô, com a diferença de que ele dizia que todas as mulheres nascem para pecar! Aquelas meninas são apenas crianças que não tiveram escolha! Se você é roubada tem de receber correção?!

Lady Elinore ficou confusa. Hope não esperou pela resposta:

— Não, é lógico que não! Roubaram a inocência e a infância daquelas crianças. Elas conhecem o medo, o ódio, o mal. Agora têm de aprender sobre o amor, a esperança, o orgulho e como ser feliz nesta vida. As roupas não farão delas possíveis aves-do-paraíso; elas são apenas jovens sentindo uma excitação natural pela novidade. Milady não lembra como era gostoso ganhar um vestido novo? — Olhou para o vestido cinza de Elinore. — Acho que não!

Lady Elinore continuava calada.

— Por favor, não se aborreça. Sei que suas intenções são boas. Mas milady segue as teorias de sua mãe sem analisá-las.

— Minha mãe foi uma grande mulher.

— Então por que ela não queria que nenhuma jovem se sentisse alegre por usar um vestido novo? Por que negar uma boneca a uma criança solitária?

— Muitas pessoas admiram o trabalho de mamãe.

— Talvez — Hope disse, com suavidade. — Mas acho que ela não foi uma pessoa muito feliz. Será que a abordagem racional de lady Ennismore lhe trouxe alguma felicidade?

— Nossas obrigações são mais importantes que nossa satisfação pessoal.

— E se satisfação e obrigação se juntarem? Não será melhor? Lady Elinore não conseguiu responder nada por um longo tempo.

— Obrigada por expor seu ponto de vista, srta. Hope. Agora tenho de ir. — Elinore olhou ao redor, confusa e zozna.

Giles fitou Sebastian.

— Bas?

Ele não se moveu. Encarava a srta. Hope. Só quando seu amigo o cutucou Sebastian despertou.

— Pois não, Giles. Você disse algo?

— Deixe pra lá. Por aqui, lady Elinore.

— Obrigada, sr. Bemerton. — Quieta e com dignidade, ela se foi, seguida por Giles, que a ajudou a subir no veículo.

Giles olhou para Sebastian, que continuava perdido em pensamentos. Então, deu de ombros, subiu na carruagem e pediu ao cocheiro que partisse.

— Quer um lenço, milady?

Mas lady Elinore não disse nada. Apenas fitava o vazio do horizonte.

— Se ao menos ela entendesse que as teorias de minha mãe têm um fundamento científico! — Lady Elinore se recuperava de seu estado de letargia; e seu estado de espírito sorumbático também voltava. — Roupas coloridas chamam a atenção dos homens, e nós temos a obrigação de proteger nossas meninas!

Giles a fitava.

— Não é possível que a senhorita acredite mesmo nisso! A carruagem parou em frente da residência dela.

— É claro que sim! Minha mãe pesquisou a respeito. Os homens são estimulados pelas cores.

Giles desceu do veículo para ajudá-la.

— Então é por isso que só usa esses trapos cinza?

— Minhas roupas não são trapos! São feitas com tecidos muito finos: seda, veludo, lã de merino...

— Mas são todas cinza, e o corte faz com que se assemelhe a um carneiro merino.

Elinore subiu os degraus, destrancou a porta, olhou para trás e disse:

— Minhas roupas são quentes e confortáveis, e correspondem aos padrões da teoria racional de minha mãe. — Bufou e se atrapalhou ao tentar tirar o casaco.

Giles se aproximou para auxiliá-la.

— Obrigada! — Elinore abriu a porta de um armário para casacos e o pendurou num gancho; deu um passo para trás e ajeitou o vestido.

Giles analisou a vestimenta sem forma, os cabelos presos para trás, escondidos dentro de uma touca feia. Em seguida, encarou Elinore.

— A senhorita não tem idéia.

— Sobre?

— Sobre isso.

Ele abriu o armário, levou-a para dentro dele e fechou-se com Elinore no cubículo. A escuridão os envolvia. Elinore ergueu os punhos em protesto.

— Como o senhor ousa?!

Giles segurou-lhe as mãos com firmeza.

— Não tem medo do escuro, Elinore?

— E claro que não!

— Se é assim, acalme-se. Não vou machucá-la.

— Nunca lhe dei liberdade de usar meu primeiro nome!

— Você sabe que eu não presto, Elinore. Libertinos não esperam o momento passar. Gente de minha espécie costuma... — Ele se aproximou mais. — ...tomar liberdades.

Ela tentou se afastar, mas não havia como.

— O que o senhor acha que está fazendo?! — As mãos dela estavam trêmulas, e tentava se esquivar, em vão.

— Isto é uma experiência.

— O quê?

— Estou testando a teoria de sua mãe sobre as cores. Verificando se meus instintos masculinos se aquietam pela ausência delas. Depois de ter visto todos aqueles corpinhos em trajes coloridos quero verificar se a teoria está correta.

Elinore o ouvia, calada.

— Posso necessitar de mais alguns minutos para alcançar a calma necessária, mas em nome da ciência você irá colaborar.

Silêncio. Era possível ouvir a respiração dela e sentir a pulsação em seus dedos tensos.

— Sobre o que devemos conversar enquanto fazemos a experiência? Ah, já sei, sobre meu amigo Sebastian.

Elinore hesitou antes de dizer *sim*.

- Sabia que ele não a ama?
- Sim, mas não me importo. Giles a apertou com mais força.
- Mas deveria. Toda mulher merece ser amada. Você o ama?
- Não. O amor não é racional.
- Graças a Deus que não! Então... não se importa que Sebastian queira casar com você só por causa das irmãs?
- Admiro a devoção dele para com as irmãs. Essa é uma qualidade racional.
- Mesmo? Mas aposto que você possui várias qualidades racionais.
- Eu tento.
- Aposto que nunca teve um momento de fraqueza na vida.
- Não que eu me lembre. Como disse, admiro a devoção e o dever.
- Sebastian é outro que sacrificou toda uma existência pela obrigação e pelo dever.
- Faremos um bom par, então.
- Duvido. A obrigação é inimiga da cama! Elinore se zangou.
- O senhor precisa ser tão vulgar?!
- Sim, sou um libertino, lembra? E libertinos são vulgares e acreditam que a obrigação não substitui o amor.
- Dever e obrigação duram. O amor não.
- Pode ser. Não estou convencido disso. — Os corpos deles estava unidos. — Sabia que amar é glorioso? E mesmo que não dure para sempre os momentos de prazer e felicidade já valem por si.
- Os esforços dela para manter-se fria estava falhando cada vez mais.
- Algo tão superficial não pode formar uma boa base para a vida toda.
- Nunca se apaixonou, Elinore?
- Evidente que não!
- Por isso não é racional para você ficar fechada neste armário comigo?
- Achei que o senhor estava testando a teoria de minha mãe.
- Quer testá-la de verdade? Silêncio.
- Giles inclinou a cabeça e sussurrou ao ouvido dela:
- Óbvio que você sabe que não sou respeitoso.
- O senhor deveria sentir vergonha de admitir isso.
- Digamos que minha reputação com as mulheres seja... a pior.
- Digamos que o senhor é um fraco e vamos acabar logo com isso.
- Giles sorriu.
- Muito fraco. Portanto, temos aqui uma combinação interessante. Uma dama que nunca fez nada de errado, e um cavalheiro... bem, cheio de franquezas.
- O senhor ainda pode se redimir.
- É mesmo! Redenção e diversão; dois conceitos curiosos. — Ele tornou a sussurrar-lhe. — Então, Elinore, você acha que eu deveria me redimir?
- Sim, acho.
- Nesse caso, creio que, como amigo, seja meu dever impedir que Sebastian Reyne cometa um grande erro.
- E qual seria?
- Casar-se com você. Ela pareceu ficar magoada.
- Sei que não sou uma mulher que atrai os homens, mas...
- Tolinha... Acho também que é meu dever fazê-la ver que a vida não tem de ser estritamente racional. — A mão direita dele deslizou pelo braço dela, até alcançar a cintura. A esquerda subiu até a nuca e trouxe a cabeça de Elinore para mais perto.
- Elinore tremia.
- Chega! Solte-me já! A experiência acabou!
- Mas meus instintos masculinos incontroláveis tomaram conta de mim. Vê? — Giles trouxe a mão dela para seu baixo-ventre.

— O que é isto?

— A dura evidência do instinto masculino.

Giles não tinha certeza se Elinore havia se dado conta de que seus dedos se moviam, explorando. Ele fechou os olhos e tentou conter um gemido.

— Oh, é o seu... — Ela engoliu o restante do que ia dizer.

— Sim, é o que você está pensando. Portanto, o que fará a respeito, Elinore?

No mesmo instante, a mão dela subiu para o peito dele, numa tentativa inútil de afastá-lo.

— Não ouse! Eu estou armada!

— Sim, e perigosa. Então use seu alfinete.

Ele esperou um momento, mas nenhum alfinete surgiu. Elinore permaneceu imóvel, sem fôlego, vibrando de emoção e expectativa, na escuridão. Até que os lábios deles se encontraram.

— Amor? — Sebastian hesitou com a questão inesperada. — Não sei se amo ou não a srta. Hope, Giles. Nem mesmo sei se já amei, um dia.

— Acha que não? Mas você ama suas irmãs. Sebastian ponderou sobre a colocação do amigo.

— Isso é diferente. Elas são crianças, e é meu dever protegê-las

— Então por que não pagar alguém para cuidar delas? Isso resolveria o problema.

— Não é assim! Além do mais, as meninas são minha responsabilidade. Elas têm de saber que alguém se importa com elas, não por um salário, mas por vontade própria.

— Alguém que morreria por elas? Sebastian sentiu-se desconfortável.

— Faço o que for preciso pela segurança e pelo bem-estar de minhas irmãs.

— Isso é amor, meu amigo!

— Mas não é isso o que sinto pela srta. Hope. — No fundo Sebastian sabia que aquela não era a pura verdade.

Sabia também que sentia uma vontade imensa de levá-la para a cama e fazer amor com ela. Só de imaginar tal coisa ele já ficou louco de desejo.

— Para ser franco, estou confuso, Giles. Nunca senti algo assim, antes.

— Bem-vindo ao mundo real, meu amigo.

— Hope não sai de minha cabeça. Além do mais, não há como negar que poderia ser muito boa para as meninas.

Giles completou:

— E uma esposa também, Bas.

— Sei disso. Nunca desejei tanto uma mulher. Mas estou quase comprometido com lady Elinore.

Giles deu de ombros e serviu conhaque em dois copos.

— Ainda não fez o pedido, não é?

— Não, mas ela já notou que a estou cortejando. — Sebastian passou os dedos entre os cabelos. — Não sei se posso voltar atrás. Lady Elinore sempre me tratou com muito respeito. Não poderia desapontá-la, agora. Todos iriam rir da pobre lady Elinore.

— É possível. — Giles estendeu um copo para o amigo.

— Nenhuma mulher merece passar por isso. Depois, gosto dela. Elinore pode ser um tanto séria demais e formal, mas tem coração, e quer muito o bem daquelas meninas.

— Isso é verdade. Lady Elinore ficou falando por horas sobre o orfanato, ontem.

— Esqueci-me de lhe agradecer por tê-la acompanhado, meu amigo. Minha cabeça estava em outro lugar. Mas o que Elinore tanto falou, afinal?

— Discutimos sobre as teorias da mãe dela. — Giles sorriu. — Foi uma discussão fantástica!

— Acho que a mãe de milady devia ser uma excêntrica. A filha não é tão má, mas...

— Elinore não se parece nada com a mãe! Ela passou por muitas coisas, e merece nosso respeito.

Sebastian o olhava, confuso.

— Você está certo. Por isso pretendo cumprir com meu dever. — Sebastian esvaziou copo de um só gole.

— É por isso que vim ter esta conversa com você, Bas. Você acabou de confessar que não a ama. Portanto não é justo nem com ela nem com você levar essa história adiante.

— Já lhe disse que não sei nada sobre o amor. Mas se eu me casar com ela, juro que serei um bom marido, que a tratarei bem e serei fiel.

— Você nunca amou Thea, também, Bas. Apesar de ter sido um bom marido, tenho a nítida impressão de que vocês não eram felizes.

— Aquilo foi diferente. Eu era jovem e insensato. Pensei que Thea me queria, mas era o pai dela quem desejava a união. Era o futuro da tecelagem que estava em jogo. — Sebastian encolheu os ombros. — E no fim Thea queria mais do que eu podia dar.

Sebastian dera a Thea tudo que se achava a seu alcance: seu corpo, sua lealdade, seu carinho e sua proteção. Trabalhou muito para que ela tivesse tudo que queria. Mas não foi o suficiente.

— Lembre-se de que em seu primeiro casamento você não estava nem mesmo apaixonado por outra mulher. Portanto, imagina que agora seria diferente? Lady Elinore não deve estar se casando apenas por conveniência. Aquela mulher está clamando por...

Sebastian o encarou.

— O que ia dizendo?

Giles teve um acesso de tosse, de repente.

— Elinore clama por um colapso. Admita, não dever ser fácil conviver com uma dama que se esforça tanto para reprimir sua feminilidade e seus desejos. Acredite, Bas, você não conseguirá domar lady Elinore. Sua vida será horrivelmente racional. — Giles tomou um gole. — Ela parece ser uma criatura solitária, carente e vulnerável. E se ela for como Thea, exigindo demais de você?

— Creio que não poderia suportar isso de novo.

— Então está resolvido! Não pode se casar com lady Elinore, e uma vez que não lhe prometeu nada, você não deve nada. No entanto, tinha razão quando disse que não podia dispensá-la sem mais nem menos. Por isso, fique tranquilo, meu amigo. Eu o ajudarei.

— Você?

— Sim. E já tenho um plano. Sei que você combinou de levá-la à ópera. Pois bem, também irei e convidarei as irmãs Merridew.

— Isso me parece uma receita para o desastre, Giles.

— Confie em mim, Bas. Minha estratégia é ótima. Temos de aproximar as damas, encorajar a amizade delas. Quem sabe lady Elinore não aprende alguns traques com a srta. Hope de como se vestir melhor e ser mais feminina?

— E então?

— Então sairemos mais vezes juntos, você e o fantasminha cinza, eu e a srta. Hope. E aos poucos você irá transferindo suas atenções de uma dama para a outra.

— Deixando lady Elinore fazer papel de boba? Não gostei disso.

— Mas isso é porque não percebeu o brilhantismo de meu estratagema. Enquanto você se dedica a outra dama, eu estarei dando mais atenção a lady Elinore, para distraí-la.

Sebastian meneou a cabeça.

— Elinore se sentirá valorizada quando vir que dois homens lhe fazem a corte, e isso atrairá outros cavalheiros, curiosos de verificar o que ela tem de tão especial para ser cortejada por dois ao mesmo tempo.

- Será que dará certo?
- Confie em mim, Bas.

— Sossegue, sr. Reyne. Não estamos atrasados — lady Elinore assegurou ao descer a escada, num vestido de veludo cinza. — Ninguém chega no horário à ópera.

Não fazia sentido para Sebastian. Por que pagar tão caro e não assistir a todo o espetáculo?

— Na verdade, seremos malvistas se chegarmos cedo. Apesar de eu não me importar, pois detesto perder o começo da história. O senhor também?

Sebastian assentiu. Animou-se ao saber que teria uma história também, pois ele imaginara que na ópera só haveria música. A caminho, lady Elinore disse-lhe:

— Minha mãe não gostava de óperas. Considerava uma forma de arte vulgar. Sei que é, mas adoro música e aprecio Così. O senhor gosta de música, sr. Reyne?

Sebastian não tinha a menor idéia de quem era Così, e resolveu ser franco:

— Confesso que não sei nada sobre ópera. Esta é minha primeira vez, milady.

A confissão provou ser um erro, pois Elinore resolveu instruí-lo durante todo o trajeto até o teatro.

Quando entraram no camarote, as luzes da platéia já tinham diminuído e o espetáculo estava começando.

Vários camarotes continuavam vazios, e aos poucos as pessoas foram chegando. Sebastian reconheceu alguns cavalheiros e damas dos vários bailes a que fora no último mês. Lorde e lady Thorn entraram com um grupo grande num camarote bem diante do dele. Um de seus convidados era o conde Rimavska, usando uma capa preta brilhante com acabamento em vermelho.

Quase ninguém prestava muita atenção ao palco. A maioria acenava para conhecidos, olhava para a platéia com seus binóculos, ria e conversava. As damas vieram finamente vestidas, e quase todas se sentavam bem na frente, para que pudessem ver e serem vistas.

— Aqui está você! — Giles sorria largo. — Deve ter chegado muito cedo.

— Quietos! — Lady Elinore franziu o cenho. Giles achou graça.

— Como vai, sr. Reyne? — sussurrou a srta. Faith, que correu para a primeira fileira, acomodou-se numa cadeira, deixando outra vaga entre ela e lady Elinore, e concentrou-se no palco.

— Sr. Reyne? — Era a sra. Jenner, mais azeda do que nunca. Sebastian ficou nervoso, pois sabia quem seria a próxima. Hope entrou, muito sedutora em sua capa de veludo bordô. A cor forte realçava seus cachos dourados. Ela lhe deu um sorriso e murmurou:

— Boa noite, sr. Reyne.

— Posso apanhar sua capa, srta. Hope?

Ela inclinou a cabeça e se virou, permitindo que ele a tirasse e expusesse seus ombros.

O vestido era verde com detalhes em bordô ao redor do decote. Se Sebastian tivesse se inclinado um pouco mais teria beijado sua pele ali mesmo. A fragrância de seu perfume o provocava. Sua vontade era mergulhar naquele ombro cor de marfim e sentir-lhe a maciez.

Giles sorriu, malicioso, e sussurrou no ouvido do amigo:

— Sabia que você ia gostar da ópera, Bas.

— Sr. Bemerton! — lady Elinore reclamou. — O barulho está atrapalhando.

Enquanto isso, os demais tentavam se acomodar. A sra. Jenner olhou para o assento vago entre a srta. Faith e lady Elinore, e com um gesto sutil deixou claro que

Hope deveria ficar ali, ou seja, o mais distante possível do sr. Reyne. Mas quando Hope ia dar um passo à frente, Giles se adiantou e ocupou o lugar onde a senhorita ia se sentar.

Restou a Sebastian acomodarse no último assento livre, ao lado da sra. Hope.

Ela se virou e o brindou com um sorriso amoroso, na intimidade das sombras.

O efeito sobre a anatomia de Sebastian foi instantâneo. Fora contra aquilo que ele lutara nos últimos minutos, desde que a vira entrar. Procurou disfarçar. Estava sentado ao lado dela, e em público. Sua esperança era que a luz fraca não revelasse sua condição.

A saída foi olhar para outra direção, usando de todo o auto-controle.

Não foi suficiente. Era como se, ao permitir-se cortejar abertamente a srta. Hope, seu corpo tivesse decidido que o caminho estava aberto para a lua-de-mel.

Capítulo VIII

O sr. Reyne não parecia estar prestando muita atenção à ópera, na opinião de Hope. Ali, sentando a seu lado, ele se mostrava desconfortável como se algo o incomodasse. Hope se aproximou dele e murmurou:

— Alguém lhe contou a história? Sebastian teve um sobressalto.

— História? Ah. a ópera... Não.

— Bem... — Ela se recostou ainda mais, pousou a mão no ombro dele e começou a narrar-lhe todo o enredo.

— Em italiano! — Sebastian exclamou. Incomodada lady Elinore pediu silêncio, mais uma vez. Sebastian se calou, mas olhou para Hope espantado e indignado:

— Em italiano! Não era para menos que eu não estava entendendo nada!

Hope deu risada.

— Ninguém o avisou?

Ele fez que não. Então ambos se deram conta de que seus rostos estavam muito próximos. Assim, estacaram, olhos nos olhos.

Hope não saberia dizer por quanto tempo eles ficaram se olhando, enquanto a música gloriosa soava ao fundo, mas de alguma maneira teve a impressão de que algo importante fora dito, ainda que nenhuma palavra tivesse sido pronunciada.

As cortinas baixaram, e com elas uma tempestade de aplausos efusivos.

— Acabou?

— Bas, sabe muito bem que há um intervalo entre os atos. E essa é a melhor parte!

— Giles exclamou. — É a hora em que podemos falar. — Lançou um olhar cortante para lady Elinore.

— E visitar os outros camarotes, beber e comer algo. Enfim, ver e ser visto.

— Aquele não é o conde Rimavska, o famoso violinista? — Elinore quis saber.

Hope verificou e constatou que se tratava dele mesmo, trajando algo muito chamativo e acenando para o camarote deles. Bem mais especificamente para Faith.

— O conde parece ser tão romântico! — Lady Elinore deixou escapar um suspiro.

— Romântico?! — Giles indagou, cheio de indignação. O rosto pálido de lady Elinore se tingiu de vermelho.

— No sentido poético, eu quis dizer. Giles fitou o conde.

— Quem sabe com um pouco de sorte ele não cai daquele camarote e quebra o pescoço...

— Isso seria uma tragédia, pois o mundo perderia um grande talento — lady Elinore respondeu de impulso.

Giles resmungou, e os dois trocaram olhares flamejantes. Sebastian se levantou, dizendo:

— Pedi que trouxessem bebida no intervalo, e como até agora nada veio, acho que vou verificar o que há.

— Eu lhe faço companhia. Preciso de um pouco de ar fresco. — Giles afrouxou um pouco o colarinho.

Faith, que acenava para o músico, mal notou a saída dos dois.

— O conde está me chamando para se juntar a ele! Posso ir. sra. Jenner?

— Não vejo por que não, querida. Lady Thorn está lá, portanto não há nenhuma objeção. Vejo minha amiga Lucille no camarote ao lado. Hope, você vem conosco?

Ir com elas e não esperar a volta do sr. Reyne?

— Não, obrigada.

— Então permaneça ao lado de lady Elinore, mocinha. Estarei observando você — disse a sra. Jenner, aborrecida. — E quando eu retornar, nós trocaremos de lugar.

As duas saíram, deixando Hope e lady Elinore sozinhas no camarote. Desde a discussão no orfanato elas ainda não haviam se encontrado. Hope a procurara e enviara bilhetes, mas todas as suas tentativas foram infrutíferas.

O silêncio atingia proporções insuportáveis. Era preciso fazer algo, e Hope tomou a iniciativa:

— Lady Elinore, sei que a ofendi profundamente e me arrependo muito por isso. Por favor, aceite minhas desculpas. Eu não deveria ter falado de sua falecida mãe de maneira tão desrespeitosa.

Elinore não moveu um músculo e, quando Hope se indagava se ela a teria escutado ou não, a dama afirmou:

— Minha mãe não aprovava a música. Costumava dizer que ela serve tanto para acalmar uma fera selvagem como para instigar as paixões. A solução, no entender dela, era evitar a música.

— Nosso avô achava que era obra do diabo. Só tivemos contato com a música depois que chegamos a Londres, exceto pela pequena flauta de madeira de Faith, que minha irmã costumava tocar escondida dele. Nem mesmo os criados podiam assobiar.

Ambas se calaram. Com a diferença de que, dessa vez, não foi um momento desconfortável.

— Tento viver sob as regras de mamãe. Ela era uma mulher extraordinária, mas a música é uma das coisas de que não posso fugir.

— Não vejo por que deveria. Sua mãe criou todas aquelas regras para ela mesma. Não é justo que milady não possa fazer suas próprias escolhas. Eu, com certeza, pretendo fazer as minhas.

— É mesmo?

— Quando eu tinha dezesseis anos e ainda vivia sob o julgo de meu avô, prometi que chegaria o dia em que ninguém mais iria mandar em mim ou me manter cativa. E que aproveitaria cada momento de alegria que tivesse.

Lady Elinore a ouvia, fascinada.

— Meu avô era um homem mau, milady, e viver ao lado dele foi muito triste.

— Minha mãe não era má. Hope ficou embaraçada.

— Não, é claro que não. Nunca quis dizer isso.

— Eu sei. Mas você estava certa sobre tudo o que falou naquele dia. Ponderei muito a respeito. Mamãe era amarga, e tínhamos poucos momentos alegres juntas. Ela foi muito maltratada por meu pai.

— Sinto muito...

— Nunca o conheci. Eles viviam separados, e papai morreu quando eu ainda era pequena. O que foi uma sorte para mim, pois ele era um perdulário e, se não tivesse morrido, teria acabado com todo nosso dinheiro, e eu não teria mais nada para herdar. Não que considere o dinheiro uma dádiva; para mim é mais um desafio.

Ambas se calaram por minutos. Então lady Elinore voltou a falar:

— Sua irmã entrou no camarote de lady Thorn.

O conde fazia uma reverência para Faith e beijava a mão dela com gestos espalhafatosos. Seria mesmo possível que sua irmã estivesse apaixonada por aquele homem?

— Gostaria de conhecer o conde — Elinore admitiu. — Tentei ser apresentada a ele, no dia da apresentação na casa de lady Thorn, mas as mulheres o rodeavam de tal modo que foi impossível. Queria ter dito a ele o quanto gostei do concerto. Foi brilhante!

Aquelas palavras deram a Hope uma idéia:

— Vamos ao camarote de lady Thorn, então. Vou apresentá-la ao conde e proteger minha irmã das palavras lisonjeiras dele.

— Mas a sra. Jenner mandou que você ficasse aqui.

— Não. Ela disse para eu ficar ao lado da senhorita.

— Mas os cavalheiros já devem estar chegando com nossa bebida, e ficarão preocupados se não nos encontrarem.

— Tia Augusta costuma dizer que é bom que eles se preocupem um pouco conosco, pois não somos parte da decoração para sermos deixadas esperando. Somos damas independentes. Temos uma pequena oportunidade de nos divertir, lady Elinore. Portanto, vamos a ela. A menos que a milady prefira ficar aqui trocando farpas com o sr. Bemerton.

Lady Elinore se levantou no mesmo instante.

— Claro que não! Não suporto aquele homem.

Porém, ao depararem com a multidão que transitava ou conversava em grupos pelos corredores, lady Elinore hesitou:

— Tem certeza de que devemos, mesmo?

— A senhorita quer ou não conhecer o conde? Lady Elinore enrubesceu.

— Sim, eu quero, srta. Hope.

— Acho agora que somos parceiras na fuga, milady. Pode me chamar de Hope, apenas.

— Agradeço e digo mais: trate-me por Elinore, também. Hope entendeu que lady Elinore não estava acostumada a ter amigas. Ela olhou para a dama miúda, alguns anos mais velha e escondida sob aqueles trajes austeros.

— Acho que deveríamos nos tornar amigas, Elinore.

Lady Elinore a encarou por um momento e, então, para embaraço de Hope, os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Sim, é claro! — E Elinore estreitou Hope num forte abraço. Hope resolveu que teria de fazer algo por lady Elinore. Ela ainda não sabia direito o quê, mas iria descobrir.

— Vamos. — Hope a puxou pelo braço. — Você vai conhecer o músico.

Em meio à multidão, Hope viu Sebastian olhando na direção delas. Ele não as avistara ainda.

Devo chamá-lo ou fugir dele ?

Foi quando um cavalheiro a abordou, pressionando-a contra uma porta que Hope imaginou que dava para uma escada estreita e sem muita iluminação, de uso dos funcionários. O cavalheiro insistia, pedindo um beijo.

— Está perdida, belezinha? Para aonde vai com tanta pressa? Ora, o que custa um beijinho?

— Solte-me! — Hope tentava empurrá-lo.

Os amigos dele riam, ao redor. Com certeza estavam todos embriagados. O homem

caiu na gargalhada.

— Uma belezinha atrevida!

Por cima do ombro dele, Hope via Sebastian, que parecia estar à procura dela.

— Solte-me! — Hope pisou no pé do sujeito, que a soltou, xingando.

Ela escapou, mas logo constatou que só teria duas opções: entrar no corredor escuro ou esperar pela chegada de Sebastian.

— Venha por aqui! — lady Elinore a puxou pela mão. Hope confiou nela, e as duas adentraram o estreito corredor

Na escuridão, não demorou muito para que Hope comesse a sentir-se sufocada.

— Temos de sair daqui. Para que lado fica a escada?

— Não consigo enxergar nada, Hope! Acho que estamos num armário. Esbarrei numa vassoura e num balde.

— Meu Deus! — Hope se virou, tentando encontrar a maçaneta. Tinha de sair dali. Sua garganta estava seca.

Não havia maçaneta. Hope arranhava a porta, desesperada. A escuridão aumentou para ela, densa, opressiva. Ficava cada vez mais difícil respirar.

A voz de lady Elinore soava distante:

— Hope, você está bem?

Hope não era capaz de responder. Prestes a desmaiar, sentiu os braços de Elinore a seu redor.

— Calma, meu bem.

Hope sentia-se ainda mais presa. Seu coração martelava no peito e ameaçava explodir. Sua voz não saía, apesar de querer gritar por Faith.

De repente, uma luz. Abençoada luz! E ar. E ele. Não Faith. Ele. Hope não conseguia ver-lhe o rosto, pois sua visão estava turva. Mas ouviu seu chamado, à distância.

— Meu Deus, srta. Hope! O que aconteceu?!

Com os joelhos fracos, ela não tinha forças para se mover. Sebastian deu um passo adiante e a amparou, envolvendo-a num abraço protetor.

— Ela está prestes a perder os sentidos. Milady tem saís?

— Não, sr. Reyne, infelizmente. Uma mulher racional nunca desmaia. Minha mãe costumava dizer que desmaios costumam se dar com damas que estão com fome ou sufocadas pelo espartilho.

Sebastian se aborreceu.

— Talvez ela tenha contraído febre. Minha falecida mãe...

— Não acho que se trate disso — Sebastian a interrompeu. — O que faziam neste armário?

— Pensamos que atrás da porta havia uma escada que daria para o próximo andar, e, quando nos demos conta de nosso erro, a porta se fechara. Aí, descobrimos que não existia maçaneta.

— Foi quando ela ficou assim?

— Sim, eu acho.

— Hope não está doente. Já vi isso antes. Sei o que deve ser feito.

— É histeria? Mamãe recomendava um tapa forte.

— Ninguém baterá nela! Hope se encolheu.

— Ninguém irá machucá-la, srta. Hope. Está tudo bem. A senhorita já vai melhorar.

— Sebastian olhou para Giles: — Acompanhe lady Elinore de volta ao camarote e apanhe o casaco da srta. Hope. Ela está fria. Mande avisar a srta. Faith sobre o ocorrido. Ela deve saber que providência tomar. — Sebastian passou a dar ordens a todos os que os rodeavam: — Você, por favor: leve-me ao telhado do teatro pelo caminho mais curto. Você: vá procurar um médico. Acho que sei qual é o problema, mas se estiver enganado irei precisar de um profissional. Garçom, traga um conhaque. Agora, vamos!

— Agora, tente respirar devagar, srta. Hope. Isso. Continue respirando, num ritmo lento. Eu a estou levando para fora, onde tem ar puro.

Já dava para sentir. O medo de estar morrendo ia pouco a pouco se dissipando.

Junto com o ar, Hope inalava o aroma agradável da camisa dele: linho engomado, perfume masculino. O pânico cedeu um pouco. A tontura melhorou.

— Já posso andar, sr. Reyne. Coloque-me no chão, sim?

Sebastian hesitou por um momento. Então, com toda a gentileza, pôs Hope de pé. Ela deu um passo, seus joelhos bambearam e ela a ergueu nos braços outra vez.

— Continue respirando, senhorita. Devagar. Está passando, percebe?

Segura, ela relaxou contra o peito dele.

— Eu deveria ter ido com ela!

— Bas tem a situação sob controle, milady. Não há mais nada a fazer. A srta. Faith e a sra. Jenner já foram avisadas.

Elinore olhou para a escadaria que levava ao telhado.

— Mas Hope está sozinha com ele lá fora, sr. Benerton.

— Pois é disso que ela necessita: privacidade para se recuperar.

— Sim, seria mesmo desconfortável permanecer no meio dessa gente toda. Nesse caso, podemos retomar para o camarote?

Giles a segurou pelo braço.

— Não tão rápido, Elinore.

— Solte-me!

Sorrindo, ele disse, docemente:

— A srta. Hope pode precisar de milady. É melhor esperarmos aqui.

Elinore tornou a fitar a escada.

— Mas o senhor falou...

— Se após a recuperação ela retornar para o camarote acompanhada da senhorita, ninguém poderá dizer nada. Mas se voltar sozinha com Bas...

— Oh, é claro!

— Então, sendo assim, sentemo-nos aqui. Acho que teremos de esperar um bom tempo. — Giles tirou o pé de um degrau com seu lenço. — Há espaço para dois.

Elinore olhou para o degrau estreito.

— Acho melhor eu permanecer em pé. Giles deu de ombros e sentou-se.

— Elinore?

— Não dei liberdade para... Ai!

Giles a puxou para baixo, forçando-a a se acomodar.

— Sr. Bemerton, isso não está certo!

— Eu sei. Mas, dentro daquele armário, também não estava certo, e foi bom, não foi, Elinore?

Uma longa pausa se fez.

— Por que não usou o seu alfinete contra mim? Ela virou o rosto.

— Poderia usá-lo agora, se quisesse.

— Sr. Bemerton, por que está fazendo isso comigo? Não é possível que sinta algo por mim. Portanto, por que essa brincadeira?

— Elinore, não estou brincando com você, creia-me. — Giles a fez voltar-se e beijou-lhe os lábios trêmulos. — Você não tem idéia do que é possível e do que não é. — E a beijou de novo.

Elinore soltou um murmúrio. A mão dele moveu-se, acariciando-lhe as costas.

Hope admirava a silhueta de Londres, abaixo. Acima, o reflexo do luar emitia sua luz

envolvente. Sebastian ainda a abraçava, gentil.

Ela virou seu rosto pálido e determinado para ele. Sebastian estava preparado para lágrimas. Por isso Hope o surpreendeu.

— Peço-lhe desculpas. Sebastian engoliu em seco.

— Mas por quê?

— Pela cena que protagonizei no armário.

Um garçom trouxera a capa de Hope e o conhaque que Sebastian solicitara. Ele colocou uma dose e estendeu o copo a ela.

— Às vezes, somos dominados por nossos temores, não importa o quanto lutamos. Não há motivo para se envergonhar, senhorita. Agora, beba um pouco. Garanto que lhe fará bem.

Hope segurava o copo, ainda trêmula.

— Um armário! Que tipo de criatura teria medo de um simples armário? Eu nem estava sozinha. Lady Elinore deve me julgar uma desequilibrada!

— Quem se importa com o que lady Elinore pensa? Acalme-se e beba o conhaque.

Hope o encarou por um momento e, de repente, ela perguntou:

— O senhor dará uma ordem a Elinore para que não pense mal de mim?

— Não. Milady tem bom coração e irá entender.

— De fato, ela é ótima pessoa. Mas quem pode entender algo como fobia de armário?

Hope pousou o copo no balcão e olhou mais uma vez para a rua logo abaixo. Sua capa escorregou de um lado do ombro. Sebastian a cobriu, e depois suas mãos pousaram na altura da cintura delgada, amparando-a, oferecendo seu calor e sua força. Ela se recostou contra o peito largo, fitando, triste, os telhados das residências.

— Sabe, srta. Hope, certa ocasião conheci um homem, na tecelagem. Rueben Davy. Era robusto e valente. Eu o considerava o sujeito mais vigoroso do mundo.

Hope dava a impressão de não escutá-lo. A brisa soprava em seus cachos. Mas Sebastian continuou sua narrativa:

— Mas havia algo que Rueben não podia fazer: descer ao porão. Alguns achavam engraçado um camarada grande como ele ter medo do escuro. Um dia, os colegas prepararam uma armadilha. Cobriram a cabeça dele com um saco e o prenderam no porão. Foi uma brincadeira. Quando o encontraram, Rueben soluçava como um bebê, sufocado e sem ar, num estado de pânico tal que demorou horas para que se recuperasse.

Hope continuava parada como uma estátua, olhando o horizonte.

— Mais tarde, ele me contou que quando tinha apenas sete anos começou a trabalhar numa mina. Na época, não se importava com a escuridão, e trabalhou lá por dez anos. Um dia, no final do expediente, o túnel veio abaixo, e levaram cinco dias para tirar Rueben e seus amigos de lá. Muitos morreram, e ele achou que também iria morrer. Rueben nunca mais entrou numa mina desde então.

Uma carroça passou, barulhenta, lá embaixo.

— Quanto aos sujeitos da tecelagem que fizeram a brincadeira de mau gosto... Rueben deu uma surra neles. Um homem que merecia respeito aquele Rueben Davy... Apesar de ter pavor do escuro. Todos nós temos nossos medos.

Devagar, Sebastian a soltou. Quando Hope se virou, ele pôde ver seus olhos marejados.

— Obrigada, sr. Reyne.

Sebastian queria tanto beijá-la! Mas, em vez disso, pegou o copo e o encostou nos lábios dela.

— Beba. Vai queimar um pouco, mas você se sentirá melhor. Os lábios dela estavam secos, e Hope de fato experimentou um ardor descendo pela garganta, assim que tomou um gole. Fechou os olhos, estremeceu e disse, ao tornar a abri-los:

— Meu avô costumava me trancar dentro de um armarinho que ficava embaixo da escada. Nunca suportei ficar fechada, e ele sabia disso.

Sebastian já imaginara que a fobia dela pudesse ser proveniente de alguma situação parecida.

— Nunca mais vai acontecer, srta. Hope. Eu prometo. Nunca mais. — Ele lhe acariciava os cabelos. — Agora, tome outro gole.

Dessa vez, Hope não o obedeceu. Tocou-lhe a face com uma leveza desconcertante e olhou no fundo dos olhos dele.

— Beije-me, Sebastian. Eu preciso de você.

Sem conseguir resistir, ele se abaixou, e seus lábios se tocaram.

O beijo dele levou-a às profundezas, e Hope experimentou um sentimento ardente, implacável, incontrolável.

Desde a morte de seus pais, aquela era a primeira vez que Hope se sentia segura, protegida e desejada. O beijo de Sebastian era tudo com que havia sonhado, e agora ela queria voar nos braços dele, para um lugar onde só existisse amor.

De dentro do teatro, o som da música recomeçava. Era o segundo ato.

— Nós deveríamos retornar, senhorita. Você está melhor?

— Não. Quero ficar aqui com você. Quero ser sua.

Ela se recostou contra ele. Suas mãos subiram até a nuca de Sebastian, e seus dedos acariciaram os vastos e negros cabelos dele, puxando-lhe a cabeça para que as bocas se encontrassem para outro beijo.

Durante alguns segundos, Sebastian permitiu que Hope o beijasse e o explorasse. Então, com uma forte emoção se abateu sobre ele, que introduziu a língua entre os lábios dela, o que a fez gemer.

O sabor dele, as exigências constantes da língua de Sebastian fizeram o sangue dela ferver. Hope era incapaz de raciocinar ou reagir. Queria pertencer a ele, entregar-se completamente, sem reservas.

As mãos dele subiam e desciam pelo corpo dela, deixando rastros quentes de prazer. Sebastian roçou seus seios, e Hope se curvou, suspirando. Ele acariciava os seios dela mais e mais, e ela se esfregava nele como uma gata. Sebastian hesitou por um segundo:

— Posso?

Hope o olhou, confusa, sem saber o que ele queria, e apenas murmurava:

— Mais...

Outro beijo ardente e em seguida o laço que prendia o vestido dela se desfez, expondo seus ombros a luz do luar. Hope experimentou um arrepio, o sopro da brisa noturna batendo em seus seios. A princípio, insegura, ela assistia Sebastian afagando-lhe os seios.

— Um dia a vi usando um vestido amarelo com babados e, ao olhar para os babados do decote, imaginei que minhas mãos eram eles. Desde então, tenho sonhado com isso, mas nunca acreditei que meu sonho pudesse se tornar realidade.

— Sempre soube que o meu sonho podia.

— Você é tão linda! — Sebastian beijou-lhe os mamilos, levando-a à loucura.

— Sebastian!

Ele tornou a beijar-lhe a boca. Não era mais um beijo gentil, mas sim ardente de luxúria. Ambos queimavam de desejo e excitação. Ambos voavam cada vez mais alto.

Quando um ruído estranho ressoou na noite, Hope se assustou.

— O que foi isso? — Ela arregalou os olhos.

Sebastian demorou um pouco para voltar à realidade e, quando abriu os olhos, parecia desolado.

— Desculpe-me. Eu não deveria... — Sebastian pôs-se a arrumar a roupa dela, amarrando as fitas, desajeitado. — Aproveitei-me de seu estado emocional. Perdão. Não

deveria ter feito tal coisa.

Hope não sabia o que dizer, incapaz de entender o significado daquilo. Num momento, ela estava à beira de algo nunca experimentado... e, no seguinte, os fatos lhe eram expostos à força.

Sebastian terminou de amarrar os laços.

Outra vez o mesmo estranho ruído. Hope estremeceu.

— Que barulho foi esse? Sebastian suspirou pesado.

— Gatos.

— Ah, é? Pois aquilo não me pareceu um miado,

— Devem ser gatos no telhado.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Nunca ouvi um gato miando daquele jeito. Parece mais que alguém sendo torturado.

— Ninguém está sendo torturado, senhorita.

— Mas assemelhou-se a um gemido de dor. Sebastian resmungou algo que ela não pôde entender.

— O que disse, Sebastian?

— Garanto que eles estão bem, senhorita. Agora, é hora de voltarmos para o camarote.

Quando se aproximavam da porta, o tal ruído se fez ouvir outra vez.

Hope estacou, preocupada.

— Como sabe que os gatos estão bem? Tenho a impressão de que estão sentindo uma dor profunda.

Sebastian cerrou as pálpebras, respirou fundo e respondeu:

— Eles estão copulando.

Hope tapou a boca, surpresa. Então compreendeu por que ele ficara tão embaraçado.

Sebastian estava sério, e ela preferiu não dizer mais nada. Assim, deixou-se conduzir pela escadaria que levaria de volta ao interior do teatro. Quando, por brincadeira, Hope deixou escapar um pequeno miado, Sebastian parou no mesmo instante.

— Srta. Hope, está tudo bem com você? — Ele tentava enxergar o rosto dela nas sombras. — Desculpe-me, sei que não deveria ter feito o que fiz. Perdi a cabeça...

Novamente o ruído, e dessa vez não era ela.

— Gatos miseráveis! — Sebastian explodiu.

— Concorde. — Ela deu risada. Incrédulo, ele a encarou.

— Está achando graça?

— Ora, Sebastian, admita! É engraçado! Nós estávamos ali, eles estavam lá... e...

Outro miado.

Hope riu outra vez, mas ao deparar com a expressão sisuda dele, controlou-se.

— Não fique assim, Sebastian. Não me arrependerei de nada do que houve. Esta noite foi mágica. Obrigada por me salvar de meu inferno pessoal e por me conduzir ao caminho do céu. Não fomos até o fim, mas quem sabe?

Sebastian a fitava, mudo; seu rosto, sóbrio e austero; nenhum músculo se movia. Ainda sem dizer nada, ele a abraçou por um longo tempo e em seguida a beijou.

— Prometo que chegaremos lá, Hope.

Encontraram Giles e Elinore sentados ao pé da escadaria, lado a lado, em silêncio.

— Como a senhorita está? — Elinore perguntou, assustada.

— Estou bem, minha querida, e foi muita gentileza sua esperar por mim num lugar tão desconfortável. Obrigada.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — Sebastian quis saber.

— Cuidando de sua reputação, Bas. A sra. Jenner e a srta. Faith surgiram como

uma tempestade à procura da srta. Hope, mas expliquei a elas que lady Elinore e eu iríamos nos juntar a vocês dois se fosse preciso. A srta. Faith. então, convenceu a acompanhante a voltar para o camarote.

— Que bom! Minha irmã sabe que não suporto os ataques da sra. Jenner. — Hope trocou olhares com Sebastian. — Não que tenha havido nada de impróprio no telhado. — Seu rostinho corou.

Giles arqueou uma sobrancelha.

— É claro que não. Nem é de minha conta.

Lady Elinore ficou sem graça.

— As pessoas vão comentar. Já estamos ausentes há mais de vinte minutos.

— Perdão, lady Elinore. Sei o quanto milady apreciava a ópera...

— Não tem problema — Giles interrompeu Hope. — Milady e eu aproveitamos o tempo para nos conhecermos melhor.

Lady Elinore, quase roxa, retornou com os três para o camarote.

— Qual foi a sensação, irmã? — Faith arrumava a cama para dormir.

Hope se virou, assustada e embaraçada.

— O quê?

Mas Faith vestia a camisola e não testemunhou o rubor da irmã.

— Está apaixonada pelo sr. Reyne, não está? Hope gaguejou frases incoerentes.

— Sei que permitiu que ele a beijasse. Senti isso quando você voltou ao camarote.

— Faith suspirou. — Oh, Hope, está brilhando como uma estrela, tão bela, tão feliz! Isso só pode ser amor. Exatamente como mamãe prometeu que um dia iria acontecer.

Hope abraçou a irmã com imensa ternura.

— Sim. Eu o amo! — Era a primeira vez que Hope assumia seus sentimentos em voz alta. — Faith, eu amo Sebastian!

— De verdade?

— Sim, de verdade.

— Será que ele é mesmo o homem de seu sonho?

— Não sei e não me importo. O sonho não faz mais diferença. Eu o amo, ora bolas!

— Como pode dizer que o sonho não importa mais? Ele tem de ser verdadeiro. — Faith franziu o cenho.

Hope meneou a cabeça. Nunca iria se esquecer da sensação mágica de valsar à luz do luar nos braços do homem de seu sonho, mas seu grande, rude e querido Sebastian jamais valsaria daquela maneira, como se os movimentos dos dois fossem um só.

— Foi apenas um sonho, Faith. Mas Sebastian é de verdade. Maravilhosamente real; e nosso amor é verdadeiro.

— Ele se declarou? Disse as palavras?

— Ainda não. Mas ele dirá! Faith ficou pensativa.

— Acho que também estou apaixonada pelo conde Rimavska.

— Sério, irmã?!

Faith sorriu.

— Não sei... Acho que sim. Ele me fascina. Quando estamos juntos, me sinto enfeitiçada. Como se estivesse à beira de algo terrível, como um precipício, mas ao mesmo tempo sinto vontade de me atirar nele.

Hope entendia muito bem. Experimentara o mesmo nos braços de Sebastian.

Faith olhou para a irmã.

— Não é fantástico? Durante todos esses anos sonhamos em nos apaixonar, e agora, enfim, o amor chegou para nós duas ao mesmo tempo.

— Pelo menos o seu é rico e tem um título. Deus sabe o que tio Oswald irá dizer

quando eu contar que quero me casar com Sebastian.

Faith gargalhou:

— Sei muito bem o que ele dirá. — Ela imitou a voz do tio: — É uma pena desperdiçar um diamante como você quando ainda há tantos outros candidatos a rondá-la!

Capítulo IX

A primeira coisa que Sebastian fez pela manhã foi procurar lady Elinore. Ele sentia que devia explicações à lady por não tê-la tratado com o devido cuidado, na noite anterior.

A própria Elinore abriu a porta e o convidou para entrar e tomar um chá que ela mesma foi buscar.

O remorso atormentava Sebastian. Não fora correto com Elinore. Mas estava decidido, e não prolongaria mais seu erro. Assim que ela voltou com o chá, Sebastian iniciou:

— Lady Elinore, peço desculpa pelo aborrecimento, mas... Ela o interrompeu, tocando-lhe o braço.

— Não há necessidade de se desculpar, sr. Reyne. Já sei o que o senhor tem para me dizer. Está apaixonado pela srta. Hope, não é mesmo?

Sebastian assentiu.

— Fico feliz. Há algumas semanas nossa união teria sido muito conveniente, mas não passaria disso.

Ele se espantou. O encontro tomava um rumo inesperado.

— Isso quer dizer que agora a senhorita espera mais de um casamento?

— Sim, sr. Reyne. Passei a esperar muito mais de uma união. Ele beijou a mão dela.

— Fico muito feliz, lady Elinore. Milady merece. Podemos continuar amigos?

— Sim, é claro! Ainda nos encontraremos muito. — Elinore sorriu. — A srta. Hope e eu nos tornamos amigas, e a tenho visto com muita frequência com lady Augusta Montigua Del Fuego. Ela resolveu se tornar uma de nossas voluntárias, no orfanato.

— Lady Augusta?! — Sebastian não podia acreditar nas novas amigas de lady Elinore.

— Sim. Lady Augusta é uma pessoa muito gentil, gosta muito de crianças e tem me ensinado tanto sobre a vida...

— Que maravilha!

No retorno para casa, ocorreu a Sebastian que havia algo de diferente em lady Elinore. Talvez no olhar dela. Então, meneou a cabeça. Afinal, o que entendia sobre as mulheres? Além do mais, só havia uma que realmente lhe interessava: a srta. Hope Merridew.

— Não tem nenhum patinho... — Cassie reclamou.

— Alguns dias atrás havia — Sebastian disse. — Tente do outro lado. Você viu

algum, Dorie?

A pequena fez que não e se juntou à irmã, na busca pelos patos.

— Acho que será bom para eles não encontrarem você hoje, Cassie — Sebastian brincou.

A menina respondeu com uma careta, que logo se transformou num sorriso. Cassie mudara; não era mais a garota hostil de antes.

Dorie, por outro lado, não progredira muito, pois continuava escondendo pedaços de pão nos bolsos e ainda ficava nervosa e agitada quando se via cercada de estranhos. Pelo menos agora já recorria a Sebastian ou a Hope, em vez de correr para Cassie apenas.

Sebastian recebera um bilhete de Hope, informando que ela cavalgaria com as irmãs no parque, naquela manhã. A oportunidade de levar Cassie e Dorie para a atividade atraiu Sebastian, pois seu sonho era cavalgar livre pelos campos com sua família, incluindo sua futura esposa.

Hope com certeza conseguiria convencer Dorie e Cassie, ele sabia. Ela poderia convencer qualquer um.

A idéia de se casar com a srta. Hope não saía mais da cabeça de Sebastian, e ele mal podia crer que aquilo fosse mesmo possível. O pedido ainda não fora feito. Mas após a noite da ópera ele sabia que não poderia se casar com nenhuma outra mulher.

De repente, lembrou-se de consultar o relógio de bolso. Onze horas; no bilhete, Hope informava que chegaria por volta das onze.

— Meninas, temos de ir. Os patos já comeram muito.

Dorie ficou triste, mas Sebastian explicou que a mamãe dos patinhos já estava cansada e que também queria ir embora. Funcionou, e os três saíram conversando e rindo.

Para alegria das meninas, Sebastian quis saber se elas não gostariam de ter um animalzinho de estimação. A experiência seria positiva para as duas, pois aprenderiam a amar e cuidar do ser amado.

— Nunca tivemos um animal de estimação — Cassie confidenciou. — Dorie gosta de treinar ratos.

— Ela consegue?

Isso explicava o aumento de ratos, sem mencionar os pães escondidos no bolso da menina.

— Um dia achamos um gatinho, mas Albert o matou afogado.

— Albert? — Sebastian valorizava cada pequena informação sobre a vida delas. Devagar, estava juntando os pedaços, e um dia tudo seria esclarecido.

— O irmão mais novo de mamãe. Ele era muito mau. — Cassie se arrependeu do que dissera.

— Você nunca o mencionou antes.

— Ele só veio morar conosco depois que o outro irmão dela morreu. Um pouco antes de mamãe morrer também.

Dorie pegou a mão de Sebastian e a segurou com força. Estavam entrando numa área do parque que costumava ter um movimento maior de gente circulando.

— Olhem! Lá estão as irmãs Merridew! — Cassie exclamou. — As três seguem a cavalo.

Sebastian foi na direção para onde Cassie apontava e sentiu o coração batendo mais forte ao ver sua amada num belo vestido azul com um chapeuzinho alinhado sobre os cachos. Logo que o avistou, Hope o saudou com um sorriso tão belo que foi um verdadeiro presente para Sebastian.

— Grace monta muito bem, não é? — Sebastian comentou com suas irmãs.

Cassie fez que sim.

Sebastian percebia que, embora Grace e Cassie fossem muito amigas, havia entre

as duas uma pequena rivalidade.

— Ela domina muito bem o cavalo. Não que isso a interesse, pois você falou que não tem vontade de montar um cavalo bobo. Não é mesmo, Cassie?

A garota o fitou de soslaio e continuou calada.

As irmãs Merridew se aproximaram e trocaram cumprimentos.

Hope indagou de imediato:

— Cassie, o que achou da nova roupa de montaria de Grace? Acho que é bem bonita, não é? Mas Grace ficou brava porque queria que fosse de veludo.

Sebastian entendeu a tática. Cassie tinha uma paixão oculta por roupas.

Faith completou a fala da irmã:

— Grace é muito nova para usar veludo.

— Dá para perceber que é uma lã muito delicada — observou Sebastian.

— Sim, e ela fica muito bem de verde. Qual é a cor de sua roupa de montaria, Cassie? — Hope a olhava com inocência.

— Não tenho uma.

— Não?! — Grace se mostrou surpresa. — Então o que usa para montar?

Cassie não disse nada, e Sebastian respondeu por ela:

— Minha irmã não tem uma roupa de montaria porque... —

Cassie o encarou, desesperada. — ...porque ainda não ficou pronta.

— Que cor você escolheu, Cassie? Vermelho-escuro com botões dourados?

— Sim. — Cassie lançou um olhar agradecido. Mas, em seguida, dirigindo-se a Hope, admitiu. — Eu nunca montei num cavalo.

— Gostaria de sentar-se aqui para experimentar? — Hope ofereceu. — Seu irmão pode erguê-la.

Cassie hesitou um pouco, mas quando Sebastian pôs as mãos em volta de sua cintura, ela deu o impulso necessário para subir. Ficou um pouco apertado na sela para mulher, e Cassie pareceu um pouco nervosa.

— Vamos fazer um pequeno passeio.

E antes que Cassie pudesse dizer não, o animal já estava em movimento.

Embora tensa, Cassie ouvia atenta o que a srta. Hope lhe explicava. Grace cavalgava ao lado delas, conversando, animada.

— Quer vir também, Dorie? — Faith convidou. Dorie fez que não.

— Ali perto da fonte tem um menino com uma cesta cheia de filhotinhos de cachorro. Não quer ver? — Faith insistiu.

Dorie olhou para Sebastian e concordou.

— Eu a levo, então. Com licença, srta. Faith.

Sebastian levou Dorie até o local onde o menino se encontrava. Ao redor dele, vários adultos e crianças olhavam curiosos para os filhotes. De início, Dorie não avançou, mas assim que viu os cãesinhos, esqueceu-se dos próprios temores e entrou no meio do agitado grupo.

Os cachorrinhos estavam à venda, e Dorie admirava, perplexa, os animaizinhos que brincavam dentro do cesto.

— Sebastian, olhe para mim!

Ele se virou e viu Cassie passando, orgulhosa, com a srta. Hope.

— Estou cavalgando! Sebastian sorriu.

— O que vocês estão vendo aí?

— Filhotes!

— Ah, posso ver, posso?! Posso descer, srta. Hope, por favor?!

— Eu a pego. — Sebastian falou para Dorie: — Querida, só vou ajudar sua irmã a apear e já volto.

Dorie nem deu atenção ao aviso do irmão.

— Adorei o passeio! — Cassie exultava. — Mal posso esperar para começar minhas

aulas de equitação. Onde está Dorie?

— Ficou vendo os filhotes. Acho que escolherá um.

— Quero ver. — E Cassie saiu correndo. Sebastian a deteve.

— Primeiro agradeça à srta. Hope.

— Obrigada, srta. Hope. — Cassie fez uma cortesia e saiu em disparada.

Sebastian meneou a cabeça.

— Achei que ia comprar apenas um filhote. Agora temo que será mais de um.

— Ótima idéia! — Hope sorriu. Ele tomou-lhe a mão.

— Você é linda. Não consigo esquecer a noite de ontem. Foi... Cassie voltou correndo e chacoalhou o braço dele.

— Ela não está lá! — A menina disse, angustiada. — Era para você tomar conta dela!

Sebastian olhou para o grupo de pessoas que rodeavam os cãesinhos.

— Tem certeza, Cassie?

— Sim!

— Meu Deus! Hope, pode vê-la daí de cima?

Logo, Hope apontou, quase gritando:

— Ali! Alguém a pegou. — Hope não perdeu tempo e saiu a galope.

Sebastian a seguiu. À distância, pôde ver um homem correndo com a menina se debatendo em seus braços. A visão aumentou ainda mais sua velocidade.

Hope, que perseguiu o sujeito, a cavalo, chegou na frente e cercou o sujeito. Mas o estranho se esquivou com um impulso e acabou deixando Dorie cair. A garota, assustada, passou a correr sem direção. Os portões do parque se encontravam logo adiante. Se no pânico Dorie os ultrapassasse, alcançaria a rua, o que dificultaria ainda mais as coisas.

— Dorie, Dorie, estou aqui! — Sebastian gritou, mas ela não ouviu.

Seu raptor a perseguiu, aos berros:

— Volte aqui, sua ratinha, ou vou matá-la! A você e sua irmã! — O sujeito, que brandia uma faca, repetiu a ameaça.

Minha irmã? Ele sabe que eu tenho uma irmã?

Dorie vacilou, e o coração de Sebastian quase parou. Se o raptor a pegasse naquele momento, poderia usá-la como refém; ou matá-la ali mesmo.

— Corra, Dorie! Eu pego o miserável!

Dessa vez ela escutou Sebastian, e voltou a correr. Mas sua hesitação fez com que o homem chegasse a poucos passos dela e ganhando velocidade. Foi quando Hope se aproximou por detrás, dizendo:

— Dorie, erga as mãos, eu vou pegá-la!

Para horror de Sebastian, Hope se pendurara na sela para apanhar Dorie do chão, exatamente como fizera com o graveto, no outro dia.

A ousada amazona se aproximou de Dorie e num piscar de olhos a menina foi parar em cima da montaria, agarrando-se a Hope como um macaquinho assustado.

— Eu a peguei, Sebastian! — Hope gritou, triunfante.

O raptor continuava em desabalada carreira, porém Sebastian o alcançou e derrubou-o com o ataque. Ambos rolaram no solo. O estranho levantou-se, cambaleante, xingando muito e brandindo a faca.

— Venha, riquinho, quero ver a cor de seu sangue! — E se aproximou de Sebastian com a nítida intenção de feri-lo.

Mas Sebastian aprendera a se defender nas ruas em seus tempos de operário. Assim, movimentou-se de um lado para o outro até enganar o sujeito e desarmá-lo. O bandido viu sua arma caindo longe, e Sebastian se aproveitou para avançar, passando a desferir vários socos nele até que caísse desacordado.

De repente, algo inusitado aconteceu.

— Sebastian! — Era Dorie quem o chamava.

Emocionado, ele se aproximou.

— Você está bem, Dorie?

A menina fez que sim, ainda agarrada ao pescoço de Hope, mas parecia feliz ali em cima do cavalo. Sebastian fitou o homem no chão, que nem se mexia. Os policiais do parque tinham sido avisados, e chegavam para assumir o controle da situação.

Em seguida, Cassie e as irmãs Merridew vieram ter com eles.

Sebastian olhou para Cassie, que encarava o sujeito inconsciente.

— Foi muito esperta em avisar os guardas, Cassie. Obrigado. Você e sua irmã são muito corajosas.

Cassie se mostrava aliviada, apesar da expressão aturdida que ainda tinha estampada no rostinho.

— Sabe o nome dele, Cassie? — Sebastian perguntou, com muita calma.

A garota arregalou os olhos.

— Está tudo bem. Só conte para nós se ele é o irmão da viúva Morgan.

— Como adivinhou, Sebastian?!

— Você se esqueceu de que eu a conheci. Ele é muito parecido com a irmã.

— O nome dele é Albert Watts. Mas o que queria com Dorie eu não sei, pois Albert nunca gostou de nós. Foi ele quem nos trouxe para Londres e...

— Aqui não! Desculpe-me, meu bem, mas vamos falar sobre isso em casa. — Aquilo confirmou as piores suspeitas de Sebastian.

Ele se aproximou de Hope e Dorie, que no mesmo instante se atirou no colo do irmão.

— Acho melhor eu ir embora.

— Não, Hope. Venha conosco. Por favor. Preciso tanto de você!

Nos braços dele, Dorie se mexeu e, com um olhar súplice, estendeu a mão para Hope.

— Muito bem, acompanho vocês. Faith, Grace... não se importam?

As duas balançaram a cabeça.

— James, você leva meu cavalo?

— Pois não, senhorita.

Hope apeou, entregou as rédeas ao criado e se foi com Sebastian e suas irmãs.

— Agora, Dorie, conte-nos o que significou aquele incidente no parque.

Estavam todos sentados na confortável sala de estar da mansão de Sebastian. As meninas bebiam chocolate quente, e ele e a srta. Hope, chá.

— Dorie, você está falando?! Isso é maravilhoso! — Cassie abraçou a irmãzinha.

Sebastian continuou:

— Como ele conseguiu pegá-la com todas aquelas pessoas ao redor?

— Ele não me obrigou. — A voz de Dorie soava doce e suave.

— Quer dizer que foi por vontade própria, meu anjo? Ela mordeu o lábio e assentiu.

— Mas por quê?

— Albert se aproximou e me cutucou com uma faca. — Dorie suspirou. — Disse a meu ouvido que se eu não ficasse quieta iria me matar ali mesmo.

Sebastian a sentou em seu colo.

— Você foi muito valente, querida. E fez a coisa certa, — Hope sorriu-lhe.

Dorie olhou para ela e em seguida para Sebastian.

— Sim, meu bem, você fez a coisa certa.

— Mas não entendo por que ele queria levar Dorie. — Cassie franziu as sobrancelhas.

Sebastian incitou Dorie para que prosseguisse:

— Dorie, você sabe de algo sobre Albert, não é? Algo que Cassie ignora.

— Sim.

— Pode falar agora. Ele foi preso, e nunca mais sairá da prisão.

— Ele matou nossa mãe — a menina sussurrou. Sebastian a estreitou junto a si.

— Você viu Albert fazendo isso?

— Mamãe lutava e esperneava... mas Albert a prendia pelo pescoço, empurrando e empurrando... Então ela ficou quieta. Tive tanto medo! Não me mexi. Albert arrumou o travesseiro embaixo da cabeça dela. Foi então que me viu. Eu segurava uma xícara de chá, que caiu.

— O que houve depois?

— Tentei fugir, mas meu tio me bateu e me empurrou escada abaixo.

— Eu me lembro — Cassie a interrompeu. — Ouvi algo se quebrando e corri para ver o que era: a xícara de chá. Dorie estava lá embaixo e tinha machucado a cabeça. Ela sangrava. Havia sangue por todo lado, e minha irmã ficou acamada por alguns dias. E quando acordou de novo, não conseguia falar. Tio Albert disse que foi por causa da queda. Não me lembrava mais disso...

Hope lhe fez um carinho.

— Com a morte de sua mãe você deve ter ficado muito traumatizada, por isso se esqueceu de tudo.

Dorie retomou a narrativa:

— Tio Albert me disse que se eu contasse para alguém ele me mataria, e a Cassie também. Por isso nunca contei nada.

Sebastian experimentava um misto de angústia e alívio. Durante todo aquele tempo sua irmã levou as palavras daquele assassino ao pé da letra e simplesmente não falou mais.

— Acho que ele matou tio Eddie, também.

— Tio Eddie? — Sebastian indagou.

— O outro irmão de mamãe. Ele era o mais velho, o dono da estalagem — Cassie explicou. — Após sua morte, a estalagem ficou com mamãe, e depois que ela morreu...

— ...tio Albert ficou com tudo. — Dorie se arrepiou. Então Sebastian descobriu o porquê de as meninas o terem rejeitado desde o princípio. Aprenderam da pior maneira a não confiar nos homens.

— Por quanto tempo ainda ficaram na estalagem, Cassie?

— Mais de um ano. Mas tio Albert não era bom com dinheiro. Foi por isso que continuou conosco. Não gostava de nós, mas eu sou boa com números, e Dorie sabe cozinhar. Nós duas cuidávamos da estalagem para ele. Foi então que comecei a carregar minha faca.

Sebastian tentou conter a ira.

— Minhas irmãs não são fantásticas, srta. Hope? Foram muito corajosas.

Hope tornou a sorrir.

— Acho que todos os membros da família Reyne são muito corajosos.

Havia um nó na garganta dele que o impedia de continuar falando.

— Fomos embora quando tio Albert chegou dizendo que estava arruinado e teria de vender tudo, até mesmo a estalagem. Foi o que ele fez. Então...

Dorie cutucou a irmã, e Cassie se calou. Houve um longo momento de silêncio e troca de olhares entre as irmãs.

— Talvez você não queira ouvir para onde fomos depois. Disseram que não deveríamos revelar para ninguém.

Oh, Deus, não! Quando Morton Black disse a Sebastian onde as meninas tinham estado antes de serem levadas para o orfanato, ele ficou tão chocado que nunca mais quis se lembrar daquilo. E não suportaria ouvir a verdade daqueles lábios inocentes. Pondo-se de pé, quase socou a parede.

— Você está certa, Cassie. Já nos contou o bastante.

— Eu gostaria de escutar.

— Elas estão cansadas, Hope.

— Mas ainda não terminaram a história.

— Você não sabe o que pede! — Sebastian ficou desesperado. Hope o olhou no fundo dos olhos.

— Posso falar-lhe em particular?

— Certo. — Sebastian a conduziu para a sala ao lado. — Você não sabe o que está pedindo. Elas, sim. Eu também. O que nos disseram já é o suficiente.

— Posso perceber que deve ser algo muito ruim, mas elas lhe contaram o que aconteceu?

— Não é preciso. Sei de tudo. Meu administrador, Morton Black, fez um relatório completo quando as encontrou. Por alguma razão ele pensou que eu não iria querê-las de volta depois que...

Hope esboçou sorriso terno.

— Ele não o conhece bem, meu amor. Sebastian a abraçou com força.

— Pode adivinhar?

Ela deu um passo para trás, segurando as duas mãos dele.

— Sebastian, você deve permitir que as meninas nos contem. Não importa o quanto seja ruim ou doloroso. Aquelas crianças têm de pôr tudo para fora para conseguir se reerguer.

Sebastian ponderou por instantes.

— Não posso. — E se deixou cair numa cadeira. — Eu não suportaria. Não faz bem remexer as feridas do passado. É melhor deixar como está.

Hope se ajoelhou e puxou a cabeça dele contra o peito.

— Não, meu amor. Se fizer isso, apenas irá infectar ainda mais suas feridas e as delas; e uma nuvem maior continuará pairando entre vocês. Tem de ouvir delas e amá-las com todas suas as forças.

— Não imagina como me sinto, Hope. É como se, ao escutá-las dizendo, a responsabilidade recaísse sobre mim de novo. Sei que foi tudo minha culpa!

— Você tinha a mesma idade de Cassie quando suas irmãs sumiram, Sebastian! Precisa se perdoar, meu amor. Todos já o perdoaram.

— Talvez. Mas não suportaria ouvir os detalhes. Elas são minhas irmãs. Crianças!

Hope acariciou o rosto dele e o beijou na testa.

— Então, fique aqui. Eu ouvirei por você, pois aquelas meninas têm de desabafar. Eu o aviso quando terminar.

Hope tinha dado apenas dois passos na direção da porta quando Sebastian decidiu:

— Não, eu irei também. — Sebastian se encheu de coragem. — Você é mais forte do que eu imaginava, minha querida.

Ele ofereceu o braço a Hope, e os dois retornaram à presença das meninas.

— Conte-nos, Cassie. A srta. Hope me convenceu de que devemos esclarecer tudo entre nós. Saiba que o que disser, querida, não irá mudar em nada meu amor por vocês.

Hope se sentou entre as garotas, segurando as mãos delas.

— Eu já amo vocês duas como se fossem minhas irmãs. E fiquem tranquilas; o que for dito não sairá daqui, eu prometo.

Cassie respirou fundo.

— Tio Albert não vendeu apenas a estalagem. — Dorie baixou os olhos. — Ele nos vendeu também.

Aquilo foi como um soco no peito. Sebastian sabia fazia meses, mas ouvir delas era muito mais doloroso do que pudera imaginar. Cassie continuou:

— Titio nos trouxe para Londres dizendo que ia arrumar emprego para nós.

— Mas nos vendeu para uma mulher que era dona de um bordel.

A naturalidade de Dorie foi tão chocante que Sebastian teve de despender um esforço tremendo para não se levantar e sair correndo.

— Tentamos fugir, mas tia Sadie trouxe dois homens com ela, que nos seguraram.

— Eles nos levaram para o bordel e nos deram um banho. — Dorie fitou a irmã. — Foi então que viram a faca de Cassie e a tiraram dela. Mais tarde Cassie a tomou de volta. Então nos fizeram vestir umas roupas horríveis e nos trancaram num quarto no sótão que era muito alto e tinha uma pequena janela de onde dava para ver todos os telhados da cidade. Tenho medo de altura, mas até que era bom ver o céu de lá de cima.

Sebastian passou a mão trêmula pelo rosto.

— Mas Cassie gosta de altura. Foi então que ela teve a idéia. — Dorie sorriu para ela.

Sebastian esperava, tenso.

— Que idéia?

— Eu saí pela janelinha e subi até o telhado. Estava escorregadio, mas tirei o sapato. — Cassie piscou para Sebastian. — Você já me viu no telhado.

Ele tentou sorrir, mas não foi capaz.

— Fui até o topo e me sentei com uma perna para cada lado.

— O que houve depois? — Hope quis saber.

— Comecei a jogar telhas na rua. Elas se quebravam quando atingiam o solo e fazia muito barulho. Todos começaram a olhar para cima; aí eu gritei o mais alto que pude, dizendo que minha irmã e eu havíamos sido roubadas e vendidas para um bordel, e se alguém podia nos ajudar, porque queríamos sair dali. Hope achou graça da ousadia.

— E gritei e continuei atirando as telhas no chão, até que tia Sadie pôs a cabeça na janela e me mandou entrar; e dizia para as pessoas que tudo o que eu estava dizendo não passava de uma brincadeira.

— Mas Cassie gritou de volta, afirmando ser tudo verdade, e que ela não queria ficar naquele bordel horrível! — Dorie não escondia a admiração pela irmã.

— Quando eu começava a ficar sem telhas para jogar, uma multidão já se formara. As pessoas derrubaram a porta da casa e entraram no sótão. Alguns homens levaram tia Sadie para a polícia e depois me disseram para descer do telhado. E eu descii! — Cassie terminou, triunfante.

Sebastian, estupefato, fitava suas irmãzinhas.

— Vocês duas são incríveis! — E as apertou de encontro ao peito.

Elas quase foram forçadas à prostituição infantil! Suas queridas irmãs não haviam sido raptadas e violentadas, como imaginara. O pior não acontecera. Sebastian pensava que a faca de Cassie e a mudez de Dorie fossem resultantes da terrível experiência delas no bordel. Aquilo o torturara durante meses.

— O que aconteceu depois? — Hope perguntou.

Foi Cassie quem respondeu, pois ainda não tinha perdido o costume de responder pelas duas:

— Fomos levadas para o juizado de menores, e eu lhes contei tudo. Disseram-nos que tia Sadie iria para a prisão e que eles iriam procurar por tio Albert.

— Então eles descobriam que não tínhamos família e nos levaram para o Orfanato Tothill. Acho que ficamos lá uns dois meses.

— Foi onde eu as encontrei — Sebastian disse. — Para ser mais exato, onde Morton Black as encontrou.

— E por isso que você...

— Sim, Hope, foi por esse motivo que resolvi comprá-lo. Sebastian sabia o que ela ia dizer e não queria que as irmãs ouvissem sobre o chá com as órfãs e todo o resto. Ele temera que elas fossem reconhecidas por alguém de lá.

— Lady Elinore não sabe que elas estiveram no orfanato. Minhas irmãs foram registradas como Carrie e Doreen Morgan, não como Cassandra e Eudora Reyne. Na época, a mãe de lady Elinore estava morrendo, e ela andava sem tempo para cuidar do orfanato.

— Bem, não sei sobre vocês meninas, mas acho que precisamos celebrar.

— Celebrar, srta. Hope?

— Claro, Cassie! Temos muito motivos para uma celebração. Primeiro, vamos comemorar a fuga de Dorie das mãos do terrível Albert Watts. Depois, o fato de ela ter voltado a falar. E temos ainda sua brilhante fuga da terrível tia Sadie. E ainda tem mais!

Todos olhavam para ela, e Hope sorriu.

— Cassie e Dorie cavalgaram pela primeira vez, e as duas se saíram muito bem. Por isso devemos ir ao Teatro Astley nessa tarde para assistir ao maravilhoso espetáculo. Lá, vocês poderão ver os truques da amazona que me inspiraram quando cheguei a Londres.

Hope ficou de pé com um movimento gracioso que deixou Sebastian com a boca seca.

— Vou para casa me trocar. Vocês podem passar lá para irmos todos juntos ao teatro. Quem sabe depois do espetáculo seu irmão não nos leva para um sorvete no Gunter's?

As meninas pulavam e imploravam para Sebastian, como se todo o terror já tivesse sido esquecido.

Cassie e Dorie subiram para mudar de roupa, e Sebastian e Hope ficaram a sós.

— Pensei que iria ser muito pior.

— Eu também.

— Ainda não lhe agradei por ter salvado Dorie. — Sebastian a enlaçou, beijando-a com ternura. — Você não salvou apenas minha irmã, mas a todos nós. A mim sobretudo. Já disse que te amo, srta. Hope Merridew?

Ela deu-lhe um beijinho no queixo.

— Se eu o salvei foi por razões puramente egoístas. Também te amo, Sebastian Reyne.

Hope sorriu para ele com tanto amor que só lhe restou beijá-la de novo.

— Tem mesmo de trocar de roupa? — Sebastian sussurrou-lhe. — Você está linda!

— Sim, tenho. — E, soltando-se dele, Hope se encaminhou para a porta.

Mas, para supremo espanto de Sebastian, em vez de sair ela girou a chave na fechadura.

— Temos meia hora, sr. Reyne.

A roupa de montaria dela era de veludo azul, mas quando Sebastian desabotoou a jaqueta, ele viu que por baixo havia apenas uma delicada blusa de seda transparente que expunha até mesmo o tom róseo da pele de Hope. Ele a recostou com cuidado num divã.

Então, Sebastian a beijou, com tamanha intensidade que seu gosto invadiu a boca de Hope, instigando os sentidos, acelerando os batimentos cardíacos e fazendo-a corar. Ela retribuiu o beijo, agarrando-se àqueles ombros poderosos que um dia a intimidaram.

Mas agora a força dele estava a seu dispor. E ela queria isso, queria tanto que chegava a ficar assustada.

Hope abriu o casaco de Sebastian, desabotoou-lhe a camisa e suas mãos deslizaram por aquele tórax largo.

Sebastian emitiu um gemido surdo, e Hope orgulhou-se de seu próprio poder de sedução. Ele, então, tocou com delicadeza aquelas saliências perfeitas.

Hope tombou a cabeça para trás e se curvou, experimentando uma onda lasciva percorrendo-lhe o corpo todo.

Sebastian beijava seus seios macios, e Hope quase gritou de tanto prazer.

— Eu quero mais, Sebastian! Mas, de repente, ele parou.

— Não aqui, nem agora. Eu a quero como minha esposa, Hope Merridew. Aceita se casar comigo?

Hope achou que seu coração iria sair pela boca. E com um sorriso trêmulo respondeu:

— Sim, Sebastian Reyne, eu aceito seu pedido, com muita honra. Agora, continue, por favor!

Ele riu.

— Muito bem, a senhorita manda!

E suas mãos e seus lábios voltaram a provocá-la, passeando por lugares nunca antes explorados por nenhum outro homem.

Hope delirava. Quando deu por si, estava largada no sofá, e Sebastian a observava com um leve sorriso.

— Minhas irmãs descerão a qualquer momento.

Hope consultou o relógio em cima da lareira. Para seu assombro, meia hora se passara. Mas ainda queria mais. Foi quando se lembrou do que Sebastian dissera: *Eu a quero como minha esposa, Hope Merridew*. Ela ia se casar com Sebastian Reyne!

Após o passeio, Sebastian foi até a delegacia, onde Albert Watts fora encarcerado, e contou tudo que sabia sobre o sujeito, pois estava determinado a poupar Cassie e Dorie de um possível depoimento. Mas o delegado afirmou que não seria necessário, pois o miserável morrera na prisão uma hora antes. Um antigo inimigo, que Albert encontrou na prisão, o estrangulara.

Capítulo X

Pelo menos já entrei no espírito da festa. Enquanto você... — Giles olhou Sebastian de cima a baixo. — ...nem mesmo se fantasiou!

— É um baile de máscaras, não é? Estou usando uma máscara.

— E um baile de máscara inspirado nos ciganos húngaros!

— Fantasiei-me de cigano discreto, e não de cigano refinado — Sebastian disse, com ironia. — Além do mais, você está bonito o suficiente para nós dois. O lenço na cabeça e o brinco dourado caíram-lhe muito bem, amigo!

Giles ficara um perfeito cigano, e aquilo estava divertindo muito Sebastian.

— Acho-me ridículo.

— E está mesmo. Mas não se preocupe, todos estarão também. De fato, pelos poucos convidados que já haviam chegado, Giles

pôde constatar que não iria chamar a atenção. Algumas pessoas fizeram questão de incorporar o espírito cigano com muita vontade, e pareciam ter vindo de uma tribo nômade direto para a festa.

— Não importa, é tudo uma brincadeira!

— Sendo assim, vamos a ela! Bem, você não terá dificuldades para encontrar lady Elinore no meio da multidão colorida. Garanto que ela será a única de cinza.

Giles suspirou.

— Não faço idéia de onde Elinore encontra aqueles trajes. Aliás, está em cima da hora. E se ela não vier?

— Por que não viria, Giles?

— Quem sabe o que se passa na cabeça daquela mulher! Ofereci-me para acompanhá-la, mas Elinore recusou! Ela me recusa! Quem imaginaria que alguém igual a

ela, que jamais teve companhia, teria o desprazer de recusar um convite!

— Não se aborreça. Hope nem chegou ainda; portanto, tenha paciência. Por que não vai dar uma volta, Giles? Há muitas moças bonitas aqui. Não sei se são as máscaras ou as fantasias, mas elas me parecem mais bonitas, hoje.

— Não acredito!

— O quê? — Sebastian se virou para a direção em que Giles apontava.

A escadaria se dividia em duas, que terminavam no salão. Hope e sua irmã gêmea desciam de braços dados com tio Oswald e o conde Rimavska pelo lado direito, enquanto lady Augusta, inconfundível num vestido cheio de plumas verdes e laranja, vinha pelo lado esquerdo acompanhada de outras duas damas.

Sebastian só tinha olhos para sua amada.

— Enfim, ela chegou!

— Que ultraje!

Só então Sebastian viu o que o amigo via. O vestido de lady Augusta era mesmo muito chamativo, mas Giles não precisava se irritar por isso. Além do mais, Sebastian tinha olhos apenas para Hope.

Seu peito se comprimiu e a boca secou ao admirá-la. Hope parecia uma miragem em creme e dourado. Seu vestido era de seda, com nuances de âmbar que pareciam ondas de mel escorrendo por seu corpo à medida que ela se movia. O corpete do vestido era de veludo âmbar mais escuro, com um laço quase transparente no centro. Detalhes dourados no decote davam um acabamento fino e ao mesmo tempo provocativo.

Hope estava absolutamente maravilhosa. Encantadora. Deliciosa.

Giles explodiu:

— Aquele vestido é uma afronta à decência! Quem a vestiu daquela maneira?! Tenho certeza de que foi forçada!

A veemência tirou Sebastian de seu estado de contemplação, mas Giles ainda fitava o lado esquerdo, e não Hope.

— A quem se refere. Giles? Lady Augusta?

— Oh, não seja tolo!

Sebastian tornou a olhar.

— Não vejo nada de mais. De quem está falando, afinal?

— Lady Elinore, droga! Vou pôr um ponto final nisso agora mesmo!

— Lady Elinore? Onde?

Giles não esperou por mais nada e começou a se misturar à multidão, seguindo na direção das escadas. Sebastian deu mais uma olhadinha em Hope e seguiu o amigo.

— Elinore, o que significa isso?!

Sebastian piscou. Será que seu amigo estava embriagado? Ele discutia com uma dama mascarada que decerto não era Elinore Whitelaw. Aquela dama usava um vestido vermelho brilhante com um decote muito profundo e sensual, que era salvo da total indecência apenas por um babado preto transparente que mal o encobria. Seus cabelos foram presos para cima, com cachos que pendiam e se misturavam a penas vermelhas, fitas pretas e pedras cintilantes.

Não era possível que aquela elegante criatura pudesse ser lady Elinore. Sebastian cutucou o amigo, mas Giles não lhe deu atenção.

— Quem foi o responsável por isso, Elinore?! — Giles encarava lady Augusta.

— Boa noite, Giles. — Lady Augusta sorriu-lhe. — Responsável pelo quê? Pelo baile? Foi lady Thorn, é claro. Em homenagem ao conde Rimavska. Que cigano bonitinho você ficou, Giles! Giles ficou vermelho, mas conteve-se o suficiente para não ser mal-educado.

— Elinore!

A pequena dama não disse uma palavra. Apenas olhava para ele com uma expressão orgulhosa.

— Giles, venha comigo. — Sebastian puxava o amigo, pelo braço. — Você está enganado...

Giles se livrou da mão de Sebastian, furioso.

— Elinore, quem fez isso a você?! Por fim, a dama resolveu falar:

— Acho que não nos conhecemos, senhor. Por favor, tenha a bondade de nos dar licença.

— Não seja ridícula, Elinore!

A lady levantou um leque de marfim e bateu com ele no peito de Giles, dizendo:

— Saia de meu caminho, sim?

Confuso, Giles deu-lhe passagem, e a pequena dama de vermelho deslizou, impetuosa, de nariz empinado. Lady Augusta a seguiu, dando uma paradinha para beliscar a face de Giles.

— Se você se comportar, eu apresento a minha amiga mais tarde.

— Aquela mulher é uma bruxa! — Giles resmungou, esfregando o rosto, com raiva.

— Bem, a culpa é toda sua. — Sebastian meneou a cabeça. — Não era lady Elinore, e não entendo por que você insistiu tanto.

— Ficou cego, Bas?! Aquela é lady Elinore! Oh, Deus, o que eu fiz? Está usando uma roupa mais adequada a uma dançarina de ópera do que a uma lady!

Sebastian não conseguia acreditar que a dama de vermelho fosse mesmo lady Elinore, mas a certeza de Giles estava quase a convencê-lo.

— Se for mesmo lady Elinore, acho que você deveria ficar feliz por vê-la mais elegante e usando uma cor mais alegre.

— Mas vermelho?! Oh, o que eu fiz? — repetiu.

— O que você fez, Giles?

Giles cerrou as pálpebras, angustiado.

— Eu a seduzi no armário! E de novo na escada da ópera.

— O quê?!

— Calma. Ela ainda é virgem. Mais ou menos... Agora, olhe para Elinore, Bas! Está vestida como uma perdida! E por minha culpa! Esmaguei todos os princípios dela, joguei sua moral no lixo, ignorei seus limites. Pensei que estivesse gostando do que fazíamos, pois ela nem me espetou com o alfinete. Com todos os princípios rígidos que tem, na certa sentiu-se uma dama de vermelho, uma prostituta. Eu a destruí!

Sebastian ponderou a respeito e concluiu que a mulher de vermelho não parecia estar com vergonha de nada. Na verdade, a impressão que se tinha era de que apreciava muito a situação.

— Se é isso o que acha, então conserte a situação, Giles.

— Mas como?

— Só existe uma saída honrosa para apagar os pecados da carne.

Giles o encarou, assustado.

— Peça-a em casamento.

Casar?! Com lady Elinore? Eu?!

— É uma solução honrosa para o problema, meu caro Giles. Bem, agora preciso convidar a srta. Hope para dançar. Venha comigo. Quem sabe você não consegue uma dança com a dama de vermelho?

Sebastian abria caminho, e Giles o seguia.

— Srta. Hope... — Sebastian se inclinou, numa reverência. A senhorita corou, desejando que estivessem a sós e longe de todos.

Sir Oswald pigarreou para chamar a atenção, e Sebastian cumprimentou o nobre senhor e os demais.

— Srta. Hope Merridew, eu gostaria de ter a honra da próxima dança com a senhorita.

— Sim, é claro. — Hope apanhou seu caderninho e disse, enquanto anotava: — Colocarei seu nome para a próxima dança e para a última valsa, sr. Reyne.

Por um momento Sebastian mal pôde respirar. Será que escutara direito? Hope anotara o nome dele para a última valsa!

A sra. Jenner, logo ao lado, fez uma careta. Sir Oswald ficou surpreso. Um murmúrio se fez ouvir entre o grupo masculino que os cercava. Hope jamais escrevia o nome de ninguém para a última valsa.

Sebastian beijou-lhe a mão.

— Contarei os segundos. — Então, virou-se para sir Oswald. — Gostaria de falar em particular com senhor.

— Pois não, sr. Reyne. Acompanhe-me, por favor.

— É melhor o senhor fazê-la muito feliz, meu jovem!

— Será missão de minha vida — Sebastian afirmou, emocionado.

Sir Oswald abençoara a união sem questionar. Sebastian mal cabia em si, tamanho seu júbilo.

— Mande investigar-lo, Reyne. Você foi muito esperto!

— Em que sentido, sir?

— Saiu-se muito bem nos negócios. — Oswald lançou um olhar astuto para Sebastian. — Dizem que se casou com a filha do patrão por interesse.

— Dizem isso?

— Não passa de conversa, não é? Descobri que o pai dela arranhou a união, pois estava interessado em sua perspicácia para os negócios.

Sebastian não negou. Aquela era a pura verdade. O que escapara a sir Oswald eram os sentimentos de Sebastian. Na época, ele tinha vinte e três anos e, apesar de não amar Thea, nutria esperanças de vir a reconstruir sua família. Mas as coisas não deram certo.

— Pelo que ouvi dizer, ela não era uma mulher fácil. Muito mimada...

Sebastian deu de ombros.

— Dizem também que você era um marido exemplar, fiel e paciente.

Sebastian retomou seu ar de desinteresse. Aquele assunto o deixava desconfortável.

— Como sua mulher morreu?

— Foi encontrada coberta de sangue. Sofreu um aborto, um mês após a morte do pai.

— Foi o que ouvi. Mas verifiquei com o médico. Aquele não foi o primeiro aborto, foi?

— O senhor é muito cuidadoso.

Sir Oswald sentiu-se envaidecido.

— Não, aquele não foi o primeiro aborto, sir. Eu não queria que ela se arriscasse mais, porém seu pai tinha verdadeira obsessão por um herdeiro.

— Não entendo por que você não calou os comentários que surgiram, após o falecimento de Thea.

— As pessoas acreditam no que querem.

— Rastreei sua família, também.

Sebastian se enfureceu.

— O senhor não tinha esse direito! Minha família não é de sua conta!

— Por que, afinal, esconde as suas origens? Por orgulho? Isso não o levará a lugar algum, meu rapaz. Primo do conde de Reyne... Por que esconde esse detalhe?

— Não somos parentes.

— Eles não o consideram?

— Eu não os considero. O conde de Reyne abandonou minha mãe, meu irmão e dois bebês quando mais precisávamos dele.

Oswald o fitou com compaixão.

— Entendo. O novo conde deve ter mais ou menos sua idade e não tem nada a ver com o que houve no passado.

Sebastian não se importava com aquela parte da família e esperava que o velho conde, para quem a mãe dele escrevera inúmeras cartas pedindo auxílio, estivesse ardendo nas profundezas do inferno.

— Deveria procurá-lo, meu jovem. Garanto que ele irá recebê-lo de braços abertos. Pense na vantagem que um título traria para suas irmãs. E nos pretendentes que surgirão.

Sebastian continuava com o mesmo ar de desinteresse, mas sir Oswald já tinha seus próprios planos.

— Bem, vamos tratar do casamento, então. Em que igreja será?

— A que Hope escolher estará bem para mim.

— St. George será perfeita, então.

— Tia Augusta andou aconselhando lady Elinore, mas o sr. Giles se enganou ao imaginar que ela foi forçada a vestir-se daquela maneira. — Hope dizia a Sebastian, rodopiando pela pista nos braços dele. — Achei que seu amigo fosse estrangular o pobre sr. Hathaway quando ele tirou Elinore para dançar!

— Sabe, meu bem, não faz diferença para mim se lady Elinore está vestida como um fantasma cinzento ou à vontade como lady Godiva. E muito menos se Giles estrangulará alguém. A noite está apenas começando, a música está tocando e tenho você em meus braços. Não exatamente do jeito como eu queria... mas por enquanto serve.

Hope se esqueceu de imediato de lady Elinore e dos outros. Sua boca secou ao lembrar-se da sensação maravilhosa dos lábios de Sebastian beijando seu corpo.

Quando a valsa terminou, os convidados foram surpreendidos pelo som de um violino vindo do jardim.

— O conde, Sebastian! Lady Thorn disse que no fim da noite haveria uma queima de fogos! Vamos ver? Adoro fogos de artifício.

Todos se aglomeravam no terraço, atraídos pela bela melodia. Das sombras só era possível identificar a silhueta do conde e de seu violino. A música que saía do instrumento parecia um lamento que penetrava, indelével, nos corações.

Não era para menos que Faith não podia resistir, Hope concluiu. O tal conde era a personificação do herói romântico, e sua música era arrebatadora.

Hope sentiu o braço forte do homem que estava ao seu lado, segurando-a pela cintura. Nenhum herói imaginário poderia superar seu Sebastian.

Logo após os últimos acordes, a escuridão noturna foi iluminada por uma chuva de estrelas brilhantes. A queima de fogos começara.

Os convidados assistiam encantados e aplaudiam cada novo estouro.

Hope e Sebastian olhavam, fascinados. Ele, no entanto, estava mais fascinado pelo rosto dela e pela alegria que ela emanava.

Sob o pretexto de procurar um local para verem melhor a queima, Sebastian a conduziu para fora do terraço e parou num ponto onde poderia roubar-lhe alguns beijos. Todos os demais fitavam o firmamento, sem se preocupar com o que se passava ao redor, mas quando Sebastian se inclinou para beijar Hope mais uma vez, algo chamou-lhe a atenção.

— Olhe! — Sebastian apontou para um cigano loiro aos abraços com uma pequena

lady vestida de vermelho.

— Fico feliz por eles. Acho que o amor está no ar!

Sebastian recebeu um chamado urgente de Hope.

— Minha irmã Charity entrou em trabalho de parto — Hope explicou assim que ele chegou. — Partiremos hoje para Carradice Abbey.

— Mas pensei...

— Sim, eu sei, mas minha irmã Prudence também está grávida, e as viagens de carruagem a deixam muito enjoada. Por isso, Charity e o marido, Edward, foram para Carradice Abbey alguns meses antes para esperar pelo nascimento. Prudence quer estar junto dela.

— Entendi.

Sebastian sentiu um aperto no peito. Ela estava prestes a deixá-lo, justo agora, que haviam se acertado.

— Quando nos veremos? Hope tomou-lhe as mãos.

— Venha conosco. Traga suas irmãs. Gideon e Prudence não se importarão. Eles irão adorá-las. Quero você comigo, Sebastian. Charity é a primeira de nós a dar à luz, e não a vejo há tempos.

Hope temia pela irmã, ele percebeu. Muitas mulheres morriam ao ganhar bebê. Sebastian se lembrou de Thea, morrendo sozinha.

— Se você quer, então eu irei.

Uma hora depois, uma fila de carruagens se achava pronta para partir. Para surpresa de Sebastian, lady Augusta se encontrava entre o grupo.

— Não perderia isso por nada deste mundo, meu rapaz! — ela explicou. — Estou prestes a me tornar tia-avó, pois as duas irmãs são casadas com sobrinhos meus.

Fizeram uma excelente viagem e pararam em Leicester para pernoitar. A hospedaria era pequena, limpa e confortável; e ficou lotada com a presença deles.

As damas foram acomodadas no andar de cima, onde água quente as esperava para um banho. Depois de se alimentar muito bem, todos se recolheram para um merecido descanso.

Sebastian não podia dormir antes de verificar se estava tudo em ordem com as irmãs, e gostaria também de poder dar um beijo de boa noite em Hope. Mas ela dividia o quarto com Faith. Desse modo, só lhe restou voltar para seus aposentos e tentar dormir, apesar das gotas de chuva que batiam em sua janela.

De repente, seguida de duas batidas, a porta de seu quarto se abriu.

— Você está dormindo? — Era Hope, usando apenas uma camisola de flanela, com as faces rosadas e os cachos dourados pendendo sobre o rosto.

Sebastian ia se levantar, mas então lembrou-se de que estava nu e se enrolou na coberta.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não consigo conciliar o sono. — Ela caminhou na direção da cama. — Quero ficar com você.

— Mas você não deveria...

— Pois é. — Hope subiu no colchão e se ajoelhou, parecendo triste e mais linda que nunca. — Odeio quando não consigo dormir. Preciso que me abrace, Sebastian.

Era irresistível. Por isso, ele abriu os braços e ela se aconchegou, acariciando os pêlos do peito dele.

Lutando contra o desejo, Sebastian a afastou com gentileza e cobriu o tórax. Não seria cavalheiro de sua parte tirar a virgindade de uma dama numa pequena estalagem enquanto o tio dela e o restante da família dormiam ao lado.

Hope tremia de frio. Sebastian se abaixou e pegou outro cobertor para ela, isolando-se da maciez de sua pele.

— Mas quero me esquentar em você!

— Não pode, Hope. Estou sem roupa de dormir.

— É mesmo? — Ela arregalou os olhos e fitou os ombros nus, fascinada. Estendeu a mão e o tocou, arranhando-o de leve como uma gata.

A paixão de Sebastian aumentou, assim como sua determinação de tratá-la como uma virtuosa inocente merece. Não violaria a castidade de Hope mesmo que isso o matasse.

Hope tirou a coberta de cima de si, aumentando ainda mais a agonia dele. Aproximou-se e sentou-se no colo de Sebastian. A camisola, um pouco erguida, mostrava parte de suas pernas bem torneadas.

— Não sou uma criança, Sebastian.

Hope se mexeu para se acomodar melhor, e Sebastian gemeu. Ela respondeu com um sorriso malicioso. Mais um movimento e então se inclinou para a frente e começou a acariciar os ombros dele. Suas mãos deslizavam, passeando pelo peito até chegar aos braços. Os músculos de Sebastian respondiam ao ritmo dela.

— E pensar que eu tinha medo disto... — Hope sussurrou. — Adorável! Diga-me, pretende continuar com o cavalheirismo, Sebastian?

— Estou tentando bravamente...

— Mas nós não vamos nos casar?

— Você sabe que sim.

— Nesse caso, por que esperar? Quero você, Sebastian. Não me quer também?

— É lógico que sim!

Ela mordiscou-lhe um mamilo.

— Seu tórax é maravilhoso. Perco as forças só de olhá-lo. — Os olhos dela brilhavam. — Poderia fazer amor comigo, por favor?

Como se apenas ela quisesse!

Um tremor violento sacudiu Sebastian. Restava-lhe apenas colocar-se à disposição de sua lady inocente. Naquela noite, tudo seria para ela.

— Você está bem, meu amor?

Hope se espreguiçou. A chuva ainda caía lá fora, respingando suas gotas na vidraça.

Como as coisas poderiam estar do mesmo jeito quando ela sentia-se tão diferente?

— Querida, como se sente? — Sebastian insistiu, ansioso.

Hope pensava na resposta, tentando encontrar a melhor maneira de descrever a sensação.

— Sinto-me diferente. Como se fosse uma nova pessoa; e por sua causa, Sebastian Reyne.

— Você é linda, meu amor. Por dentro e por fora; e hoje fez de mim o homem mais feliz do mundo.

Ela o abraçou, murmurando:

— Eu te amo, Sebastian.

— Também te amo, minha Vênus.

Hope adormeceu nos braços dele, sorrindo.

O vento soprava lá fora, e Sebastian Reyne, deitado na cama daquela pequena hospedaria, não cabia em si de felicidade.

Durante a madrugada, ela acordou, e eles fizeram amor mais uma vez antes de

Hope voltar para seu quarto, nas pontas dos pés.

No fim da tarde, a fila de carruagens chegava diante dos portões de ferro de Carradice Abbey, uma construção imponente de três andares em estilo clássico.

Assim que os veículos pararam, todos viram que um cavaleiro os aguardava com um amplo sorriso no rosto.

— Gideon! — Grace saltou da carruagem e correu para abraçar o cunhado.

Ele a enlaçou e a encheu de beijos.

— Como vai, garota sapeca? Eu estava com saudade! Hope explicou a Sebastian:

— Aquele é meu cunhado, lorde Carradice, marido de Prudence. Grace o adora!

Grace ainda abraçava o cunhado, que retribuía com risos os carinhos da menina.

— Como você cresceu, menina! Ou devo chamá-la de tia?

— Gideon! Quer dizer que...

Hope e Faith haviam acabado de se aproximar.

— O bebê já nasceu? Menino ou menina? E saudável? Quando foi? Charity passa bem?

Gideon pôs Grace no chão e deu um beijo em cada uma das gêmeas.

— Tudo bem, queridas. Vou responder a todas as perguntas, mas antes me deixem abraçar minha querida tia Gussie!

Para assombro de Sebastian, Gideon ergueu lady Augusta nos braços e rodopiou como se estivesse segurando uma pluma. Ela ainda gargalhava quando ele a colocou de volta no chão.

— Maluco! Pare com isso! Quero saber das novidades, Gideon. Vamos, conte!

— Charity passa bem, apesar do cansaço. O bebê é uma menina e nasceu há dois dias. Ela é pequena e tem o rostinho vermelho, e cá para nós é feinha. Mas Edward, Charity e minha Prudence não aceitam isso; portanto, não lhes digam nada. A criança é forte e saudável, e seus gritos são ouvidos por toda a casa a intervalos regulares. Chama-se Aurora. Combina muito, pois é uma madrugadora. — Ele se virou ao ouvir um ruído. — O que eu lhe disse, tia?

Prudence se aproximou das gêmeas com lágrimas nos olhos. As três se beijavam e se abraçavam, enquanto lágrimas rolavam.

Gideon assistia, embevecido. Só então notou a presença de Sebastian e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Como vai? Muito prazer. Sou Gideon Carradice. Sebastian se apresentou e voltou seu olhar para Hope, dizendo:

— Ela está muito ansiosa.

— São todas muito apegadas. Minha esposa sente falta das irmãs. Ah, este é Edward, o orgulhoso papai!

Um homem de estatura mediana e rosto redondo vinha vindo, sorridente. Lady Augusta avançou, exclamando:

— Edward, meu garoto, parabéns!

— Obrigado, tia Gussie! A senhora está maravilhosa! Gideon já contou sobre o bebê? Ela é linda. Charity dorme, neste momento, mas ficará muito feliz em vê-los.

Edward cumprimentou cada um com um olhar agradecido, e então se virou para Sebastian.

— Como vai? Acho que não nos conhecemos ainda...

— Céus! Desculpe-me por minha falta de educação! — E Hope os apresentou.

— Vamos entrar — Prudence os convidou. — o chá ficará pronto em minutos.

Cassie e Dorie ficaram para trás, vendo a cena toda, um tanto intimidadas.

— Eles são mesmo uma família de verdade?

— Assim como nós, Cassie. — E Sebastian abraçou suas irmãs.

E, desse jeito, a pequena família Reyne entrou em Carradice Abbey.

Eles já terminavam o chá quando uma criada bateu na porta para anunciar que a sra. Charity despertara.

— Venham todos conhecer minha filhinha — Edward convidou.

Lady Augusta, Hope, Faith e Grace saíram na frente. Edward olhou para Cassie e Dorie:

— Vocês não gostariam de vê-la, também? Uma vez que seu irmão irá se casar com Hope, isso as tornará tias de Aurora.

Cassie e Dorie olharam espantadas para Sebastian, pedindo uma confirmação. Ele fez que sim; cometera um erro por não ter informado as irmãs. Mas tudo ocorrera tão de repente que ele ainda não tivera tempo para comunicar as meninas.

— Nós já sabíamos que você ia se casar com a srta. Hope — Cassie se adiantou. — Mas não esperávamos que com isso ganhássemos novos parentes. Se Hope é nossa cunhada, então Grace será quase uma irmã para nós?

— E nós seremos mesmo tias do bebê? De verdade? — Dorie indagou.

Sebastian assentiu, um tanto assombrado com as conclusões delas.

Edward estendeu-lhes as mãos.

— Venham, vamos ver o bebê.

Sem hesitar, as duas o acompanharam, e Sebastian ficou satisfeitíssimo por ver que as irmãs progrediam cada vez mais, e vinham aprendendo a confiar mais nas pessoas.

Edward parou no meio do caminho e olhou para trás:

— Acompanhe-nos, Reyne. Queremos reunir a família toda. Emocionado, ele os seguiu. Não lhe ocorrera ainda que também ganhara uma nova família.

Sebastian observava a cena maravilhosa: a família toda reunida admirava o novo membro. Todos sorriam e faziam comentários sobre a beleza e saúde da criança. Cassie e Dorie até foram convidadas para segurar a nova sobrinha. Muito alegres, as meninas se revezaram, e parecia que tinham nas mãos uma bonequinha muito frágil.

Ele tinha muito mais do que poderia ter sonhado, e o pensamento lhe causou um arrepio. E se tudo aquilo escapasse a seu controle, de uma hora para outra? Isso já lhe acontecera antes. As coisas poderiam dar errado. Famílias se desfaziam por um simples capricho do destino. Planos davam errado... se não fossem postos sem ação de uma vez por todas.

Com isso em mente, se aproximou de Hope.

— Vamos nos casar o quanto antes. Sir Oswald se espantou e interveio:

— Serão necessários alguns meses para acertar tudo, meu rapaz. Não é fácil conseguir um lugar numa igreja como a St. George.

Hope fitou Sebastian com imensa ternura.

— Quando será o batizado de Aurora, Edward?

— Em três semanas, Hope.

— Sendo assim, Sebastian, nosso casamento se realizará no dia seguinte ao do batizado. Aproveitaremos a presença dos amigos e familiares para nos casar na pequena e charmosa igreja St. Giles.

Sebastian se inclinou e a beijou.

— Perfeito!

Sir Oswald, vendo que seus planos para uma grande festa se desfaziam, expressou sua tristeza:

— Será que nenhum membro de nossa família irá se casar na St. George?

Lady Augusta quebrou o silêncio que pairava no ar:

— Se você quiser, Oswald, eu me caso lá com você.

— Quer dizer que depois de todos esses anos, finalmente, você aceita meu pedido, Gussie?

— Sim, amor.

Oswald se levantou e cobriu sua amada de beijos, e todos ao redor se emocionaram.

Epílogo

O caminho que ligava Carradice Abbey à igreja St. Giles era curto, estreito e deslumbrante, com centenas de árvores cobrindo sua extensão. St. Giles era uma igreja do século XVI, com vitrais coloridos, paredes e piso de pedras que mantinham suas marcas do tempo e das famílias que por ali passaram.

O interior fora maravilhosamente decorado com flores coloridas e de variadas espécies e aromas, que perfumavam todo local.

Uma coroa feita com as mesmas flores cobria uma lápide do lado de fora, pertencente aos pais das irmãs Merridew.

Na primeira fileira, sentavam-se Prudence e Gideon, Edward e Charity; e a mãe de Giles, na fileira ao lado. Atrás dela, lady Gosforth e um grupo de amigos. Os demais convidados Sebastian não fazia idéia de quem eram.

Prudence fez um sinal para o marido. Sebastian e Giles haviam passado os últimos dez minutos olhando para a entrada da igreja. Era difícil dizer qual dos dois estava mais nervoso, se Giles ou Sebastian. Naquele momento, eles cochichavam.

— Gostaria de saber o que eles tanto conversam! — Prudence meneou a cabeça.

— Mas ela não tem seios! — Sebastian disse. — Como você pode se casar com uma mulher que não tem seios?!

— O quê? — Giles franziu o cenho. — Elinore tem seios, sim. São pequenos, especiais e estou viciado neles.

Sebastian se divertia imensamente.

— Mas ela o achava repugnante!

— Pois mudou de idéia.

— Achei que Elinore fosse uma mulher de juízo.

— E é, por isso me escolheu em vez de você, Bas. Isso mostra que tem bom gosto.

— Pobre rapaz... Pelo que me lembro, a única paixão de Elinore é o trabalho com órfãos e necessitados. Você é um dos necessitados?

— Estou longe de ser. — Giles sorriu. — Lembra-se do fascínio dela pela ciência?

— Sim. Mas o que você tem a ver com isso?

— Elinore pretende passar os próximos vinte anos ou mais investigando algumas das teorias da falecida mãe. E eu serei seu assistente.

Sebastian lembrou-se de algumas das estranhas teorias de lady Ennismore, e nenhuma delas chegou a lhe despertar algum interesse.

— Deve estar brincando... Que teorias, Giles?
— Aquelas sobre os desejos incontrolláveis dos homens.
Sebastian riu.

— Serei a única cobaia. O desafio será exaustivo, sem dúvida, mas a ciência merece meu sacrifício.

As portas de carvalho se abriram, e as mentes deles se esvaziaram. A música do órgão tocou, e Sebastian e Giles engoliram em seco, estufaram o peito e se colocaram diante do altar.

Quatro damas de honra entraram na frente, espalhando beleza e juventude. Primeiro Cassie e Dorie, e em seguida Faith e Grace.

Após um breve suspense, Hope veio, de braços dados com tio Oswald. Ela era uma visão em seda branca e renda, e Sebastian não tinha olhos para mais ninguém e mais nada; só para a bela dama que parecia flutuar em sua direção.

Logo atrás, lady Elinore deslizava de braços com um primo distante de Giles. Era uma pequena figura num belo vestido creme de renda. As pupilas de Giles cintilaram, e ele deu a impressão de que iria explodir de emoção.

A música terminou, e o padre se aproximou para dar início à cerimônia de casamento de Sebastian Reyne com Hope Merridew, e Giles Bemerton com Elinore Whitelaw.

Mais tarde, houve risos e lágrimas, beijos e abraços. E no final do dia, uma bela festa com muita música e dança.

Hope e Sebastian se beijavam na varanda. A noite estava fresca, e eles não viam a hora de escapar para terem, enfim, sua primeira noite de amor como marido e mulher.

Mas antes a valsa os convidava.

— Dance comigo, meu marido. — Hope estendeu-lhe as mãos. — E a última valsa, e sabe muito bem que só danço com você.

Sebastian não respondeu. Durante todo o dia ele falou pouco, duvidando que conseguiria dizer algo. Pois seu coração estava muito sensível para se expressar em simples palavras.

Hope o resgatara das sombras do passado para sua luz própria e especial: a luz do amor.

Sebastian abraçou sua Hope, beijando-a com paixão. Enquanto se beijavam, seus corpos se moviam no ritmo da música; devagar e tão próximos que não havia nenhum espaço entre os dois. Eram duas pessoas dançando como se fossem uma, como se fizessem parte da melodia, no calor noturno, sob a luz do luar.

E aquela foi a valsa perfeita.

FIM

Anne Gracie

passou a infância e a juventude viajando. O estilo de vida nômade lhe ensinou que o humor e o amor são linguagens universais e que os bons livros têm o dom de nos fazer sentir em casa, seja qual for o lugar onde estamos. Quando não está escrevendo, Anne dá aulas de literatura.